

# Revista

2015 • novembro

CULTURA E EXTENSÃO USP

14



# Revista

2015 • novembro • volume 14

CULTURA E EXTENSÃO USP



Presença em diretórios e bases de dados: Catálogo Latindex ([www.latindex.unam.mx](http://www.latindex.unam.mx)) e Portal Periódicos Capes ([www.periodicos.capes.gov.br](http://www.periodicos.capes.gov.br))

## UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO

### Reitor

Prof. Dr. Marco Antonio Zago

### Vice-Reitor

Prof. Dr. Vahan Agopyan

### Pró-Reitora de Cultura e Extensão Universitária

Prof. Dra. Maria Arminda do Nascimento Arruda

### Pró-Reitor de Graduação

Prof. Dr. Antonio Carlos Hernandes

### Pró-Reitora de Pós-Graduação

Prof. Dra. Bernadette Dora Gombossy de Melo Franco

### Pró-Reitor de Pesquisa

Prof. Dr. José Eduardo Krieger

## PRÓ-REITORIA DE CULTURA E EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA

### Pró-Reitora de Cultura e Extensão Universitária

Prof. Dra. Maria Arminda do Nascimento Arruda

### Pró-Reitor Adjunto de Cultura

Prof. Dr. João Marcos de Almeida Lopes

### Pró-Reitor Adjunto de Extensão Universitária

Prof. Dr. Moacyr Ayres Novaes Filho

### Assessor Técnico de Gabinete

Prof. Dr. José Nicolau Gregorin Filho

### Assessor Técnico de Gabinete

Prof. Dr. Rubens Beçak

### Assistente Técnico do Gabinete

Cecílio de Souza

### Assistente Técnico do Gabinete

Eduardo Alves

### Chefe da Divisão de Ação Cultural

Juliana Maria Costa

### Chefe da Divisão Acadêmica

Kely Cristine Soares da Silva Mendes

### Chefe da Divisão Administrativa e Financeira

Valdir Previde

## CONSELHO EDITORIAL

Alexis Lyras (Georgetown University)

Heloísa André Pontes (UNICAMP)

Izabel Madeira de Loureiro Maior (UFRJ)

Marc Jimenez (Université Paris 1 Panthéon-Sorbonne)

Maria das Dores Guerreiro (Instituto Universitário de Lisboa)

Maria Ruth Amaral de Sampaio (USP)

Marisa Midori Deaecto (USP)

Mônica Almeida Kornis (FGV)

Patrizia Calefato (Università degli Studi di Bari)

Plínio Martins Filho (USP)

Vinícius Pedrazzi (USP)

Wrana Maria Panizzi (UFRGS)

## COMISSÃO EDITORIAL

### Editores Responsáveis

Prof. Dra. Diana Helena de Benedetto Pozzi

### Editores Associados

Prof. Dr. Bruno Roberto Padovano

Prof. Dra. Primavera Borelli

Prof. Dra. Suzana Helena de Avelar Gomes

Prof. Dr. Waldenyr Caldas

### Assistente Editorial

Verônica Cristo

Universidade de São Paulo. Pró-Reitoria de Cultura e Extensão Universitária

Revista de Cultura e Extensão USP/  
Pró-Reitoria de Cultura e Extensão Universitária da  
Universidade de São Paulo. – N. 1 (jun./jul. 2009)  
- São Paulo, SP: Universidade de São Paulo, Pró-  
Reitoria de Cultura e Extensão Universitária, 2009-

Semestral.

ISSN 2175-6805 (versão impressa);

ISSN 2316-9060 (versão online)

1. Cultura. 2. Extensão. 3. Revista. I. Título

## REVISTA DE CULTURA E EXTENSÃO USP

Rua da Reitoria, 374, 2º andar

Cidade Universitária – São Paulo-SP – 05508-220

Serviço de Produção Editorial: (11) 2648-0495

prceu.usp.br/revista – revistacultext@usp.br

Portal de Revistas da USP – www.revistas.usp.br/rce

Os artigos assinados não refletem, necessariamente, a opinião dos integrantes da Comissão Editorial da *Revista de Cultura e Extensão USP* e nem da Pró-Reitoria de Cultura e Extensão Universitária, sendo todo o seu conteúdo de responsabilidade exclusiva de seus autores.

# Sumário

## Contents

### 5 EDITORIAL

EDITORIAL  
WALDENYR CALDAS

### ENTREVISTA

INTERVIEW

### 11 “Pensar em cidadania é pensar em cooperação social”

“To think about citizenship is to think about social cooperation”

entrevista com SÉRGIO ADORNO por COMISSÃO EDITORIAL

### OPINIÃO

OPINION

### 25 Afinal, o Que é Cidadania?

After all, What is Citizenship?

DIANA HELENA DE BENEDETTO POZZI

### ARTIGOS

ARTICLES

### 33 Energia e Sustentabilidade

Energy and Sustainability

JOSÉ GOLDEMBERG

### 45 As Práticas de Leitura Literária e a Literatura Infantil no Acervo do Estágio de Formação do Educador em Serviço – EFES: Resultados e Análises Preliminares de um Projeto de Pesquisa e Extensão Universitária

The Literary Reading Skills and the Children’s Literature in the Archives of Internship in Formation of the Educator in Service – EFES: Preliminary Results and Analysis of a University Research and Extension Project

GUSTAVO HATAGIMA

NEIDE LUZIA DE REZENDE

DISLANE ZERBINATTI MORAES

- 59** Cenário de Práticas para a Formação Universitária: O Olhar dos Estudantes  
Scenario of Practices Aimed at University Education: The Students' Perspectives  
ANA MARIA CERVATO-MANCUSO  
NADINE MARQUES NUNES  
ELISABETE AGRELA DE ANDRADE
- 73** Dia Sem Carne: Relato de um Projeto de Extensão  
Meatless Day: Report of an Extension Project  
ALINE CARVALHO  
JOYCE MARTINS  
CAMILA NEGRÃO  
SORAYA SELEM  
SAMANTHA ANDRADE  
VIVIANE VIEIRA  
REGINA FISBERG  
DIRCE MARCHIONI
- 83** Difusão de Ciências: Um Instrumento para Incluir Socialmente e Despertar  
Vocações Científicas e Tecnológicas em Jovens de Todo o País  
Science Dissemination: An Instrument for Socially Including and Awakening Scientific and Tech-  
nological Vocations in Youth Around the Country  
WILMA REGINA BARRIONUEVO  
VANDERLEI SALVADOR BAGNATO  
SERGIO PERUSSI FILHO  
EUCLYDES MAREGA JUNIOR
- 95** Divulgação Científica em Astronomia no Observatório Abrahão de Moraes  
Scientific Dissemination of Astronomy at the Observatory Abrahão de Moraes  
RAMACHRISNA TEIXEIRA  
ANA CECÍLIA SOJA  
LUCIENE DA SILVA COELHO  
RAFAEL MILONI SANTUCCI  
ELISA CAROLINA ARIZONO
- 109** Políticas de Controle da Desordem Urbana: A Experiência das Unidades  
de Ordem Pública na Cidade do Rio de Janeiro  
Controlling Urban Disorder: The Experience of the Public Order Units at the City of Rio de Janeiro  
LEANDRO PIQUET CARNEIRO  
BRUNO BONDAROVSKY
- 123** Saúde e Bem-estar na Obesidade: Paradoxo ou Possibilidade?  
Health and Wellness in Obesity: Paradox or Possibility?  
MARIANA D. ULIAN  
FERNANDA B. SCAGLIUSI  
PRISCILA DE MORAIS SATO  
BRUNO T. MODESTO  
FABIANA B. BENATTI  
ANTONIO H. LANCHÁ JUNIOR  
BRUNO GUALANO  
ODILON J. ROBLE  
RAMIRO FERNANDEZ UNSAIN
- 133** INSTRUÇÕES PARA O PREPARO E ENCAMINHAMENTO DOS TRABALHOS  
INSTRUCTIONS FOR PREPARING AND FORWARDING OF PAPERS

# Editorial

## Editorial

**O tema central deste número da nossa Revista não é novidade nem acontecimento inédito no Brasil. Não é também nada bombástico, porque não se trata de notícia do momento. Dito assim parece até que vamos tratar de um assunto desimportante, mas não é nada disso. Ao contrário, é justamente sua importância que nos fez pensar nele como tema principal desta edição. O prezado leitor, como considerável parcela da população brasileira, tem se preocupado com as relações entre Estado e sociedade, com os direitos e deveres do cidadão e seus respectivos reflexos na reconstrução e consolidação democrática em nosso país. Isso, no entanto, não se conquista da noite para o dia. Justamente por isso, o tema cidadania tem o destaque neste número.**

Nosso entrevistado desta edição é o sociólogo e Prof. Dr. Sérgio Adorno, diretor da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas (FFLCH-USP). A diversidade de perguntas permitiu ao professor analisar questões importantes no tocante às relações entre o Estado e a sociedade brasileira. Destacam-se como temas, em suas respostas, a democracia, a violência e a cidadania, entre outros. Para ele, pensando a situação econômica e política em que estamos vivendo, o país avançou em alguns aspectos significativos nos últimos trinta anos. Estamos em outro estágio, no que concerne à politização da sociedade. A cidadania é um dos claros exemplos desta evolução. Houve uma época em que não sabíamos precisamente como nos comportar diante de impasses entre o cidadão e o Estado, e até mesmo em assuntos que envolviam direitos e obrigações do cidadão para com a sociedade. Hoje estamos mais informados sobre essas questões. O cidadão tem consciência pública dos seus direitos, eles estão contemplados com muita clareza, especialmente a partir da Constituição de 1988, estão consagrados, e resta-nos reivindicá-los. Como diz nosso entrevistado ao falar dos direitos e deveres, "É preciso ser socializado desde a infância para aprender a respeitar as diferenças, ser tolerante, aprender que há horas em que é preciso ceder para se ganhar". Claro, seria insensato e até mesmo fora de propósito discordar da afirmativa do professor Adorno. Além disso, ele reconhece que a democracia, enquanto sistema político, tem suas

WALDENYR CALDAS

Universidade de São Paulo.  
Escola de Comunicações e  
Artes, São Paulo, Brasil

nuances, isto é, seus altos e baixos. Em certo momento de sua resposta sobre o tema ele nos diz o seguinte: "A demanda por direitos acompanha as mudanças societárias. Em alguns momentos, vivemos uma época de grandes avanços; e em outras, de crises. Isso acontece – e aqui eu vou usar o argumento de Marx – segundo o qual nenhuma sociedade propõe problemas que não possa resolver". Aqui cabe uma observação do nosso entrevistado, provavelmente uma das mais importantes quando falamos de democracia. Ele reconhece que as diferenças são legítimas e as considera compreensíveis. Há soluções para essa situação na sociedade capitalista? É bom que você pense nisso, caro leitor. Porém, o que não é aceitável, segundo nosso entrevistado, é formalizar as desigualdades hierárquicas premiando a riqueza e o poder. Perfeito! Este é o momento mais significativo da sua entrevista. Aproveito para concordar com a afirmação do professor Adorno. Ora, se para a Constituição brasileira, todos são iguais perante a lei, é difícil a sociedade entender e aceitar que um cidadão, apenas por ter um curso universitário, o que já é um privilégio, ao ser preso ter direito a cela especial. Ao mesmo tempo, o político comprovadamente corrupto tem foro privilegiado e não pode ser julgado pela justiça comum durante a vigência do seu mandato. Situações como essas realmente confundem boa parte da sociedade e são mais alguns dos motivos de descrença na nossa democracia. Reportando-se à sociedade brasileira, ele reconhece que nosso momento é difícil e que estamos enfrentando uma crise de liderança política. Permito-me acrescentar que o quadro nesse momento é de governabilidade mesmo. Para terminar, o professor Sérgio esclarece que o *impeachment* é um recurso constitucional, mas que só deve ser usado em casos extremos, quando o diálogo e todas as outras alternativas para manter o chefe do Poder Executivo na presidência se esvaírem, que me parecem mesmo medidas mais sensatas e inteligentes.

O artigo, de autoria da Profa. Dra. Diana Helena de Benedetto Pozzi, intitulado *Afinal, o Que é Cidadania?* trata-se de uma análise sutil e bem realizada do conceito de cidadania. Para falar do tema, ela se reporta nas entrelinhas à Declaração Universal dos Direitos do Homem e do Cidadão, importante documento da época da Revolução Francesa que atravessou o tempo e permanece atual em nossos dias. Ao longo do texto, chama-nos atenção o caráter polissêmico do atual conceito de cidadania impetrado pela autora. Em que pesem as diversas interpretações que se possa dar a essa expressão, o fato é que todas elas convergem para um único ponto: as relações entre o Estado e a Sociedade. Se isso ocorresse bem já teríamos dado um grande passo para que os cidadãos pudessem, enfim, viver em um ambiente realmente democrático onde seus direitos e deveres fossem respeitados. Mas, para o desencanto de todos nós, não é precisamente isso o que vem ocorrendo em nosso país. Vivemos uma grave crise política e econômica, com sérios reflexos negativos para a imagem do Congresso Nacional. No cotidiano das ruas é muito fácil ouvir os comentários dos transeuntes desiludidos não apenas com os políticos, mas especialmente com o desempenho político-administrativo do Poder Executivo. Nessas condições, nos mostra a autora, a situação que vivemos passa também por uma crise de cidadania. Sendo assim, portanto, nossa democracia não avança e as relações sociais, as relações entre cidadãos, ganham contornos de uma vagueza inespecífica, onde tudo pode ser aceito, mas tudo pode também ser rejeitado. Nossos direitos e deveres ficam à deriva

por conta do imponderável. Não por acaso, a autora chega a dizer que, em nosso país, “aparentemente não interessa ser ‘cidadão’, mas tão somente ter poder aquisitivo para se equiparar aos demais”. Não há como discordar disso.

Já o artigo do Prof. Dr. José Goldemberg, presidente da FAPESP, intitulado *Energia e Sustentabilidade*, nos traz novidades sobre um tema cada vez mais importante, não apenas no Brasil, mas no plano internacional. Ele inicia seu texto analisando dois conceitos básicos do Relatório Brundtland, de 1987, intitulado *Nosso futuro comum*, sobre o meio ambiente e o chamado desenvolvimento sustentável. Em outros termos, como esclarece o próprio autor, a definição dos conceitos em pauta, “inclui sustentabilidade física, desenvolvimento, a satisfação das necessidades e o reconhecimento de certos limites impostos, ou pelo meio ambiente, ou pelos nossos deveres com a geração presente e as futuras.” A citação é longa, mas absolutamente necessária e esclarecedora.

Valendo-se dos critérios kantianos sobre o “imperativo categórico”, segundo o qual “ninguém deve atuar exceto numa forma em que seus desejos possam se transformar em lei universal”, o autor destaca a necessidade de se pensar nas questões que envolvem o meio ambiente, a sustentabilidade e, sobretudo, ter sempre em mente os aspectos pertinentes à justiça social. Aqui se pode entender muito bem o recado aos países muito ricos e desenvolvidos que falam muito em meio ambiente, mas não levam em consideração a justiça social. O que lhes interessa mesmo é a produção da riqueza, ainda que não se respeite os direitos do cidadão. Certamente esse é um dos aspectos que tornou o conceito de Desenvolvimento Sustentável, do Relatório Brundtland, criticado até nossos dias, como nos mostra o professor Goldemberg.

Porém, a segunda crítica apontada pelo autor, é realmente bem interpretada e quem ganha com isso é o leitor. Ele nos alerta que o conceito de Sustentabilidade “ignora o fato de que existem grupos e classes sociais diferentes na sociedade...” Assim, em sua própria base, o conceito já peca por desconhecimento sociológico das relações sociais e da conseqüente dinâmica de uma sociedade de classes. Não se leva em conta as relações de produção, as relações do binômio socioeconômico capital-trabalho e, por decorrência, a própria estrutura social. Há que se pensar nas diferentes classes sociais, e isso não foi feito, como mostra o professor Goldemberg em seu trabalho.

Só assim pode-se pensar em garantir a sustentabilidade de toda a sociedade e não apenas de segmentos mais abastados da população. Justamente pensando dessa forma é que o professor Goldemberg acrescenta um lúcido esclarecimento: “é evidente que algumas dessas aspirações são conflitantes e que o desenvolvimento sustentável para uns pode ser desenvolvimento predatório para outros.” O artigo em pauta apresenta ainda ilustrações e gráficos muito esclarecedores sobre o tema proposto, vale a pena conferir.

Caro leitor, este número traz ainda sete artigos que tratam de interesse de outras áreas, mas todos eles muito bem trabalhados em suas especificidades, justamente objetivando contribuir com pesquisadores interessados nos temas que aqui apresentamos. Boa leitura!

**WALDENYR CALDAS** professor titular da Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo (ECA-USP) e editor associado da Revista de Cultura e Extensão USP – e-mail: [waldenyr@usp.br](mailto:waldenyr@usp.br)





ENTREVISTA interview



“Pensar em cidadania é pensar em  
cooperação social”

“To think about citizenship is to think about social  
cooperation”

**Cidadania é o exercício dos direitos e deveres civis, políticos e sociais estabelecidos em uma sociedade, e, ao contrário do pensamento de muitos, exercê-la vai além da escolha eleitoral. Em um contexto complexo como o atual, muitas dúvidas acerca do tema vêm à tona: Como exercer a cidadania em tempos de crise? Qual a relação entre cidadania e as instituições nacionais vigentes? E como as manifestações sociais se incluem no exercício cidadão e democrático?**

Tendo em vista a necessidade da discussão, a *Revista de Cultura e Extensão USP* entrevistou o pesquisador Sérgio Adorno, professor titular em Sociologia da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo (FFLCH-USP) e coordenador do Núcleo de Estudos da Violência da USP. O sociólogo traça um panorama lúcido sobre a atual situação política do Brasil, os movimentos sociais e o processo de construção da cidadania em meio a isso.

DIANA HELENA DE  
BENEDETTO POZZI,  
BRUNO ROBERTO  
PADOVANO, PRIMAVERA  
BORELLI, SUZANA  
HELENA DE AVELAR  
GOMES, WALDENYR  
CALDAS E ISADORA  
VITTI

Universidade de São Paulo.  
Pró-Reitoria de Cultura e Ex-  
tensão Universitária, São Pau-  
lo, Brasil



SÉRGIO FRANÇA  
ADORNO DE ABREU

Universidade de São Paulo.  
Faculdade de Filosofia, Letras  
e Ciências Humanas, São Pau-  
lo, Brasil

**Diana Helena de Benedetto Pozzi** – *Atualmente se fala muito em falta de cidadania e é dada ênfase à conduta dos políticos. Entretanto, cabe a pergunta: seria falta de cidadania dos políticos ou dos cidadãos que os elegem?*

**Sérgio Adorno** – Em primeiro lugar, eu acho que tivemos avanços no Brasil nos últimos 25 anos. Vários estudiosos reconhecem que a sociedade brasileira hoje é muito diferente do que era 30 anos atrás. O cidadão tem consciência pública dos seus direitos e é capaz de falar o que é certo e errado com uma justificativa que não se tinha há 50 anos. Isso tem a ver com o reconhecimento de que as diferenças são legítimas quando são toleradas com a pluralidade de opiniões que enriquece a democracia e, também, com a maior escolarização das pessoas.

Eu não acho que possamos dizer que não há cidadania. Os direitos estão consagrados na Constituição e os cidadãos podem reivindicar esses direitos. No entanto, nós precisamos saber que a democracia é um sistema social e político, por meio do qual se busca estabelecer regras mínimas, reconhecendo que as diferenças são legítimas, e o que não é legítimo é a conversão das diferenças em desigualdades

hierárquicas, como as de gênero, raciais, de geração, de riqueza e poder. É preciso ser socializado desde a infância para aprender a respeitar as diferenças, ser tolerante, aprender que há horas em que é preciso ceder para se ganhar. É preciso que uns se vejam no sofrimento dos outros e que sejam solidários com a dor dos outros. Temos a ilusão de que a democracia é só um processo eleitoral; certamente essa exigência é parte da democracia. Ela não é só isso. Democracia tem a ver também com a vida cotidiana, com o respeito aos direitos do seu vizinho, das crianças e das mulheres com quem, inclusive, convivemos nos espaços domésticos. A vida democrática não significa a ausência de conflitos ou tensões, mas é

TEMOS A ILUSÃO DE QUE A DEMOCRACIA É SÓ UM PROCESSO ELEITORAL; CERTAMENTE ESSA EXIGÊNCIA É PARTE DA DEMOCRACIA. ELA NÃO É SÓ ISSO. DEMOCRACIA TEM A VER TAMBÉM COM A VIDA COTIDIANA, COM O RESPEITO AOS DIREITOS DO SEU VIZINHO, DAS CRIANÇAS E DAS MULHERES COM QUEM, INCLUSIVE, CONVIVEMOS NOS ESPAÇOS DOMÉSTICOS.

muito melhor viver em uma sociedade na qual, a despeito dos conflitos, é possível expressar o seu ponto de vista e ter liberdades, do que viver em uma sociedade na qual se é permanentemente vigiado, na qual não se tem liberdade de ir e vir, na qual você não sabe se seu vizinho é solidário ou se ele está te vigiando para denunciar qualquer comportamento que não lhe agrade. A democracia ainda é o melhor modelo de convivência coletiva e intersubjetiva.

Um segundo aspecto a ser considerado é que democracia é também fruto de um permanente e constante processo de construção, pois as garantias constitucionais hoje conquistadas poderão ser consideradas insuficientes no futuro próximo. A demanda por direitos acompanha as mudanças societárias. Em alguns momentos, vivemos uma época

de grandes avanços; e em outras, de crises. Isso acontece – e aqui eu vou usar o argumento de Marx – segundo o qual nenhuma sociedade propõe problemas que não possa resolver. Hoje, por exemplo, estamos enfrentando uma crise de liderança política: se olhássemos o cenário político 40 anos atrás, seguramente concordaríamos que estávamos em uma crise também, porém àquela época contávamos

com algumas figuras que podiam costurar acordos, como Ulysses Guimarães, Teotônio Vilela e outros. Figuras que, de alguma maneira, eram respeitadas. Hoje, depois de mais de 25 anos de retorno do país à democracia, encontramos-nos em período de grave crise, todavia não estamos encontrando aquelas figuras capazes de administrar conflitos, nem na velha classe política nem nas jovens lideranças que estão surgindo.

Eu diria que o problema não é a falta de cidadania; a questão é: “Quais são os requisitos da cidadania que não estão sendo respeitados nesse momento e nessa conjuntura política?”

**Suzana Avelar** – *Como podemos delinear o perfil de "cidadania" hoje no Brasil, frente à falta de respeito com a qualidade de cidadão?*

**Bruno Padovano** – *E em uma democracia imbuída pela corrupção?*

**SA** – Acho que a ideia de uma cidadania universal é mais abstrata do que real. É claro que podemos dizer que homens e mulheres, adultos e crianças, brancos e negros, nacionais e estrangeiros podem viver a experiência da cidadania de formas diferentes uns dos outros. Eu posso reconhecer que, na prática, as vivências políticas dependem da inserção dos (as) cidadãos (ãs) em grupos determinados, com suas singularidades identitárias. Por isso, é difícil imaginar que os direitos possam ser assegurados sem considerar as diferenças, por exemplo, entre homens e mulheres, entre adultos e crianças. A despeito das diferenças, há direitos universais, como o direito à vida. Contudo, os direitos específicos de grupos determinados devem ser equiparáveis à de todos os demais. É preciso reconhecer as diferenças e especificidades e construir espaços sociais nos quais essas diferenças sejam intercambiáveis, negociáveis. Por exemplo, temos que educar nossos jovens dizendo o seguinte: nós estamos em um espaço onde o assédio sexual e o moral são inaceitáveis. O que nós temos que fazer para abolir esses comportamentos reprováveis? Para isso, é preciso que os homens, sobretudo os pré-adolescentes e jovens, em geral socializados em uma cultura flagrantemente machista, tenham tido igualmente a oportunidade para desenvolver uma atitude crítica em relação ao seu comportamento, para ver as mulheres como cidadãs que tem idênticos direitos de realização e participação sociais, políticas e culturais. Isso é um longo aprendizado e é preciso abdicar de determinadas convicções que estão quase que introjetadas na pele. E pensar: por que é que não podemos pensar diferentemente?

A construção da cidadania é um processo

**O PROBLEMA NÃO É O CONFLITO EM SI, MAS A MANEIRA DE ENCAMINHÁ-LO, DE SOLUCIONÁ-LO, SEM IMPOR SOFRIMENTO E OPRESSÃO ÀS PARTES EM LITÍGIO, EM DISPUTA, EM OPOSIÇÃO. PARA MIM ESSE É O SEGREDO DA VIDA DEMOCRÁTICA.**

complexo, não basta dizer que os direitos humanos são reconhecidos como universais. É preciso dar amostras, na vida cotidiana, de que minha atitude é muito firme com relação a essas questões de convivência e que eu não vou transigir em nome de quaisquer valores que possam vir a depreciar a personalidade ou identidade de quem quer que seja. Sob esse aspecto, a Universidade é um espaço diferenciado e privilegiado, e o que devemos disputar é conhecimento e ideias. É disputar projetos para a sociedade, disputar o que nós podemos transferir para a sociedade em benefício da qualidade de vida, do meio ambiente, da convivência, do respeito, da dignidade dos outros e da cooperação. Pensar em cidadania é pensar em cooperação social. Eu acho que estamos vivendo um período crítico e é preciso reverter isso, entender que as pessoas podem ser solidárias, e que a partir da solidariedade para com os outros é possível ter uma vida razoável, ainda que os conflitos existam e muitas vezes perdurem por longos períodos. O problema não é o conflito em si, mas a maneira de encaminhá-lo, de solucioná-lo, sem impor sofrimento e opressão às partes em litígio, em disputa, em oposição. Para mim esse é o segredo da vida democrática.

**Isadora Vitti** – *Como o senhor analisa a violência, e grupos como os black blocks em manifestações? Qual seria o significado desses grupos na luta pelos direitos e construção da cidadania?*

**SA** – Antes de tudo precisaremos fazer um pequeno preâmbulo histórico. Um sociólogo francês, Michel Wievioka, escreveu um livro que considero uma das melhores referências bibliográficas para compreender a violência nas sociedades contemporâneas. Nesse livro, o capítulo introdutório aborda os novos paradigmas da violência. Segundo esse sociólogo, com a emergência dos movimentos revolucionários do último quartel do século XVIII e até recentemente, digamos até meados do século XX, a

violência era entendida como um instrumento de força capaz de fazer com que determinadas pessoas ou grupos conduzissem ações em determinado sentido contra outros sentidos possíveis. Por exemplo, a luta dos povos coloniais contra a opressão dos povos colonizadores. Essa luta era considerada legítima, por exemplo, nos movimentos de libertação latino-americanos no século XIX – o uso da violência contra o opressor colonialista era legítima. E isso aconteceu depois também na Ásia, na África. Prevalcia a ideia de que a violência tinha sentido, significado e certa legitimidade.

Existia também, na linha de raciocínio, a luta dos trabalhadores contra a opressão capitalista brutal. Imagine o que é o capitalismo no final do século XVIII e ao longo do século XIX: longas jornadas de trabalho, condições muito precárias e insalubres, risco de acidentes e contaminação, baixos salários. Então, os trabalhadores se valeram da violência para impor limites à exploração e à opressão, e isso igualmente era aceito como legítimo. Era uma forma de libertação. Curiosamente, forças políticas de direita, que justificavam os golpes contra os movimentos de esquerda em nome da sociedade liberal, também julgavam que o uso da força e da repressão contra esses movimentos era uma forma de conter o avanço do comunismo, o que lhes parecia do mesmo modo legítimo.

Eu estive recentemente na França e vi o lançamento de um livro muito famoso chamado *Os condenados da terra*, do escritor François Faon, quem se dedicou a justificar a violência contra os colonizadores europeus no continente africano. Um dos destaques do livro é o prefácio escrito por Sartre. Trata-se de um libelo radical, em que ele justificava toda a forma de violência, por mais dura que fosse, em nome da liberdade e da luta contra a opressão.

No final dos anos 60 e ao longo dos anos 70 começa a haver uma mudança de percepção. O avanço

progressivo das democracias que se seguiam à queda das ditaduras mostrou que era possível enfrentar problemas e conflitos sociais e políticos com o apelo à negociação, à discussão e aos instrumentos institucionais de resolução de conflitos, tais como parlamento, conselhos e câmaras de mediação. Cada vez mais a violência foi adquirindo valor negativo: “A violência não constrói, a violência só destrói”. E, então, a violência passou a ser mundialmente condenada.

Vejo que tivemos uma longa história. Nos conflitos de qualquer natureza, de gênero, geração e riqueza, os conflitos em torno do meio ambiente... todos eles têm a sua razão de ser e têm a sua legitimidade. O que cada vez mais é pensado como ilegítimo é o uso da violência, sobretudo porque

**EU ACHO QUE TEMOS QUE FAZER UM ESFORÇO PARA ESGOTAR SEMPRE OS MECANISMOS DE MEDIAÇÃO, DE CONFRONTO DE IDEIAS, DE PONTO DE VISTA. É PRECISO UM ESFORÇO PARA CHEGAR A ALGUM ACORDO, MESMO QUE PROVISÓRIO, QUE EVITE O USO DA VIOLÊNCIA.**

a violência significa o uso de instrumentos que tornam as partes do conflito muito desiguais. Porque se tenho os instrumentos de defesa e de ataque mais potentes, eu vou impor minha vontade contra a de todos os outros. Então, o emprego de qualquer forma de violência aparece associada, em termos de valores

e imagens, com o uso arbitrário da força. Há toda uma geração de intelectuais condenando a violência, e não é sem razão que a obra da Hannah Arendt é, desde os anos 70 do século passado, muito valorizada. Entre outros filósofos, ela vai condenar duramente o uso da violência como instrumento de poder. Vai dizer que onde o poder prevalece, a violência está neutralizada; e onde a violência prevalece, o poder está aniquilado.

Ao mesmo tempo, o que temos visto recentemente são movimentos de diferentes naturezas tentando requalificar o significado da violência, provavelmente porque os tradicionais veículos de mediação não estão mais sendo considerados suficientes para dar conta da nova conflitualidade emergente com o mundo contemporâneo. Então, na ausência desses mecanismos, começa-se a requalificar a ideia

de que talvez a violência seja – em nome de valores tais como justiça, igualdade, liberdade – legítima.

A minha posição é contrária. Eu acho que temos que fazer um esforço para esgotar sempre os mecanismos de mediação, de confronto de ideias, de ponto de vista. É preciso um esforço para chegar a algum acordo, mesmo que provisório, que evite o uso da violência. Porque quando legitimamos a violência, em quaisquer que sejam suas formas ou modalidades, mesmo que sejam políticas, estamos legitimando a violência doméstica, a violência contra negros, contra as mulheres, contra as crianças e os adolescentes, contra homossexuais ou quaisquer outros grupos que possam ser vistos como minorias. No fundo, em nome de valores libertários, acabamos na mesma direção por legitimar outras formas de violência. Como sociólogo, eu posso entender as tendências em curso que procuram uma nova ressignificação da violência, inclusive no âmbito intelectual. Ainda assim, entendo que vivemos na sociedade contemporânea, na qual os mecanismos de mediação de conflitos não se esgotaram completamente. Podemos inventar novos mecanismos, e temos hoje cada vez mais as arenas eletrônicas, que, para o bem ou para o mal, são fóruns de discussão e debate.

*Primavera Borelli – A crise que estamos vivenciando no Brasil tem origem na crise política devido ao resultado da eleição presidencial de 2014 ou a origem é econômica em sua base?*

SA – Não sou especialista nesses temas tais como crises políticas e econômicas e processos eleitorais. Como sociólogo, acompanho e leio artigos publicados por meus colegas, pesquisadores que se dedicam ao estudo daqueles temas. De tudo o que li e venho acompanhando, creio que a crise brasileira atual é resultado complexo de vários fatores, cenários, situações. Desde meados do século passado, a sociedade brasileira vem conhecendo profundas

mutações que incidem em várias dimensões de sua organização: nos diversos mercados (de bens e serviços, de trabalho e emprego, de bens patrimoniais e financeiros), nas formas de participação e representação social, na composição das classes sociais, na urbanização e estilos de vida, na dinâmica dos partidos e dos movimentos sociais, nas formas de expressão cultural e de reconhecimento de direitos, em especial para grupos tradicionalmente menos protegidos. Essas mudanças vêm se acelerando e se aprofundando desde fins do século passado e nas duas primeiras décadas deste século, fruto, em grande medida, dos rumos dos processos de produção e de distribuição de riqueza e dos rumos da democracia.

Então, por um lado temos uma sociedade que demanda direitos e há uma defasagem entre as demandas e a capacidade do poder público – através de seus agentes e dos serviços públicos – de dar respostas competentes e imediatas. Por outro, creio que nós estamos atravessando um ciclo econômico crítico no mundo inteiro:

os EUA experimentaram crise econômica profunda cerca de 10 anos atrás; hoje, está mantendo um certo equilíbrio. A China, que vinha de um acelerado processo de crescimento e aumento da riqueza interna, já tem demonstrado sinais de desaceleração. Sabemos que a economia mundial depende em grande medida do desempenho da economia chinesa, cuja evolução altera os termos do intercâmbio comercial, industrial e tecnológico entre países nesse mundo cada vez mais globalizado e polarizado. Agora, o Brasil talvez não tenha feito tarefas para garantir a sustentabilidade da sua economia a longo prazo, como tarefas de infraestrutura capazes de reduzir custos de produção e de comercialização e que tornam o país mais competitivo. Não ter cumprido tais exigências no momento certo talvez explique em parte as dificuldades econômicas que estão sendo enfrentadas.

TEMOS UMA SOCIEDADE QUE DEMANDA DIREITOS E HÁ UMA DEFASAGEM ENTRE AS DEMANDAS E A CAPACIDADE DO PODER PÚBLICO – ATRAVÉS DE SEUS AGENTES E DOS SERVIÇOS PÚBLICOS – DE DAR RESPOSTAS COMPETENTES E IMEDIATAS.

Além disso, acho que nós não investimos adequadamente em Educação. As sociedades que de algum modo têm um padrão de vida mais adequado fizeram elevados investimentos em Educação, não apenas no sentido de elevar o grau de escolaridade de sua população como também – e talvez como preocupação maior – de formar recursos humanos altamente qualificados para responder às demandas por uma sociedade mais justa, mais afinada com as exigências do desenvolvimento autossustentado, com qualidade de vida e respeito ao ambiente. A maior discussão que se tem no Brasil é sobre qual educação é a mais adequada. Claro que é importante discutir se vamos formar mais técnicos ou mais cidadãos, e o ideal é que formemos ambos. De todo modo, as pessoas têm de saber o básico – se expressar bem, escrever, fazer as operações básicas e ter conhecimento sobre Ciência. Caso não for à universidade, o cidadão deve ter direito a um ensino técnico que lhe assegure oportunidade no mercado em condições de respeito à dignidade de todo e qualquer trabalhador. O desafio da Educação continua sendo um grande desafio para o Brasil.

Outro aspecto a ser pontuado diz respeito ao esgotamento das formas tradicionais e convencionais de se fazer política no Brasil. Por mais que a democracia tenha avançado, ela ainda convive com traços de patrimonialismo muito fortes. Embora se diga que toda a democracia requer equilíbrio entre poderes, que é preciso fazer negociações pra contornar problemas e atender, ao menos parcialmente, demandas de grupos de interesses. Ainda seguimos muito o modelo do “toma-lá-dá-cá”. Isso faz com que muitas vezes a cooperação política seja conquistada por meio de negociações de cargos e de determinados benefícios para atender demandas específicas de grupos determinados, não raro em prejuízo de maiorias.

Eu acho que a sociedade avançou e está mais consciente dos seus direitos. No entanto, há uma crise flagrante nas relações entre governantes e governados. Os governados não se reconhecem mais em seus governantes e as eleições não têm sido garantia de identificação entre governantes e

governados. Isso é crítico para uma sociedade democrática que está fundada na legitimidade das instituições públicas e políticas e nos agentes ou atores encarregados de aplicar leis, distribuir justiça, implementar políticas públicas e sociais. Para que a sociedade funcione é necessário que os indivíduos reconheçam que as autoridades têm funções constitucionais formalizadas nas leis às quais eles devem obedecer. Mas obedecer não pode ser apenas resultado de pressões externas; deve resultar, sobretudo, de uma convicção dos cidadãos de que obedecer, em sociedades democráticas, é antes de tudo uma virtude, assim como resistir à opressão é outra de suas exigências. À medida que obedecemos, nosso direito e o direito dos outros estão garantidos. Contudo, para isso, precisamos confiar nos representantes políticos, nos agentes públicos e no papel das instituições. Se não logramos confiança seja em agentes seja em instituições, é porque nos encontramos diante de crise de legitimidade. Eu acho que esse é, em grande parte, o problema que nós estamos vivendo hoje no Brasil.

Nas últimas campanhas presidenciais e nas eleições de representantes em todos os níveis (municipal, estadual ou federal), temos visto fabricação de candidatos com o apoio na manipulação de informações e imagens. Em si, essa tendência contemporânea – que, por certo, não é específica do Brasil –, se revela um problema, porque muitos desses candidatos não revelam dispor da sustentação política que as campanhas faziam crer aos eleitores, causando sobressaltos à governabilidade por um período de quatro anos. Não é um processo recente. Não aconteceu apenas nas últimas eleições de 2014. Se fizermos um histórico, veremos que tais tendências são mais antigas, basta para tanto uma vista d’olhos na composição de nossas casas parlamentares. É claro que as casas parlamentares devem representar todas as tendências da sociedade brasileira, inclusive os conservadores. Mas quando o tom conservador predomina sobre outras tendências mais progressistas, então começamos a ver que tais tendências vêm tornando a sociedade brasileira refratária a mudanças societárias e políticas capazes

de aprofundar a democracia, reduzir desigualdades, assegurar direitos para maior número.

**Waldenyr Caldas** – *Há uma grande preocupação no nosso país com a possibilidade de a presidente Dilma receber o impeachment do Congresso Nacional. Para a consolidação da democracia brasileira, isso é um óbice e talvez até mesmo um retrocesso. Os quadros do PT certamente chamarão a sociedade a ir às ruas defender a presidente "em nome da democracia". O Poder Executivo, a cada dia que passa, está mais enfraquecido e isolado e já não tem maioria no Congresso há muito tempo. Enfim, vejo que não é apenas a saúde do país que está doente, a democracia também. O que você pensa sobre essas questões?*

**SA** – Essas questões são muito complexas. Primeiro de tudo, vamos lembrar que o *impeachment* está previsto na constituição. Então, em princípio, por sua natureza, não é um ato anti-democrático ou um instrumento de golpe na constituição do país. Não foi pensado pelo legislador para desalojar do poder governantes eleitos democraticamente, porém instrumento para, justamente, salvaguardar a democracia contra governantes que a ameaçam com atos arbitrários, contrários à Constituição e às leis. É um recurso extremo quando os demais instrumentos da política são incapazes de conter ou limitar o arbítrio do poder político. Nesse sentido, é um instrumento passível de ser empregado quando a irresponsabilidade do governante se tornou irremediável, impossível de ser suportada porque põe em causa a regularidade da vida institucional do país, provoque cesura decisiva nas relações entre governantes e governados e conduza ao perigo iminente de guerra civil.

O problema, portanto, é ter clareza das circunstâncias de fato em que esse instituto extremo venha a ser aplicado. Eu acho que o *impeachment* se justificaria caso aquelas condições tivessem sido

**POLÍTICA É UMA ARTE DE INVENÇÃO. É O EXERCÍCIO PERMANENTE DE ENCONTRAR SAÍDAS EM SITUAÇÕES DE ADVERSIDADE. NÓS PRECISAMOS APOSTAR QUE NOVAS IDEIAS E ARRANJOS SERÃO ENCONTRADOS A FIM DE EVITAR ESSA SOLUÇÃO EXTREMA QUE É O IMPEACHMENT.**

preenchidas. Pessoalmente, eu não estou convencido de que elas tenham sido; acho que há problemas de governabilidade graves, mas não creio que haja problemas de responsabilidade, tal como claramente definidos em nossa Constituição. Há um debate político e jurídico, e temos que explorar todas as nuances desse debate para poder entendê-lo melhor. Agora acho que nós estamos em um momento de crise institucional. Sintoma dessa crise pode ser expresso na seguinte questão: quem vai julgar a proposta de *impeachment* é o Congresso. Esse congresso está sendo dirigido por políticos que também estão sob suspeição de haver cometido crimes. Como uma autoridade que não está isenta de acusações – ainda que tenha todo o direito à defesa e ao julgamento justo – pode se colocar em

posição de poder julgar? Portanto, há que se encontrar outras saídas institucionais que garantam a governabilidade. Estamos diante de um cenário político muito complexo e cujo desafio requer asas à imaginação política. Por isso é preciso adensar o debate político, que não seja nem muito inflamado e apaixonado, por

que cada vez que o debate fica apaixonado, ele tende a ficar mais polarizado; a sociedade brasileira jamais foi tão polarizada, exceto em breves conjunturas. A sociedade brasileira, sobretudo em sua contemporaneidade, é constituída de nuances, de diferentes pontos de vista, de diferentes modos de vida. Não dá para dizermos que o responsável pela crise é este ou aquele partido. O sistema partidário no país esgotou suas potencialidades há muito. Certamente, vamos encontrar políticos e atores institucionais comprometidos com a causa pública em todos os partidos, assim como outros tantos que têm projetos pessoais de poder e que não representam interesses majoritários dos cidadãos.

A democracia permite alternar grupos no poder para que se possa avançar, no sentido de encontrar propostas e políticas públicas que protejam os

cidadãos e cidadãs procedentes dos mais distintos grupos e classes sociais como também contribuam para o bem comum, para a vida solidária e pacificada. A questão da governabilidade é complexa por causa disso tudo: é necessário gerir o dia-a-dia de cada um em particular, mas também planejar a sociedade para o futuro. É preciso lidar com todos esses projetos antagônicos e saber mediar.

Política é uma arte de invenção. É o exercício permanente de encontrar saídas em situações de adversidade. Nós precisamos apostar que novas ideias e arranjos serão encontrados a fim de evitar essa solução extrema que é o impeachment. Até porque a sociedade está dividida com relação a isso. É muito diferente da situação anterior, do ex-presidente Collor, no qual havia uma grande maioria convencida de que o presidente havia perdido toda a legitimidade para governar. Hoje o caminho do impeachment não é consensual; a sociedade está dividida. Para chegar a esse extremo, é preciso que uma grande maioria tenha se convencido de que é a melhor solução, apesar de ser a mais dolorosa. Mas para isso nós temos muito chão pela frente. Eu, pessoalmente, acho traumática essa solução neste momento. Como cidadãos, precisamos encontrar um caminho mínimo que possibilite avançar.

**Bruno Padovano** – *Qual a relação entre cidadania e as instituições nacionais vigentes, em uma sociedade líquida globalizada?*

**SA** – A globalização é um fato contemporâneo. O problema é saber como lutar dentro desse processo de globalização, conseguir se apropriar do lado positivo dessa globalização e resistir aos seus efeitos desestabilizadores. Respondendo à sua pergunta, eu acho que nós vivemos em um período de sucessão de crises, desde a história moderna. Nós tivemos muitos mortos, momentos internacionais com muitas dificuldades, momentos nacionais críticos. E acredito que sempre há possibilidade de saídas, mas para isso é preciso se reinventar. É claro que neste momento, especialmente no Brasil – mas não somente nesta sociedade – está muito difícil encontrar saídas plausíveis, pois nós não estamos

conseguindo assimilar essa nova perspectiva de sociedade em emergência. Estamos vivendo em uma sociedade cada vez mais individualista e cada vez mais rarefeita, muito instável. Antigamente, podíamos planejar a sociedade para os próximos 50 anos. Hoje, com toda a rapidez dos processos tecnológicos, a exigência de se pensar 20 anos à frente parece inócua.

Eu tenderia a dizer que as sociedades vão inventar novas soluções, mas para isso é preciso que tenhamos liderança e entidades políticas, culturais e sociais capazes de ler os processos à frente para decifrar os acontecimentos e clarear os caminhos. Eu não acho que a cidadania está condenada, ou que estamos condenados a uma vida sem sentido. É possível encontrar novos sentidos para a existência, mas isso requer timing, e certamente será um processo longo que envolverá gerações. Mas já passamos crises profundas e difíceis. Eu não vejo porquê não consigamos encontrar outros caminhos para superação dos problemas atuais. Agora eu não estou vendo quais são, mas nós vamos encontrá-los.

**Isadora Vitti** – *Hoje vemos nas manifestações reivindicações diferentes unidas no mesmo protesto. Como vê as manifestações atuais na construção da cidadania e de um sentimento coletivo?*

**SA** – Hoje é tudo muito complexo. Antigamente, digamos, há meio século, movimentos coletivos ganhavam maior densidade com maior número de pessoas envolvidas. Hoje, três pessoas formam um coletivo em uma rede mundial eletrônica. O problema que eu vejo é o seguinte: nós estamos vivendo uma era em que os objetivos das ações políticas não são muito claros. No passado recente, era mais plausível entender as lutas sociais e políticas porque os atores sociais – fossem empresários, governantes, estudantes, políticos profissionais, formadores de opinião, professores, pesquisadores da Universidade – tinham objetivos claramente formulados e discerníveis no horizonte da vida pública. Por isso, para as ciências sociais, era possível compreender como se davam os jogos em situações concretas, pois se lidava com atores com interesses claros,

mesmo quando suas ações políticas fossem caracterizadas por paradoxos e ambiguidades. Hoje já vivemos em uma sociedade pluralista, com a liberdade de se posicionar e escolher, mas ao mesmo tempo as pessoas se revelam insatisfeitas e frustradas. Muitas vezes preocupadas com a sua própria identidade, não são mais capazes de se solidarizar com o sofrimento e a dor dos outros. A sociedade está cada vez mais fragmentada, o que se passa na periferia é como se não fosse problema meu. Viver em uma sociedade é compreender que há pessoas que vivem em diferentes condições de vida, e que alguns têm mais privilégios que outros. Como construir uma convivência comum que seja básica para todos é o segredo de uma vida democrática.

Do ponto de vista político, acho que é preciso desarmar os radicalismos de toda a natureza (à direita e à esquerda), e evitar as opiniões dicotômicas. A vida não é assim. Nós temos que somar forças para garantir uma vida comum. Por exemplo, eu posso não utilizar a ciclovia, mas é uma demanda legítima e necessária, apesar de interferir no meu espaço. Assim como os pedestres que já tiveram seu espaço ocupado por carros. Então precisamos conciliar e tentar viver com essas diferenças de uma maneira que essa experiência seja enriquecedora e faça com que convivamos com o mínimo de respeito e dignidade mútua: esse é o segredo da vida democrática.

Nós estamos vivendo em um momento difícil, mas isso não significa que estamos vivendo à beira de uma desintegração social irreversível.

**Diana Helena de Benedetto Pozzi** – *Considerando que as Américas foram descobertas na mesma época e colonizadas de forma parecida, o tipo de colonização ocorrido teve qual importância na formação de “cidadanias” tão diversas?*

**SA** – A colonização é um fato, não há como negar. Quando se fala da América Latina e de suas

singularidades, precisamos considerar que os povos indígenas viviam aqui antes das sociedades coloniais terem sido criadas. Na verdade, os colonos foram invasores. Apesar disso tudo, houve um modelo de sociedade e de cultura ocidentais que se implantou aqui. Apesar de termos sido colonizados por povos ocidentais, nós (latino-americanos) temos nossas singularidades, temos leituras específicas do direito e da justiça, da vida em comum, dos hábitos alimentares e de vida. A questão a ser pensada é como não negar essa herança, mas transformá-la em algo positivo? É certo que é preciso reconhecer o lado opressivo da colonização, a destruição de populações nativas – de suas raízes, línguas, cultura e sistemas religiosos, de suas identidades. Ao mesmo tempo, não devemos esquecer que temos uma profunda identidade nativa – do ponto de vista da nossa identidade étnica – da nossa cultura, de valores, hábitos e religiosidade que foram integrados ao nosso cotidiano, independentemente das diferenças regionais.

Criticar a colonização é criticar o lado opressor da colonização. Ao mesmo tempo, é também recuperar essa invenção e reunir elementos cosmológicos dessas culturas ocidentais e não-ocidentais, preservando aquilo que de mais original foi herdado de nossa cultura nativa.

**Bruno Padovano** – *Como a questão indígena no Brasil se insere na questão da cidadania?*

**SA** – Primeiramente, precisamos reconhecer que os nativos são a origem da nossa sociedade e da nossa cultura. Eles já estavam aqui. Frequentemente dizemos: “os índios brasileiros”. Os índios já estavam aqui antes do Brasil, falar “índio brasileiro” é algo no mínimo antropológicamente impreciso. O que eu acho é que precisamos ter um ensino nas escolas que valorize e preserve essa nossa origem e herança. Nós não conhecemos a história dos indígenas na América Latina e no Brasil. É claro que

**NÓS TEMOS QUE SOMAR FORÇAS PARA GARANTIR UMA VIDA COMUM. POR EXEMPLO, EU POSSO NÃO UTILIZAR A CICLOVIA, MAS É UMA DEMANDA LEGÍTIMA E NECESSÁRIA, APESAR DE INTERFERIR NO MEU ESPAÇO. ASSIM COMO OS PEDESTRES QUE JÁ TIVERAM SEU ESPAÇO OCUPADO POR CARROS.**

os currículos escolares mudaram, quando comparados à época em que estudei (dos anos 60 aos 90 do século passado), porém a transmissão dessa história e desse conhecimento ainda é muito limitada. Por exemplo, toda a contribuição africana à cultura brasileira ainda é muito pouco estudada. Nós precisamos de uma socialização política que tome nossas identidades de origem como um símbolo de orgulho e não de vergonha. Precisamos incorporar em nossa identidade que nós somos de origem africana, indígena, assim como dos europeus que estiveram aqui. Isso precisa se transformar em um objeto de integração e de reconhecimento e não de desprezo. Isso ainda se faz pouco, nós mesmos conhecemos pouco a história indígena.

**Isadora Vitti** – *Qual é o trabalho do NEV (Núcleo de Estudos sobre Violência da USP) e quais as pesquisas atuais que estão sendo desenvolvidas no âmbito da cidadania?*

**SA** – O Núcleo foi criado no período da transição da ditadura para a democracia e a nossa experiência como intelectuais era caracterizar e demonstrar que, em toda a sociedade em que a democracia se consolidou, houve processos sociais que resultaram na pacificação interna da sociedade. Simultaneamente à transição da ditadura para a democracia e depois com a consolidação democrática, nós seremos expectadores, quando não vítimas, de verdadeira explosão de conflitos em inúmeras áreas da vida associativa. Um deles é o crescimento dos crimes e da delinquência, em especial o crescimento dos homicídios. Não se pode viver em uma sociedade democrática se a vida não é valorizada e garantida para maior número. Se eu vivo em bairro da cidade no qual a taxa de homicídio é 0,01% por cem mil habitantes e os bairros do outro lado da cidade tem uma taxa, por exemplo, em torno 100 homicídios por cem mil habitantes, então posso argumentar que a democracia não está garantida, porque o princípio básico de direito à vida não está sendo respeitado para todos os cidadãos e cidadãs que vivem nesta sociedade. O Núcleo sempre teve um papel muito destacado em procurar entender

os motivos para o crescimento no número de homicídios, bem como o impacto dos homicídios na crença dos cidadãos nas instituições responsáveis por essas mortes com o propósito de evitá-las no contexto do Estado Democrático de Direito.

Outro fato que chamou a atenção dos pesquisadores do NEV-USP foi o crescimento do crime organizado no país, também com seus efeitos no crescimento das mortes, quanto o impacto que causou na vida dos bairros, das prisões e das instituições. Sabe-se que, sobretudo na América Latina, o crime organizado desestabiliza as instituições democráticas e coloca a democracia em risco. Então, se precisar usar a força indiscriminada para conter o crime organizado, se está comprometendo o Estado Democrático de Direito. Além do crime organizado, o NEV também chamou a atenção para uma verdadeira explosão de conflitos nas relações interpessoais: briga de vizinhos, de casal, pais e filhos, *bullying*, como reações ao andamento das mudanças em curso na sociedade brasileira.

Então, vejo que nós temos um problema, do qual o Núcleo sempre se ocupou, que é tentar entender primeiramente o que se passa na sociedade e o que explica o crescimento da violência. Além do mais, temos nos preocupado em examinar como é que as pessoas percebem a violência. Como elas percebem o risco que é viver em uma sociedade em que os direitos não estão assegurados e como elas enfrentam o dia a dia junto às instituições? De que modo os cidadãos vivem a experiência de uma sociedade democrática e como o Estado responde às demandas por justiça, direitos humanos, democracia e pacificação pessoal? O tripé que move os projetos institucionais, inclusive os de pesquisa repousa em entender: a) a dinâmica da sociedade brasileira que viu os crimes violentos crescerem em espaço de quatro décadas como também as graves violações de direitos humanos; b) as respostas do Estado sob a forma de políticas públicas de segurança e de proteção de direitos humanos; e c) as representações dos distintos cidadãos a respeito dos direitos humanos, em especial aqueles que envolvem o reconhecimento dos direitos civis, sociais e políticos

e atribui responsabilidade aos agentes públicos e às instituições para consolidar tais direitos.

Atualmente, o NEV-USP, um CEPID da FAPESP, está desenvolvendo um projeto institucional em três dimensões: pesquisa, educação e disseminação do conhecimento, inovação e transferência de tecnologia. O projeto de investigação aborda a questão que sempre esteve presente em nossas preocupações. Constatamos, em inúmeras oportunidades, baixa confiança dos cidadãos em suas instituições e em seus agentes encarregados de aplicar políticas públicas. Baixa confiança pode levar a um fenômeno mais complexo que é crise de legitimidade e legitimação social. Por que muitos cidadãos não confiam nas leis e nas instituições do sistema de justiça para restituir paz à sociedade brasileira? Para tanto, com base em detido exame da literatura internacional, constatamos que a confiança e a legitimidade tem a ver com o dia a dia das relações entre governantes e governados, entre cidadãos e os agentes públicos encarregados de implementar políticas públicas. Mais do que caracterizar esse fenômeno é preciso explicá-lo, o que exige conhecimento empírico refinado a respeito dos processos de socialização legal a que os cidadãos estão submetidos desde a infância. Portanto, foi preciso realizar um desenho de pesquisa que inovasse em três direções: a) focalizasse o dia a dia dos cidadãos em suas demandas junto às instituições públicas, em especial às do município que lidam com os problemas cotidianos assim como o comportamento dos agentes públicos como respostas a tais demandas; b) focalizasse processos de socialização, com foco especial para pré-adolescentes e adolescentes, pois esta é uma fase crítica para a internalização de princípios de autoridade e de respeito às leis; e c) por ser processual, requereu pesquisa longitudinal, o que propõe complexos problemas de acompanhamento dos mesmos sujeitos observados em sucessivos períodos de observação em campo. Os resultados serão progressivamente disseminados e devem contribuir para formulação de políticas, em especial educacionais, voltadas para ampliar a confiança dos cidadãos em suas instituições.

**SÉRGIO FRANÇA ADORNO DE ABREU** *professor titular e diretor da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo (FFLCH-USP) e coordenador do Núcleo de Estudos da Violência da Universidade de São Paulo (NEV-USP) – e-mail: sadorno@usp.br*

**DIANA HELENA DE BENEDETTO POZZI** *professora associada da Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo (FM-USP) e editora responsável da Revista de Cultura e Extensão USP – e-mail: revistacultext@usp.br*

**BRUNO ROBERTO PADOVANO** *professor titular da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo (FAU-USP) e editor associado da Revista de Cultura e Extensão USP*

**PRIMAVERA BORELLI** *professora titular da Faculdade de Ciências Farmacêuticas da Universidade de São Paulo (FCF-USP) e editora associada da Revista de Cultura e Extensão USP*

**SUZANA HELENA DE AVELAR GOMES** *professora da Escola de Artes, Ciências e Humanidades da Universidade de São Paulo (EACH-USP) e editora associada da Revista de Cultura e Extensão USP*

**WALDENYR CALDAS** *professor titular da Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo (ECA-USP) e editor associado da Revista de Cultura e Extensão USP*

**ISADORA VITTI** *graduanda em Jornalismo da Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo (ECA-USP) e repórter da Revista de Cultura e Extensão USP – e-mail: vittidora95@gmail.com*





O P I N I Ã O opinion





# Afinal, o Que é Cidadania?

After all, What is Citizenship?

**Eis uma pergunta que parece impertinente, porque “cidadania” significaria alguma coisa de conhecimento geral. Seria esse um fato? Cidadania tem sido uma palavra muito usada em discursos, pois cria uma imagem positiva. Ao mesmo tempo, os discursos cada vez mais têm sido usados para cativar pessoas sem, entretanto, se tornarem ações e já esse fato seria uma questão de falta de cidadania.**

Diria que cidadania poderia ser resumida em se ter uma atitude ética, e ética não é nada mais do que respeitar ao próximo, independentemente de sexo, etnia, crença religiosa ou filosófica e também de espécie. Vale lembrar que liberdade está intrinsecamente vinculada à cidadania e ao respeito ao outro e que, portanto, está absolutamente limitada pela liberdade do outro.

É fato que na época atual, como sempre, a ética tem tido interpretações variadas, feitas em acordo com momentos político-sociais e com as diferentes áreas de atividade. Não vou comentar as questões de cidadania nas culturas ancestrais e nem as discussões sobre ética que existem desde então. Vale lembrar que sempre essas questões têm envolvido características das épocas e políticas vigentes e, principalmente, as questões dos diferentes grupos sociais, que existem até hoje no mundo inteiro, muito embora só na Índia se reconheça o fato e os rotule como “castas”.

Aparentemente tanto ética quanto cidadania têm tido interpretações variadas, com os diferentes grupos, ou castas, tendo seu próprio conceito a respeito, e com isso criando conflito social que, graças aos diferentes meios de comunicação, é crescente pelo mundo afora.

No Brasil a questão é gritante. Cidadania parece ser algo inexistente. Todos parecem referir cidadania como algo importante, que deve existir, e citá-la faz sucesso nos discursos dos interessados em ter popularidade. Ao mesmo tempo a grande maioria pretende ser cidadã e que maus cidadãos são os outros e principalmente os políticos que elegeram, por ter com eles algum tipo de afinidade.

Atualmente vivemos algum tipo de crise que é discutível quanto a sua origem,

DIANA HELENA DE  
BENEDETTO POZZI

Universidade de São Paulo.  
Faculdade de Medicina, São  
Paulo, Brasil

se seria política ou econômica, e que está repercutindo fortemente na economia e, principalmente, na vida de todos os brasileiros e tendo até, graças à globalização, repercussão significativa no exterior. Mesmo que se pretenda que a crise tenha uma origem política ou econômica, ambos os aspectos têm basicamente como origem a cidadania da população em geral.

Pensando nas diferenças existentes entre as populações que habitam a América, lembramos que suas regiões foram colonizadas na mesma época por pessoas de diferentes procedências, mas que tinham a mesma situação social em seus países de origem. Foram eles que conquistaram os territórios e nele se estabeleceram. Entretanto, a evolução do processo foi bastante distinta, muito embora tivesse em comum receberem imigrantes de diferentes procedências e terem adquirido mão de obra barata, escravos, para trabalhar no campo e na atividade doméstica.

Quando observamos o povo do hemisfério norte, percebemos uma população orgulhosa de seu país e que entende que “a grama do vizinho não é mais verde”, muito embora possa ser em alguns aspectos. Entretanto, desde o berço, no Brasil aprendemos que a grama do vizinho “é mais verde”. Resulta aquilo que no século passado, nos anos 60, chamávamos de evasão de divisas, pois gostamos de comprar no exterior ou produtos aqui montados por empresas estrangeiras, com a conseqüente remessa de lucros. Também ocorre de exportarmos matéria prima que será manufaturada no exterior para ser adquirida com o “selo de qualidade” externo. Seguramente isso se reflete na economia. É fato que atualmente vivemos no mundo globalizado, o que poderia explicar a situação ao menos parcialmente. Entretanto, leva à pergunta: devemos ser tão somente exportadores de matérias-primas e “mão de obra barata” para empresas estrangeiras que recebem bons dividendos por sua produção industrial exportável e com isso até resolvem suas crises?

Se for falar em corrupção, outra falha grave na cidadania: só nos preocupamos com a corrupção grosseira que ultimamente tem ocupado diariamente os noticiários e que envolve algumas grandes empresas e políticos. E a corrupção que ocorre no dia a dia, à qual já estamos acostumados e nem mais rotulamos como corrupção? Afinal para existir corrupção precisam existir duas partes, a que compra (corrompe) e a que é comprada (corrompida) e, se isso ocorre nos grandes atos de corrupção, também ocorre nos pequenos. Continuamente se paga para alguém com o objetivo de se receber alguma vantagem como no caso das multas dos mais variados tipos. Seria infundável a lista de “pequenas coisas” que se faz com o intuito de “levar vantagem” dentro do “jeitinho brasileiro”, e que parece ser uma atitude normal, que já estaria incorporada como parte de nossa cultura e tem sido associada à ideia de que “é dando que se recebe”.

Talvez se pense que cidadania só esteja vinculada à questão de Estado e, aparentemente, a maioria entende que: Estado é uma entidade que tem deveres para com os cidadãos. Talvez alguns pretendam que o Estado seja “uma enorme granja de galinhas poedeiras de ovos de ouro”. A ideia de que o Estado somos todos nós, que vivemos na sociedade e devemos contribuir para sua manutenção parece não predominar. A obrigação do cidadão estaria resumida a eleger pessoas que devem cuidar das coisas da entidade Estado e dar benefícios para a população. Ora, como o Estado poderá cuidar

de seus cidadãos se estes não contribuirão? E como cidadãos podem exigir do Estado se não contribuem adequadamente com ele e pretendem receber só os benefícios?

Os cidadãos devem contribuir com o Estado e exigir que este lhes retribua com os benefícios fundamentais para toda a comunidade e também para seu desenvolvimento. O Estado recebendo essa contribuição, que não é estrita a impostos, deverá dar a todos os seus cidadãos boas condições de vida, com boa saúde e uma educação que lhes permita uma atividade que propicie um aprimoramento do Estado. Ele deve inclusive desenvolver os meios que permitam aos cidadãos incrementar os recursos do Estado, para um melhor atendimento de toda a sociedade que o constitui. Dessa maneira, muito provavelmente, as pessoas terão não só um sentimento de orgulho pessoal, mas também de pertencer à sociedade e sentirem-se cidadãs. Notoriamente pessoas são diferentes e tem habilidades diversas e, felizmente, é o conjunto dessas habilidades que permite uma sociedade pujante por ser criativa. Ao mesmo tempo todas as pessoas têm basicamente as mesmas necessidades que devem ser atendidas com qualidade, de tal maneira que elas possam se sentir cidadãs.

Lamentavelmente não é isso que temos visto acontecer. A própria população tem aprendido que não é importante uma boa formação de pessoas, o que tem interessado é simplesmente uma diplomação que lhe trará alguma vantagem pecuniária. Aparentemente não interessa ser cidadão, mas tão somente ter poder aquisitivo para se equiparar aos demais. Quando ocorre uma crise, o que é cortado de maneira significativa é o investimento em Educação e no Sistema de Saúde, que deve ser próprio para atender à saúde e não só à doença. Aparentemente essa conduta, que tem sido admitida como adequada, tem sido justificada pela necessidade de consumir, a importância de ter e não a de ser, pois isso seria interessante para a economia.

Piketty, em seu livro *O capital no século XXI* [2], no qual ele escreve sobre sua preocupação, que é o crescimento da desigualdade no mundo, relata que a possibilidade de uma mudança seria dependente de uma mudança nos usos e costumes e, principalmente, de uma melhor educação, com a formação e capacitação das pessoas a fim de que elas possam ser saudáveis e ter uma maior e melhor participação na sociedade, exercendo suas competências, sentindo auto respeito e sendo cidadãs. Pelo seu livro fica aparente que o futuro será problemático se isso não ocorrer. Anthony Giddens, em seu livro *Runaway world* [1], também escreve sugerindo a urgência de mudanças do comportamento das pessoas, pois caso contrário iremos ter não uma aldeia global, mas uma pilhagem global.

Quando a urgência em ter predomina, e a cidadania não está presente, surgem os maiores problemas. A urgência no ter, criada pela necessidade de consumo para “melhorar a economia”, tem obtido resultados discutíveis e provavelmente só está aumentando rapidamente a desigualdade e criando para muitos a necessidade de ter coisas por qualquer meio, inclusive pela violência, não só física como a mental e sem se ater a uma postura ética.

Observando os fatos que ocorrem com esse tipo de procedimento fica a impressão de que atualmente existe a predominância do materialismo capitalista selvagem, consumista, incentivado pela propaganda que promove as modas que convidam as pessoas a ter e a se comparar e assim deixar de ser para tão somente parecer. Os meios

de informação, principalmente a internet, têm sido utilizados predominantemente com esse objetivo. Isso é feito de tal maneira que atualmente, na procura da “grama mais verde”, existem as grandes migrações e até já está em andamento um significativo comércio nessa área para levar pessoas que vivem em locais em litígio, que querem se mudar e estão interessados primordialmente nos “países ricos”.

Aparentemente a ética e a cidadania estão esquecidas, são figuras de retórica. Existem os vários códigos de ética e a cidadania parece só se manifestar em situações pontuais como limpeza da cidade, ecologia, celebrações públicas, liberdade sexual, entre outras que seriam “politicamente corretas” e tornam-se moda.

Cidadania seria seguir modas para poder pertencer a grupos? Cidadania não envolveria pensar e ter espírito crítico que permite avaliar os acontecimentos, inclusive as modas e as necessidades de consumo? Cidadania não implicaria em perceber a disparidade social crescente e suas consequências na violência? Cidadania não seria perceber e procurar sanar todos os tipos de violência que ocorrem e que não estão estritos à violência física? Cidadania seria se avocar direitos sem se lembrar dos deveres a eles associados? Ou seria pretender ter direitos adquiridos, se acomodar e nada fazer para continuar a merecê-los? Cidadania não seria criar condições para o outro ser e, conseqüentemente adquirir a possibilidade de ter? Cidadania seria procurar levar vantagem, e os outros que de danem? Ou seria tão somente ter a possibilidade de consumir e, assim, fazer a felicidade do mercado? Cidadania seria ensinar e formar cidadãos ou tão somente induzi-los a consumir? Cidadania seria cuidar do próprio gramado ou só invejar o do vizinho e até querer de qualquer modo se mudar e aproveitar a vantagem? Cidadania não seria respeitar o próximo, cada um com sua competência? Cidadania seria utilizar qualquer meio, explorando os mais diferentes seres a fim de ter lucro?

A diversidade quanto ao que seja cidadania tem levado aos mais diversos comportamentos e a uma vida bastante complicada. Tem sido dada ênfase à questão econômica como a causadora da questão social e as ações têm sido praticadas tendo como objetivo estrito a economia, que alguns pretendem que seria a solução dos problemas. Entretanto, como escreve Giddens [1], essas medidas têm significativamente alimentado o problema social. É crescente o número de pessoas que estão percebendo e se preocupando com a situação e Piketty [2] refere à necessidade de mudanças na sociedade para solucionar os problemas, pois a economia não deveria estar restrita a exercícios matemáticos sofisticados, ela é algo mais amplo, é uma questão também ligada à sociologia.

A observação do que acontece no Brasil e no mundo sugere fortemente que o problema básico no Brasil e no mundo é a cidadania, o comportamento das pessoas que constituem os estados. Essas pessoas, inclusive, são as responsáveis pela escolha de seus representantes que devem cuidar da melhor maneira do Estado, isto é, da população. É esse conjunto que irá produzir uma condição social e econômica para toda a sociedade, na qual as diferenças sejam respeitadas e as desigualdades minimizadas.

Aparentemente, cidadania é o que está faltando no mundo e, particularmente, no Brasil, para que a vida de todos possa ser melhor.

## REFERÊNCIAS

- [1] GIDDENS, A. **Runaway world – How globalization is reshaping our lives.** London: Profile Books, 1999.
- [2] PIKETTY, T. **O capital no século XXI.** Rio de Janeiro: Editora Intrínseca Ltda., 2014.

**DIANA HELENA DE BENEDETTO POZZI** *professora associada da Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo (FM-USP) e editora responsável da Revista de Cultura e Extensão USP – e-mail: revistacultext@usp.br*





A R T I G O S articles



# Energia e Sustentabilidade

## Energy and Sustainability

### INTRODUÇÃO

Na década de 1980, foi criada pela Assembleia Geral das Nações Unidas a Comissão Mundial sobre o Meio Ambiente e Desenvolvimento (CMMAD), presidida por Gro Harlem Brundtland que, em 1987, lançou o relatório *Nosso Futuro Comum*, (conhecido também como Relatório Brundtland) que definiu o desenvolvimento sustentável da seguinte forma:

O desenvolvimento sustentável é aquele que atende às necessidades do presente sem comprometer a possibilidade de as gerações futuras atenderem a suas próprias necessidades.

Segundo o próprio Relatório Brundtland, essa definição contém dois conceitos-chave:

- » O conceito de “necessidades”, em particular as necessidades básicas dos mais pobres, às quais, prioridade absoluta deve ser dada;
- » A ideia das limitações impostas pelo estado da tecnologia e da organização social existente para atender às necessidades presentes e futuras.

Em outras palavras, a definição acima inclui sustentabilidade física, desenvolvimento, a satisfação das necessidades e o reconhecimento de certos limites impostos, ou pelo meio ambiente ou pelos nossos deveres com a geração presente e as futuras.

No que se refere a recursos naturais a definição se inspira na que foi formulada por G. Pinchot [4], fundador da Yale School of Forestry, em 1990:

Recursos naturais devem ser administrados de forma que reconheça plenamente o direito das gerações presentes de usá-los para atender suas necessidades, mas reconhecer igualmente a obrigação de usá-los de forma que nossos descendentes não sejam desprovidos do que eles necessitarão.

JOSÉ GOLDEMBERG

Universidade de São Paulo.  
Instituto de Energia e Ambiente,  
São Paulo, Brasil

No que se refere aos aspectos relativos à justiça social, ela se inspira no “imperativo categórico” de Immanuel Kant, formulado no fim do século XVIII [1], segundo o qual “ninguém deve atuar exceto numa forma em que seus desejos possam se transformar em lei universal”.

O critério da “universalização” das ações morais é quase um sinônimo da ideia de sustentabilidade, isto é, desenvolvimento que deve ser distribuído equitativamente no espaço e no tempo [5].

A definição de desenvolvimento sustentável feita no Relatório Brundtland tem sido muito criticada desde a ocasião em que foi formulada.

A primeira dessas críticas é a de que a definição não diz nada sobre a métrica a ser usada. Como se deve interpretar a menção às “gerações futuras”. Quantas gerações? Nossos filhos? Nossos netos? [3].

A segunda é que ela ignora o fato de que existem grupos e classes sociais diferentes numa sociedade e que o interesse em garantir a sustentabilidade de cada uma delas pode ser diferente: para os trabalhadores ela pode representar melhores salários, para os bancos, melhor retorno para seus investimentos, para os produtores de carvão um maior consumo a preços compensadores, para os ambientalistas a melhor proteção ao meio ambiente. É evidente que algumas destas aspirações são conflitantes e que desenvolvimento sustentável para uns pode ser desenvolvimento predatório para outros.

Na realidade o desenvolvimento sustentável tem três componentes indispensáveis, isto é, se apoia num tripé: a sustentabilidade econômica, a social e a ambiental, e todas elas precisam ser levadas em conta e harmonizadas. Quando uma delas não está presente o desenvolvimento não é sustentável.

Por essa razão o problema do desenvolvimento sustentável, isto é, desenvolvimento durável ao longo do século XX deu origem a duas abordagens [2]:

1. A primeira, denominada “liberal de mercado”, parte do pressuposto de que a pressão de concorrência e crescimento econômico levaria automaticamente ao uso racional dos recursos naturais, ao progresso tecnológico e às novas necessidades de consumo compatíveis com as exigências do meio ambiente.
2. A segunda é a visão marxista de que o que realmente impede o desenvolvimento sustentável é o sistema capitalista. Cabe mencionar aqui que Marx, em meados do século XIX, estava muito mais interessado nas consequências da exploração do trabalho do que na conservação da natureza. Os aspectos negativos dos impactos da industrialização e da poluição resultantes não eram ainda muito visíveis na época.

Sucedem que as máquinas, reatores nucleares, refinarias de petróleo, etc., são as mesmas num regime capitalista ou socialista, o que mostra que mesmo que o controle dos meios de produção passasse para as mãos do Estado num regime socialista, os problemas ambientais persistiriam. A ideia que a substituição do capitalismo pelo socialismo *per se* resolveria os problemas da sustentabilidade parece pouco convincente.

Por essa razão a formulação do Relatório Brundtland, que pode ser considerado “reformista”, é baseada na ideia de que a tecnologia e a intervenção do Estado

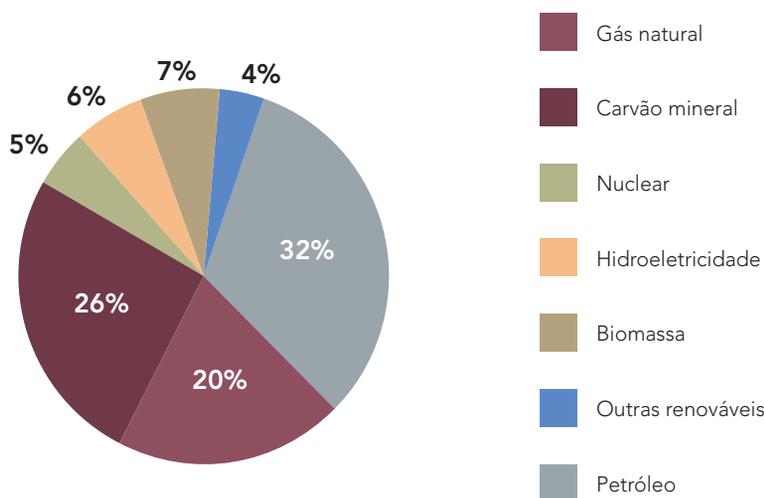
(principalmente através da legislação ambiental) podem resolver os conflitos entre um desenvolvimento predatório e outro sustentável. Há exemplos históricos em que isto de fato ocorreu no passado, o melhor dos quais é o da solução dos problemas criados pelo crescimento populacional que superou as previsões apocalípticas de Malthus através do aumento da produtividade agrícola.

## ENERGIA E DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL NO MUNDO

As análises sobre desenvolvimento sustentável se tornam mais simples e objetivas quando se discute a área de energia onde existe uma resposta clara à questão da métrica a ser usada.

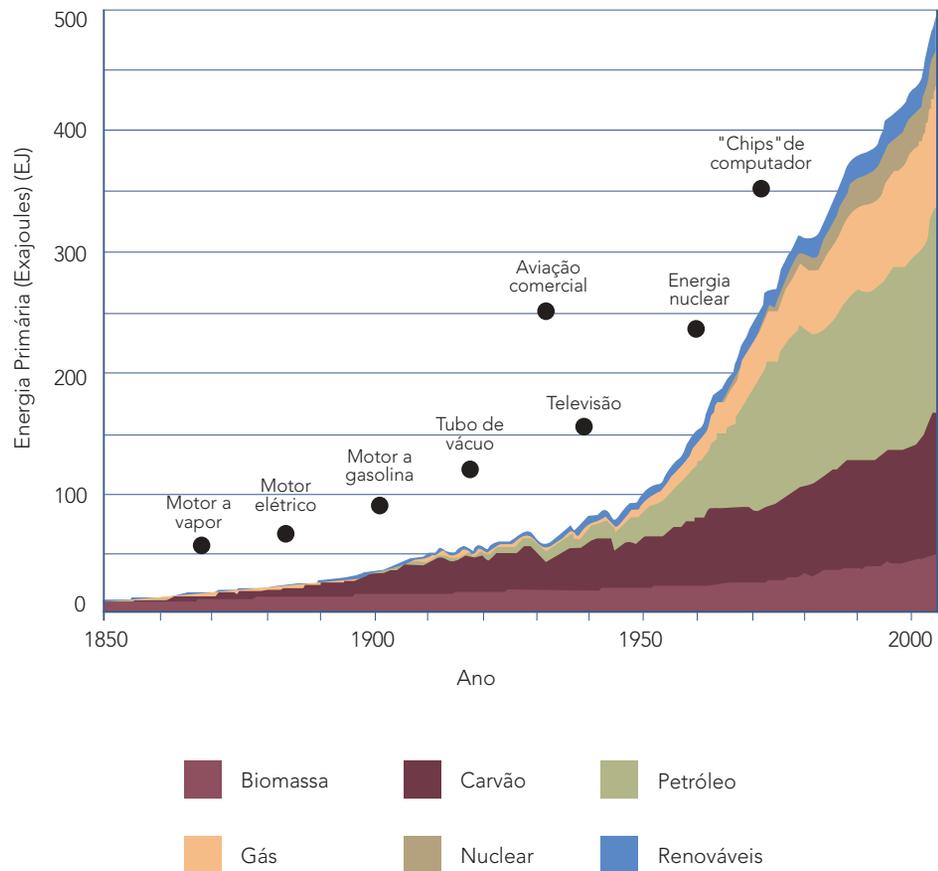
As fontes de energia usadas no presente, isto é, as matrizes energéticas mundiais, são as indicadas no Gráfico 1.

**Gráfico 1** – Oferta de energia mundial (2014), (306 milhões de toneladas equivalentes de petróleo). Fonte: BP Statistical Review of World Energy 2015.



Como se pode ver, combustíveis fósseis (carvão, petróleo e gás natural) representam mais de 80% do consumo mundial. O consumo atual se deve à explosão de consumo que ocorreu no século XX devido a desenvolvimentos tecnológicos, como automóveis, aviões, etc., como se vê no Gráfico 2.

**Gráfico 2** – A evolução do consumo mundial de energia (1850-2000). Fonte: GEA 2012 – Global Energy Assessment – Toward a Sustainable Future Cambridge University Press, Cambridge, UK.



Os principais problemas decorrentes e limitações do uso de uma matriz energética fortemente dependente de combustíveis fósseis, como a atual, são os seguintes [3]:

*Exaustão dos combustíveis:* As reservas existentes destes combustíveis fósseis são conhecidas, sendo previsível que elas se esgotem, sejam 41 anos para petróleo, 63 para gás natural e 147 para o carvão, isto é, dentro de uma ou duas gerações;

*Segurança no acesso aos combustíveis fósseis:* Uma vez que as principais reservas estão distribuídas de forma desigual entre os países, gerando problemas geopolíticos no acesso a elas;

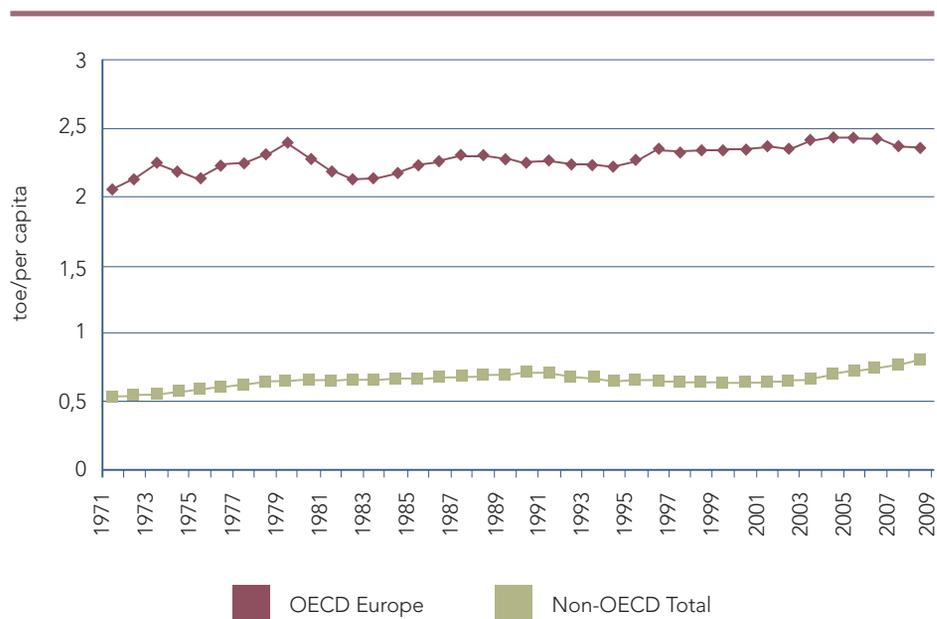
*Degradação da saúde e condições ambientais:* tanto no nível local (poluição atmosférica), nível regional (chuva ácida) e nível mundial (aquecimento global), produzido principalmente pelo CO<sub>2</sub> resultante da queima de combustíveis fósseis.

A resposta para todos estes problemas, ou seja, a busca da sustentabilidade, é a adoção de energias renováveis que respondem bem a estas inquietações: a maioria das energias renováveis (energia eólica, solar térmica, eletricidade solar com células fotovoltaicas e energia de biomassa) tem origem na radiação solar que não vai se esgotar e que não é poluente. Além disso, a radiação solar está distribuída sobre o planeta de uma forma mais equitativa que as fontes fósseis de energia.

A questão dos mais pobres, em particular da população que vive nos países em desenvolvimento, é ilustrada no Gráfico 3, que mostra que o consumo *per capita* nos países ricos (membros da OECD) é aproximadamente 4 a 5 vezes maior do que nos países em desenvolvimento. Esta situação não se modificou muito desde 1971. Só a partir do ano 2000 é que se observa uma lenta convergência entre o consumo *per capita* dos países ricos e os países em desenvolvimento.

Este é um problema que o uso crescente de energias renováveis não poderá resolver *per se* porque é um problema de natureza social e política que só o crescimento econômico nos países em desenvolvimento poderá resolver.

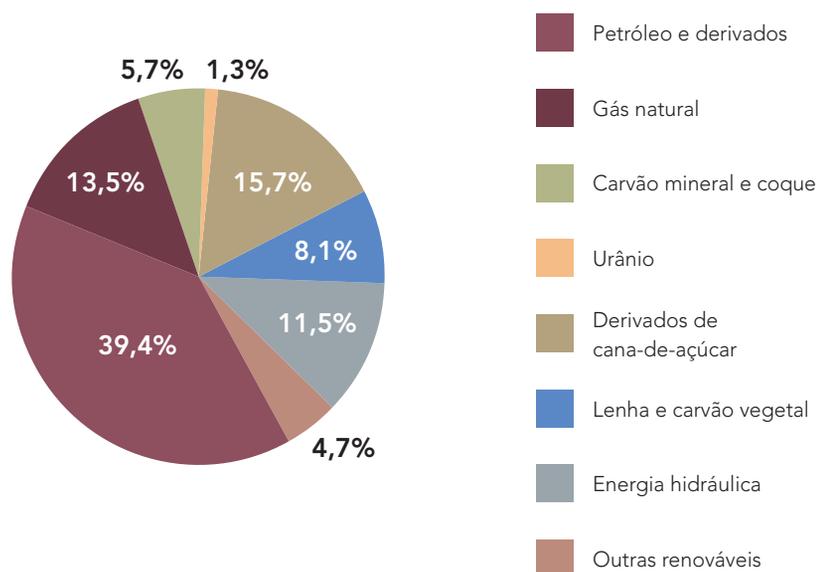
**Gráfico 3** – Evolução do consumo final por habitante (1971-2009). Fonte: IEA, 2009. Energy Statistics.



## ENERGIA E DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL NO BRASIL

A matriz energética brasileira, em contraste com a matriz energética mundial, tem uma participação muito significativa de energias renováveis, como se pode ver no Gráfico 4.

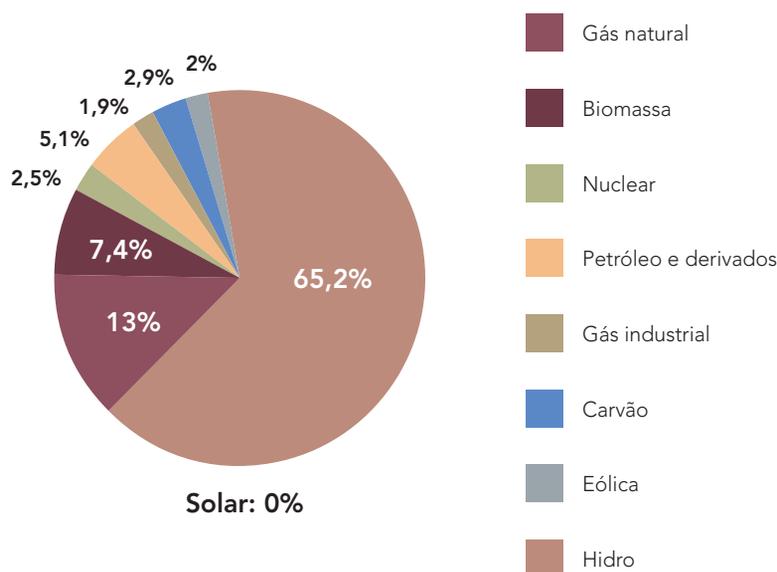
**Gráfico 4** – Oferta de energia no Brasil (2014), (305.6 Mtoe tep) Não renováveis (59,3%), Renováveis (39,4%). Fonte: Conselho Nacional de Política Energética (CNPE) – 30ª Reunião Ordinária – 23 de julho de 2015.



No mundo, como se pode ver no Gráfico 1, energias renováveis representam 13,8%, ao passo que no Brasil são 41%, das quais 12,5% é de energia hidráulica, 8,3% de lenha e carvão vegetal, 16,1% de derivados de cana de açúcar e 4,2% são outras renováveis (entre as quais, a energia eólica e a solar). Do ponto de vista de sustentabilidade esta é uma situação muito favorável.

Na produção de eletricidade a situação é ainda mais favorável, como se vê no Gráfico 5. Energias renováveis (hidroeletricidade, biomassa e energia eólica) representam 82,1% do total. Deste total, 13,2% são de origem eólica (7%), biomassa (7,3%) e pequenas centrais hidroelétricas (4,2%).

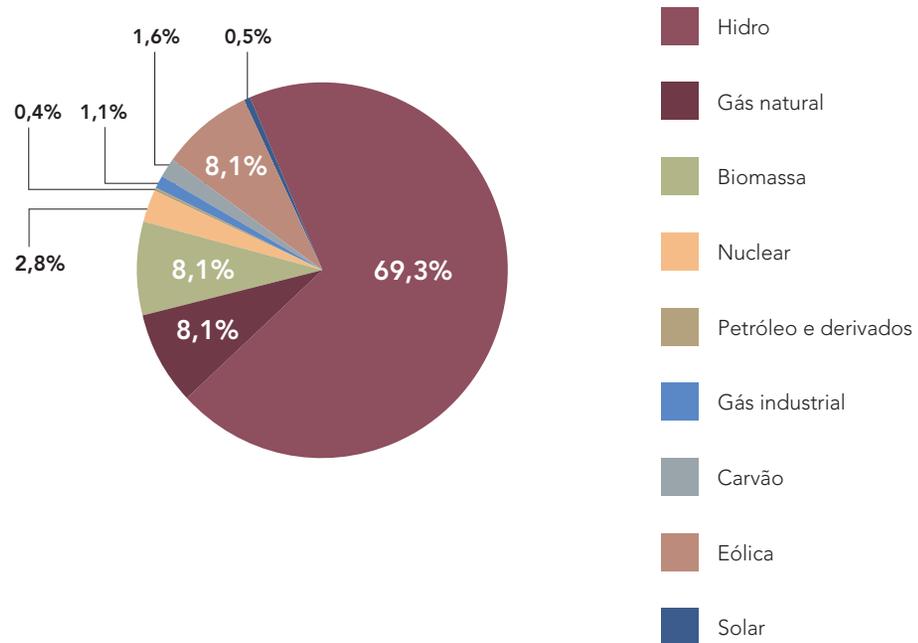
**Gráfico 5** – Oferta de energia elétrica (2014) (624.3TWh), Não renováveis (26,4%), Renováveis (74,6%). Fonte: Plano Decenal de Expansão de Energia – 2023. Empresa de Pesquisa Energética (EPE).



O problema, como se vê no Gráfico 6, é que a participação da energia hidroelétrica está diminuindo: de 68,9%, em 2013, a 59,6%, em 2023, de acordo com as previsões da Empresa de Pesquisa Energética (EPE). As outras renováveis (eólica, solar, biomassa e PCH) aumentariam sua contribuição para 24,1%. Se isto de fato ocorresse o total de renováveis atingiria 83,7% em 2023. Em 2013 ela era de 82%.

A fração da energia elétrica originária de derivados de petróleo, que era de 17,1% em 2013, cairia para 14,5%, o que é uma evolução no sentido correto porque o sistema elétrico nacional dependeria menos de combustíveis fósseis. No entanto, a energia total gerada aumentaria de 610Twh-hora para 758Twh-hora, um aumento de 24% e, conseqüentemente, de emissões de carbono. Atingir em 2030 a mesma participação percentual de renováveis do que em 2013 não significa redução das emissões de CO<sub>2</sub>.

**Gráfico 6** – Oferta de energia elétrica (2023)(933,8 TWh), Não renováveis (85,5%), Renováveis (14,5%). Fonte: Plano Decenal de Expansão de Energia – 2023. Empresa de Pesquisa Energética (EPE).



As razões pelas quais a participação hidroelétrica está caindo são as seguintes:

- » O potencial hidroelétrico da região Sudeste está praticamente esgotado e a expansão do sistema tem ocorrido principalmente na região Norte, incluindo a Amazônia;
- » Devido a um planejamento inadequado, as novas usinas, de modo geral, estão sendo construídas a “fio d’água”, isto é, sem grandes reservatórios. A justificativa para tal estratégia é reduzir a área inundada e as consequências sobre a população ribeirinha, o que pode ser questionado num país de dimensões continentais como o Brasil. Com a baixa precipitação de chuva nos últimos três anos a geração de energia de origem hidroelétrica se reduziu. Para enfrentar esta situação o Governo Federal optou por complementar a geração com usinas térmicas, usando carvão, gás e derivados de petróleo, alguns deles altamente poluentes. A participação térmica na geração que era de menos de 5% há 10 anos atrás atinge hoje cerca de 30%;
- » A alternativa de reduzir a demanda através de programas de eficiência energética não foi adotada apesar de existir aparato legal para tanto.

A Tabela 1 mostra a evolução das emissões de gases de “efeito estufa” no setor energético.

**Tabela 1** – Evolução das emissões de GEE na produção, transformação e no uso de energia.  
 Fonte: Plano Decenal de Expansão de Energia – 2023. Empresa de Pesquisa Energética (EPE).

SETORES*	MtCO <sub>2</sub> eq	
	2014	2023
Setor elétrico	64	73
Sistema Interligado Nacional	45	37,5
Autoprodução	18,9	35,1
Setor energético	29	57
Residencial	18	21
Comercial	2	3
Público	1	1
Agropecuário	18	22
Transportes	224	306
Industrial	106	145
Emissões fugitivas	21	33
Total	483	660

\* Não inclui sistemas isolados

No setor elétrico as emissões aumentam de 64 para 73 MtCO<sub>2</sub>eq que não é muito significativa, mas o setor de transporte aumenta significativamente de 224 para 306 MtCO<sub>2</sub>eq.

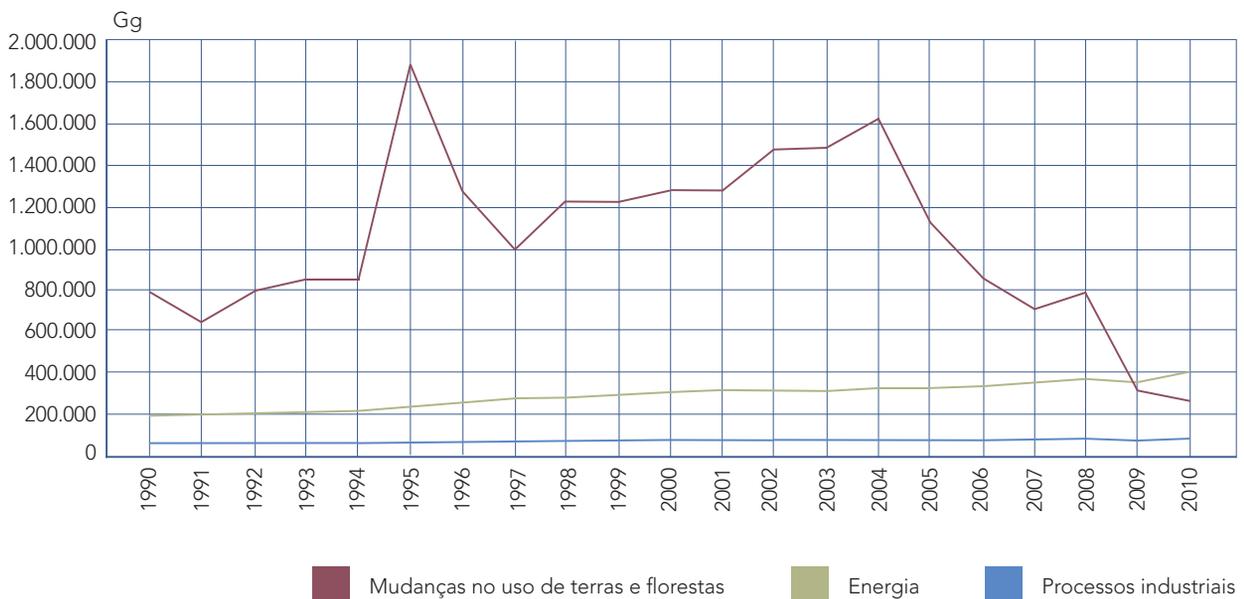
No que se refere à produção e consumo de petróleo, a estratégia do Governo tem

sido a de priorizar a produção de petróleo na plataforma continental a grandes profundidades abaixo da camada de sal (Pré-Sal) a um custo elevado (cerca de US\$ 40 por barril) que tem dificuldades de competir no mercado internacional devido à queda do preço do petróleo. O consumo de gás tem aumentado significativamente. É evidente, por consequência, o aumento das emissões de carbono deste setor.

A alternativa para evitar que isso ocorresse seria aumentar a produção de etanol para uso em automóveis biocombustíveis (“flex-fuel”) substituindo a gasolina. Isto tem ocorrido apenas parcialmente. A fração de derivados de cana de açúcar aumentou de 13,5%, em 2004, para 18,1%, em 2009, mas caiu para 16,1%, em 2013, devido a políticas equivocadas do Governo que manteve constante o preço da gasolina no país a partir de 2009, afetando seriamente a situação econômica da Petrobrás e, por consequência, o setor do etanol, cujo preço é indexado ao da gasolina.

O resultado final é a “carbonização” do setor energético (incluindo eletricidade e derivados de petróleo), como se pode ver no Gráfico 7. As emissões resultantes das mudanças do uso da terra e desmatamento da Amazônia caíram drasticamente a partir de 2004, mas as do setor de energia estão aumentando progressivamente.

**Gráfico 7** – Estimativas anuais de emissões de gás carbônico (CO<sub>2</sub>), por setores de emissão, Brasil – 1990-2010. Fonte: Indicadores de Desenvolvimento Sustentável, Brasil, 2015. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE)\*



\* Estimativas anuais de emissões de gases de efeito estufa no Brasil. Brasília, DF: Ministério da Ciência, Tecnologia e Inovação, 2013. Disponível em: <[http://www.mct.gov.br/upd\\_blob/0228/228468.pdf](http://www.mct.gov.br/upd_blob/0228/228468.pdf)>. Acesso em: mar. 2015.

## CONCLUSÕES

O setor de energia no Brasil tem tido até recentemente características favoráveis a uma trajetória sustentável devido à elevada participação de energias renováveis na sua matriz energética. Esta situação é ameaçada hoje pela “carbonização” desta matriz devido a políticas equivocadas do Governo.

## REFERÊNCIAS

- [1] CAMARGO, S. X.; PINHEIRO A. C. D. Fundamentação ética do desenvolvimento sustentável em Kant, Habermas e Hans Jonas. **Revista de Direito Público**, Londrina, v. 5, n. 2, pp. 177-193, ago. 2010.
- [2] FREITAS, R. C. M.; NUNES, L. S.; NELSON, C. M. A crítica marxista ao desenvolvimento (in)sustentável. **Revista Katálysis**, Florianópolis, v. 15, n. 1, pp. 41-51, jan.-jun. 2012.
- [3] GOLDEMBERG, J. Energy choices toward a sustainable future. **Environment**, v. 49, n. 10, pp. 7-17, dez. 2007.
- [4] PINCHOT, G. **The fight for conservation**. New York: Doubleday, Page & Company, 1910.
- [5] VARMAN, M. Sustainability and the categorical imperative. **Columbia Daily Spectator**, Opinion Columns. September 28, 2009. Disponível em: <<http://columbiaspectator.com/2009/09/28/sustainability-and-categorical-imperative>>

**JOSÉ GOLDEMBERG** *professor associado do Instituto de Energia e Ambiente da Universidade de São Paulo (IEE-USP), membro da Academia Brasileira de Ciências e Academia de Ciências do Terceiro Mundo e co-presidente do Global Energy Assessment – e-mail: goldemb@iee.usp.br*



# As Práticas de Leitura Literária e a Literatura Infantil no Acervo do Estágio de Formação do Educador em Serviço – EFES: Resultados e Análises Preliminares de um Projeto de Pesquisa e Extensão Universitária

The Literary Reading Skills and the Children's Literature in the Archives of Internship in Formation of the Educator in Service – EFES: Preliminary Results and Analysis of a University Research and Extension Project

## RESUMO

O presente artigo se propõe a expor os resultados preliminares desta pesquisa de Iniciação Científica que procura obter elementos e fontes que contribuam para uma melhor compreensão das práticas de leitura literária e formação de leitores bem como da presença (ou ausência) da literatura infantil na escola pública brasileira entre as décadas de 1980 e 1990. Por meio da identificação, organização e análise do Acervo do Estágio de Formação do Educador em Serviço – EFES, procuramos reconstituir o que Chervel [2] e Julia [5] chamam de "história das disciplinas escolares", no que diz respeito ao ensino da língua portuguesa e literatura, bem como a própria história desse complexo e longo projeto de pesquisa e extensão universitária. Uma primeira abordagem e análise desse arquivo já nos permite compreender seu potencial para futuras pesquisas, bem como nos possibilitou resgatar as publicações da equipe EFES durante seu período de existência. Apresentaremos uma síntese da primeira triagem dessa documentação, que constituirá nosso *corpus* documental.

**Palavras-chave:** Práticas de Leitura. Literatura Infantil. Ensino de Literatura. História da Educação.

## ABSTRACT

This paper intends to expose the preliminary results of this undergraduate research, which pursues elements, sources and reflections that contribute with a better understanding of literary reading skills and reader formation, as well as a finer comprehension of the presence (or absence) of children's literature in Brazilian public schools between 1980 and 1990. Through identification, organization and analysis of the EFES's archives, we sought to reconstitute what Chervel [2] and Julia [5] call history of school subjects on Portuguese language and literature teaching, as well as the very history of this long and complex research and extension project. A first

GUSTAVO HATAGIMA,  
NEIDE LUZIA DE  
REZENDE E  
DISLANE ZERBINATTI  
MORAES

Universidade de São Paulo.  
Faculdade de Educação, São  
Paulo, Brasil

approach and analysis of this archive has allowed us to comprehend its potential for further research. Moreover, it has enabled us to salvage the publications of EFES's team during its period of existence. We will present a synthesis of the first sorting of this documentation, which will constitute our documental *corpus*.

**Keywords:** Reading Skills. Children's Literature. Literature Teaching. History of Education.

## INTRODUÇÃO

O presente artigo apresenta os resultados parciais de uma Iniciação Científica que está inserida no projeto de pesquisa *Memória e História da Formação de Professores de Língua Materna e Literatura: O Acervo EFES – Estágio de Formação do Educador em Serviço (1984-1996)*, sob a coordenação das Profas. Dras. Neide Luzia de Rezende e Dislane Zerbinatti Moraes. Nosso objetivo é compreender as práticas de leitura literária e a literatura infantil na escola pública de São Paulo, nas décadas de 1980 e 1990, e, para alcançar tal objetivo, utiliza-se o Acervo do Estágio de Formação do Educador em Serviço (EFES) como fonte documental. Tal arquivo também nos leva a refletir como a Universidade Pública guarda a memória de projetos de extensão ocorridos no passado. Como ideias, propostas e trabalhos que visaram contribuir na relação entre a pesquisa e trabalho acadêmicos são preservados? Esta é uma das perguntas que movem nossa pesquisa, ainda em processo, e que aqui pretendemos expor.

Atualmente localizado na Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo, o Acervo EFES é constituído por uma diversa gama de documentos, variando no tipo (cartas, relatórios, livros, teses, materiais didáticos etc.) e em quem produziu (a própria equipe EFES, Ministério da Educação, professores da Educação Básica e etc.). Nossa pesquisa pretende realizar uma primeira abordagem desse arquivo, fruto de anos de trabalho e pesquisa, na intenção de resgatar e conservar essa memória da educação brasileira. Seguimos o que o historiador Carlos Bacellar [1] pontuou sobre a preservação e o resgate de um conjunto documental extremamente rico e que ainda permanece fora de um arquivo público:

A documentação de caráter privado pode dizer respeito a acervos de pessoas, de famílias, grupos de interesse (militantes políticos, instituições, clubes etc.) ou de empresas. No Brasil não há uma prática corriqueira de preservação documental privada, e as notícias de destruição de importantes conjuntos documentais infelizmente não são raras (p. 42).

O Estágio de Formação do Educador em Serviço (EFES) foi um complexo e longo programa de formação-pesquisa coordenado pela Profa. Dra. Lígia Chiappini M. Leite, dentro da linha *Literatura e Educação* do Departamento de Teoria Literária e Literatura Comparada da FFLCH-USP. Seus antecedentes remontam a um período de trabalho das associações docentes, pois o embrião do que viria a ser o EFES nasceu entre 1979 e 1980 dentro da Associação de Professores de Língua e Literatura (APLL), por meio de um grupo de trabalho para formação permanente dos docentes

que conciliava professores universitários, professores da educação básica, graduandos de Letras e estudantes de Magistério. Segundo Soares [6] e Faria [3], essa foi uma das formas de organização possíveis naquele contexto de intensas reflexões sobre o rumo do país, de entrada de novas discussões e referenciais teóricos sobre o ensino da língua portuguesa, bem como de reformulações curriculares, para tentar modificar e recuperar uma escola cheia de inúmeros problemas e deficiências. Na década de 1980, em um Brasil em processo de redemocratização, a relação entre a Universidade e a escola pública se intensificou e o EFES pode ser visto como exemplo desse caminho tomado.

Iniciado em 1984, como um projeto participante do *Programa de Integração da Universidade com o Ensino de 1º Grau\**, do MEC/SESu., e passando por diversas etapas até 1997, o EFES ministrou cursos para formação continuada de professores da Educação Básica, organizou seminários, publicou livros dando voz aos docentes da escola pública e participou intensamente da reorientação curricular da Secretaria Municipal de Educação de São Paulo (SME-SP), entre os anos de 1989 e 1992. Com o projeto intitulado *A circulação de textos na escola*, iniciado em 1992 e indo até o término do projeto, por volta de 1996/1997, revisitou as escolas que aderiram ao projeto de interdisciplinaridade, proposto pela reorientação curricular da SME-SP. Ainda em 1996, o EFES foi convidado a dar seu parecer sobre os Parâmetros Curriculares Nacionais de Língua Portuguesa.

O desafio colocado diante de nós é, então, também compreender a relação entre os diversos agentes que, direta ou indiretamente, participaram do período de existência do projeto. Entre professores universitários, professores das redes municipal e estadual de São Paulo, pesquisadores de pós-graduação e alunos de graduação da USP, que formavam a equipe, surgem também instituições de financiamento de pesquisa e órgãos públicos da área da Educação.

Portanto, por meio desta pesquisa esperamos colaborar: (1) para a organização da documentação pertencente ao acervo, de modo a ampliar as possibilidades de acesso e pesquisa; e (2) para a análise desse acervo, contribuindo para o entendimento do lugar que o EFES ocupa dentro da história das práticas de ensino de língua portuguesa e literatura.

Para nortear os modos de trabalho em arquivos, utilizamos as contribuições de Bacellar [1], em especial no que diz respeito às práticas de pesquisa. No auxílio da compreensão e reconstituição da história das práticas escolares, apoiou-se em Julia [5], para entender a cultura escolar enquanto objeto histórico e os cuidados metodológicos necessários com as fontes documentais, e Chervel [2], que mostra, a partir do estudo da história das disciplinas escolares, a complexidade e criatividade da escola na constituição e manutenção de suas disciplinas. Consideramos que através da reconstituição da história das disciplinas escolares é possível:

---

\*Em 1986, este programa foi integrado ao programa *Nova Universidade*.

(...) identificar, tanto através das práticas de ensino utilizadas na sala de aula como através dos grandes objetivos que presidiram a constituição das disciplinas, o núcleo duro que pode constituir uma história renovada da educação. Ela abre, em todo caso, para retomar uma metáfora aeronáutica, a ‘caixa preta’ da escola, ao buscar compreender o que ocorre nesse espaço particular ([5], p. 13).

Comprendemos que esse arquivo guarda uma documentação que propicia a aproximação à história das práticas culturais – no caso, as práticas escolares, mais especificamente, àquelas referentes ao período das décadas de 1980 e 1990 da história da educação brasileira.

## MATERIAIS E MÉTODOS

Para organizar o trabalho, a pesquisa foi dividida em quatro etapas: (1) identificação dos documentos que constituem o acervo, por meio de categorias como nome do documento, autor(es) e data, entre outros\*\*; (2) preservação e manutenção das fontes, realizadas por meio da limpeza dos armários e troca das caixas originais (de plástico/poliondas) por caixas de papelão; (3) seleção dos documentos que serão objetos da análise; e (4) realização desta análise documental.

No tempo a que corresponde este artigo, foram realizadas as duas primeiras etapas e iniciou-se o processo de triagem, referente à terceira etapa.

Embora um dos nossos objetivos iniciais fosse a identificação dos documentos, realizando uma primeira abordagem do acervo, o ponto central era estabelecer um primeiro contato e compreender este arquivo da melhor maneira possível. Assim, é provável que não tenha sido possível apreender este conjunto documental e as fontes individualmente em toda a sua complexidade, uma vez que para isso é essencial debruçar-se com profundidade. No entanto, como era previsto, os resultados parciais deste trabalho servem como uma primeira aproximação com o objeto da investigação, que são as práticas de leitura e a literatura infantil no Ensino Fundamental I.

A ideia inicial era utilizar como fonte primária os diários de campo, que deram origem aos três primeiros volumes da coleção *Ensinar e Aprender com Textos*\*\*\*, mas com a descoberta de outros livros, frutos do trabalho do EFES e materiais relacionados, perguntamo-nos se deveríamos ou não ampliar o escopo da pesquisa. Por outro lado, como os diários são a produção final do EFES, possuindo informações claras e precisas que remontam a um processo de trabalho mais bem registrado e de mais fácil acesso, é mais provável que se mantenha o rumo original, deixando essas outras possibilidades para um segundo momento de pesquisa – já facilitado por esta primeira abordagem e análise.

---

\*\*A saber, todas as categorias: localização; tipo de documento; quantidade; nome/descrição; autor(es); data; qualidade e; observações.

\*\*\*Esses diários de campo constituíram a base dos primeiros volumes da coleção *Aprender e ensinar com textos*, publicada pela editora Cortez e que hoje se encontram no Acervo EFES.

Com o conhecimento, ainda que não aprofundado, dessas primeiras fases do EFES, poderemos registrar a potencialidade de pesquisa e as contribuições do caminho empreendido. Segundo Bacellar [1], isso se torna essencial uma vez que é parte do trabalho do historiador conscientizar e alertar para a importância dos arquivos, cabendo a ele (ou a quem está trabalhando nesses arquivos, como é o caso desta pesquisa), no momento em que acessa os documentos, “(...) o papel fundamental de alertar para sua importância, pressionando por melhores atenções para com os registros do passado” (p. 38).

## RESULTADOS PARCIAIS

O trabalho realizado até o presente momento permitiu obter os seguintes resultados parciais: (1) identificar e organizar todo o Acervo EFES; (2) recuperar uma série de artigos e livros produzidos pela equipe durante os anos de existência do projeto e que estavam esquecidos; (3) dar início ao processo de triagem de documentos que formarão o *corpus* documental desta pesquisa; iniciando, assim, (4) a recuperação da própria história deste projeto, bem como dos trabalhos realizados e dos referenciais utilizados.

A complexidade do projeto, que atravessou mais de uma década, possuindo diversas faces e modos de abordagem da formação de professores e ensino da língua portuguesa, é o ponto mais marcante dessa primeira aproximação da documentação. Além disso, em virtude do contato com toda a papelada do arquivo e com leituras que permitiram o início da reconstituição do período histórico no qual o EFES estava inserido, evidenciaram-se as próprias dificuldades, burocracias e desafios de projetos que tentam realizar a ponte entre a Universidade e a educação básica.

Estas questões, nem sempre explícitas, encontram-se nos diversos tipos de fontes presentes no acervo, arquivo que guarda uma documentação de naturezas diferentes, marcando, portanto, não apenas o próprio processo de trabalho do EFES, como também a um universo próprio e mais amplo de questões da educação brasileira. Neste momento, registramos quem são os produtores dessa documentação, organizando-os em cinco grandes grupos: a equipe EFES (coordenadores, pós-graduandos, graduandos); o Estado e suas instituições (ministérios, secretarias); professores da educação básica; a universidade, seus pesquisadores e professores; editoras e autores de livros didáticos.

A partir dessa organização, procuramos também explicitar as categorias da documentação produzida: relatórios e diários de campo; assessorias do EFES a outras instituições (MEC, SME-SP, escolas particulares); materiais do processo de constituição das produções bibliográficas (versões de capítulos, transcrições, relatórios de professores da educação básica e de monitores, questionários aplicados a professores e alunos); documentação dos cursos ministrados (listas de presença, relatórios dos participantes e etc.); correspondência (entre órgãos/instituições oficiais para o projeto, destes órgãos/instituições para um público geral – por exemplo, relatórios de programas do MEC/SESu, da escola para a família); publicações oficiais; atividades utilizadas em sala de aula (coletadas durante as observações e cursos); artigos, livros

e capítulos de livros de diversos autores, usados como referencial teórico em cursos, seminários e para discussão interna; teses e dissertações; artigos e textos jornalísticos de revistas e jornais; materiais didáticos escolares (apostilas e livros); e outros documentos (anotações, listas de presença de reuniões etc.).

A quantidade desses documentos não é equivalente, sendo, por exemplo, muito mais significativo o número de relatórios e diários de campo do que de materiais didáticos escolares. Alerta-se aqui para o grande número de indícios deixados por essa vasta documentação\*\*\*\*. Nesse sentido, um tópico que chamou a atenção foram os questionários aplicados a professores, pela equipe coordenada pelo Prof. Dr. Adilson Citelli, que nos levam a pensar que houvesse talvez o desejo de o EFES continuar para além do ano em que foi interrompido. Esses questionários foram realizados na fase final do EFES, *A circulação de textos na escola*, a qual culminou com a publicação da trilogia *Aprender e Ensinar com Textos* – cujo volume 3 foi elaborado pela equipe de Citelli –, mas não estão explicitados nessa produção. Além disso, um dos relatórios traz uma observação feita no Ensino Médio, que até então não havia sido alvo das pesquisas. São apenas indícios, uma vez que não foram e nem serão por ora investigados a fundo, pois o objeto desta pesquisa são os anos iniciais do Ensino Fundamental I. Porém, esse breve episódio ilustra mais uma das possibilidades do Acervo.

As descobertas relativas ao que aqui se nomeia como “bibliografia recuperada do EFES” também constituíram um momento central, pois nos servem para ter um ponto de apoio nas reflexões: de um lado, a documentação mais “crua” de todo o processo; do outro, a sistematização e impressões da própria equipe em relação a seu trabalho, pesquisa, intenções e objetivos.

Como um projeto de longa duração e que contou com a participação de diversos professores universitários, professores da educação básica e pesquisadores de pós-graduação e graduação, o EFES, durante seu período de atividades, produziu uma diversa gama de livros, artigos e capítulos de livros, que trazem tanto elementos da sua história e constituição, como relatos e reflexões do trabalho desenvolvido. Porém, aproximadamente 15 anos depois de seu término, pouco desta produção bibliográfica continua sendo lida e conhecida. A seguir, a lista das publicações encontradas até o presente momento\*\*\*\*\*:

---

\*\*\*\*Ginzburg [4] chama a atenção para a sensibilidade aos pequenos sinais e aos indícios, a um trabalho histórico constituído como uma investigação de detetive.

\*\*\*\*\*É importante ressaltar que nenhuma das obras ou artigos aqui foram lidos na íntegra, até o presente momento. Portanto, as impressões registradas neste artigo referem-se a uma leitura superficial e que combina um conhecimento empírico permitido pela experiência no acervo.

## Livros

### **Língua e literatura: O professor pede a palavra**

Valéria de Marco, Ligia Chiappini Moraes Leite, Suzi Frankl Sperber (orgs.)

Ano: 1981 – Editora Cortez

Coletânea de textos apresentados pela Associação de Professores de Língua e Literatura (APLL), na ocasião da XXXII Reunião Anual da Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência, em 1980. O grupo de professores, incluindo Ligia Chiappini, que procurou refletir sobre a formação de professores e o ensino da língua portuguesa e literatura pode ser considerado um primeiro passo/esboço para o que seria o EFES.

### **Reinventando o diálogo: Ciências e humanidades na formação do professor**

Ligia Chiappini Leite, Maria Helena Martins, Maria Lúcia Z. de Souza (orgs.)

Ano: 1987 – Editora Brasiliense

Primeiro livro publicado pela Equipe EFES. É a combinação das comunicações apresentadas no I Encontro de Professores Universitários com Trabalho junto ao 1º e 2º Graus e no III Seminário Aberto do Estágio de Formação do Educador em Serviço, realizados em 1986.

### **Quando o professor resolve: Experiências no ensino de português**

Regina Maria Hubner (org.) e Ligia Chiappini (supervisão)

Ano: 1989 – Editora Loyola

O foco deste livro são os professores da Educação Básica que participaram de cursos ministrados pelo EFES. É uma coletânea de relatos destes professores, comentados e debatidos por professores universitários.

### **Coleção Aprender e ensinar com textos (volumes 1, 2 e 3)**

Ligia Chiappini (coord. geral), João Wanderley Geraldi e Beatriz Citelli (coords. vol. 1), Helena Brandão e Guaraciaba Micheletti (coords. vol. 2), Adilson Citelli (coord. vol. 3)

Ano da 1ª edição: 1995 – Editora Marca D'água

Ano da 2ª edição: 1997 – Editora Cortez

A obra mais difundida do EFES foi fruto de reflexão posterior à experiência da reorientação curricular ocorrida na Secretaria Municipal de Educação de São Paulo, entre os anos de 1989 e 1992. A equipe fez uma pesquisa-ação para refletir sobre a circulação de textos na escola. A descoberta aqui apresentada é a existência de uma primeira edição, preliminar, de 1995, que foi lida e analisada por professores da educação básica, e depois finalizada para publicação definitiva em 1997.

## ARTIGOS E/OU CAPÍTULOS DE LIVROS

Até o presente momento foram identificados quatro artigos e/ou capítulos de livros: 1) *O papel da Universidade brasileira nas escolas públicas: uma experiência alternativa*<sup>\*\*\*\*\*</sup>, de Ligia Chiappini Moraes Leite; 2) *Ao pé do texto na sala de aula*<sup>\*\*\*\*\*</sup>, de Ligia Chippini Moraes Leite e Regina Maria Hubner Marques; 3) *Interdisciplinaridade na escola pública: a experiência paulista na gestão de Paulo Freire e a participação da universidade*<sup>\*\*\*\*\*</sup>, de Ligia Chiappini, José Luiz Miranda e Marcela Cristina Evaristo; e 4) *A circulação de textos na escola: primeiros resultados*<sup>\*\*\*\*\*</sup>, de João Wanderley Geraldi, Ligia Chiappini, Guaraciaba Micheletti e Adilson Citelli. É importante frisar que o processo de pesquisa e catalogação ainda está em andamento, portanto as referências que aqui se encontram disponíveis ainda não estão devidamente normatizadas.

Sabe-se que tal produção, especialmente no que diz respeito a artigos, pode ser maior do que a encontrada até agora. De qualquer modo, fica a reflexão de como os trabalhos realizados por professores e/ou projetos no passado chegam até os dias atuais. Como essas experiências passadas são (ou não) aproveitadas, se esses registros ficam perdidos?<sup>\*\*\*\*\*</sup> Como tais produções poderiam atualmente servir de base para reflexões aprofundadas, na graduação e na pós-graduação, para diversos fins (ensino da língua portuguesa, formação de professores, história da educação e etc.)?

A partir de tais dados, foi possível realizar a primeira triagem do que constituirá o *corpus* documental desta pesquisa. De toda a documentação disponível, agora já identificada, iniciamos, no mês de janeiro de 2014, a primeira triagem, buscando selecionar quais serão as fontes que entrarão como nosso *corpus* documental. Neste momento foi essencial lembrar qual é o objeto da pesquisa: as práticas de leitura e a literatura infantil nos anos iniciais Ensino Fundamental. Esta retomada se mostra extremamente importante, uma vez que, quando da escrita do projeto, a nossa visão sobre o que o Acervo permitiria era menor do que o encontrado, o que não configura, ao nosso ver, nenhum problema. Com estas informações reconstituídas em mãos, iniciou-se o processo de triagem, pois:

<sup>\*\*\*\*\*</sup>In: Revista da Faculdade de Educação, nº 12, jan/dez. São Paulo, 1986.

<sup>\*\*\*\*\*</sup>In: ZILBERMAN, R. (org.). Leitura em crise na escola. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1993.

<sup>\*\*\*\*\*</sup>In: FAUNDEZ, A. (org.) Educação, desenvolvimento e cultura. São Paulo: Cortez, 1994.

<sup>\*\*\*\*\*</sup>In: Estudos Linguísticos, nº 24. São Paulo: Seminários do grupo de estudos linguísticos: anais. 1995.

<sup>\*\*\*\*\*</sup>Esta reflexão claramente se baseia no Projeto EFES, ou seja, tem-se a noção de que diversos projetos ocorrem de diversas formas. Mas, ao mesmo tempo, acredita-se que tal ponto é importante para colocar-nos a pensar sobre os aprendizados com as experiências do passado, de forma a melhorar projetos atuais e/ou futuros.

Munido de armas e precauções dispostas anteriormente, de conhecimento prévio sobre o assunto (...), o pesquisador está pronto para prosseguir na análise e na interpretação de suas fontes. Já pode cotejar informações, justapor documentos, relacionar texto e contexto, estabelecer constantes, identificar mudanças e permanências e produzir um trabalho de História ([1], p. 71).

Como primeira triagem, optamos por uma seleção ampla, resultado de uma coleta de tudo o que, aparentemente, pode entrar como documentação a ser analisada futuramente. Quatro grandes categorias de documentos constam nesta primeira abordagem, lembrando que a essa seleção preliminar não precedeu a leitura integral de todos os documentos, portanto é provável que parte dessa documentação não seja inserida no *corpus* desta pesquisa. Além dessas fontes, os livros *Aprender e ensinar com textos – vol. 2* e *Quando o professor resolve* também entram na primeira triagem. As quatro categorias de documentos são: 1) Diários de campo – diários de campo dos pesquisadores da fase *A circulação de textos na escola*; 2) Relatórios – relatórios dos pesquisadores da fase *A circulação de textos na escola*; 3) Atividades de sala de aula; 4) Questionários – os questionários fazem parte da pesquisa coordenada pelo professor Adilson Citelli. São dados sobre os professores da educação básica e suas relações com as diversas mídias. Tais dados podem vir a interessar, pois há uma parte das respostas que se referem a professores polivalentes (1º Grau).

## ANÁLISES PARCIAIS

Como a pesquisa ainda não se encontra finalizada, o que será apresentado aqui é uma análise preliminar. No entanto, já é possível iniciar o processo de reflexão e reconstrução da abordagem das práticas de leitura e a presença e/ou ausência da literatura infantil na escola do período de existência do EFES (1984-1997).

Conforme Chervel [2], as disciplinas escolares possuem uma existência autônoma, isso porque são criadas pela, na e para a escola, e se constituem por meio de um processo cumulativo de camadas sucessivas. No nosso intuito de compreender as práticas escolares de leitura no âmbito dessa concepção de história das disciplinas escolares, acreditamos que a documentação guardada durante os mais de dez anos do projeto possivelmente revelarão como isso se deu em relação aos conteúdos disciplinares do primeiro grau da época, sobretudo em relação à questão da leitura, cujos novos paradigmas de trabalho didático atuais parecem ter dificuldade em romper com os velhos paradigmas que persistem e se reproduzem. Essa abordagem histórica das metodologias e práticas de ensino procura, justamente, revelar essas etapas históricas que se superpõem possivelmente no ensino seja na prática ou no discurso.

Compreendemos que o Acervo EFES traz essa possibilidade, uma vez que o arquivo lá guardado remete tanto à gênese (como foram produzidas e criadas), às funções (suas finalidades) e o próprio funcionamento (seus efeitos e como ocorre a aculturação) da disciplina escolar Português. Claro que, ao mesmo tempo, sabemos que são poucos os materiais de alunos. Desse modo, nossa observação não ocorrerá de modo direto. Encontraremos observações, análises e interpretações de outros pesquisadores

(situados num tempo e espaço específico, com objetivos igualmente pertencentes a esse tempo e espaço).

Por isso mesmo, conforme Dominique Julia [5], é essencial um cuidado metodológico com estas fontes documentais, pois:

Convém, pelo contrário, a cada vez, recontextualizar as fontes das quais podemos dispor, estar conscientes de que a grande inércia que percebemos em um nível global pode estar acompanhada de mudanças muito pequenas que insensivelmente transformam o interior do sistema; convém ainda não nos deixarmos enganar inteiramente pelas fontes, mais frequentemente normativas, que vemos. A história das práticas culturais é, com efeito, a mais difícil de se reconstituir porque ela não deixa traço; o que é evidente em um dado momento tem necessidade de ser dito ou escrito? (p. 15)

Além disso, ainda apoiados em Julia, uma pesquisa desta ordem exige que se relacione o estudo das normas e finalidades vigentes, as condições do profissional professor – visto em perspectiva histórica – e os conteúdos ensinados, compreendendo, neste último ponto, que as disciplinas não são meramente vulgarizações nem adaptações das ciências de referência e trazem consigo uma criação escolar, que ainda está relacionada a uma “liberdade prática” dos professores em suas práticas (e por isso Chervel coloca a disciplina escolar como uma criação autônoma da escola).

Esta *pesquisa* não tem a intenção de fazer uma análise que abarque tantos elementos, principalmente pelo tempo que temos, mas é importante citar tais indicações na medida em que este trabalho é apenas um pequeno passo em direção à constituição da história da disciplina Português. É essencial ter tanto uma cautela e uma sensibilidade apurada, conforme Ginzburg [4], para enxergar importância naquilo que aparentemente é tão automático e natural que se tornou marginal. Pois justamente esses pormenores negligenciados é que poderão revelar as práticas e sua real presença na escola daquele período, pois:

(...) a existência de uma profunda conexão que explica os fenômenos superficiais é reforçada no próprio momento em que se afirma que um conhecimento direto de tal conexão não é possível. Se a realidade é opaca, existem zonas privilegiadas – sinais, indícios – que permitem decifrá-la ([4], p. 177).

É justamente na busca por tais zonas privilegiadas, que possibilitem dissolver a opacidade da realidade, que reside uma das fontes de importância do acervo constituído. Lá se encontram diários de campo resultados de observações etnográficas realizadas pela Equipe EFES no começo da década de 1990. Pressupomos que tal documentação guarda elementos que foram, à época, cotejados e analisados, mas provavelmente também haja neles pontos que podem ter passado despercebidos. São tais fontes que poderão contribuir para a apreensão de um momento precioso da história da educação brasileira, as décadas de 1980 e 1990, ao trazer as ideias, as propostas e as relações existentes na escola pública brasileira e também estabelecidas entre a universidade e a educação básica. Ao que diz respeito a essa relação, nos anos de 1980, no contexto das reformas curriculares, Faria [3] aponta:

Inicialmente, conforme observamos, ocorreu um estreitamento das relações entre as universidades, equipes técnicas das Secretarias de Educação e professores das redes, o que proporcionou uma readequação dos currículos para atender à nova demanda escolar, por meio de proposições cujo objetivo era dinamizar o tratamento dos conteúdos com renovado embasamento teórico (p. 74).

O próprio EFES, conforme explicitado na Introdução, esteve próximo das Secretarias de Educação do Município e do Estado de São Paulo, também participando de algumas reorientações curriculares. No mínimo, essas múltiplas facetas do projeto evidenciam um grande comprometimento com esses propósitos de mudança e transformação (re)nascidos na época da abertura da ditadura militar e vividos intensamente durante as décadas de 1980 e 1990. Cabe a nós entender qual foi o grau de relevância e importância do EFES no mundo acadêmico e escolar. Há algum indicativo para além do próprio acervo? Quem ou quais outros projetos ele influenciou? Podemos tomar o EFES como um indicativo das práticas daquele período?

Por meio dessas questões, o trabalho realizado até aqui nos levou a refletir sobre a complexa relação entre a universidade e a escola – primeiramente no que tange às práticas, aos estudos e às pesquisas sobre metodologia de ensino – e permeada por fatores políticos e outras instituições, como as agências de financiamento, que também se mostram complicadas e evidenciam uma grande rede de interesses e influências muitas vezes invisíveis ou opacas.

Além disso, outra dificuldade se evidencia no nosso trabalho: escrever uma história do tempo presente institui-se como um grande desafio a ser transposto. O trabalho no acervo revelou os percalços para reconstituir essa história recente, pois, mesmo que o EFES tenha sido interrompido há pouco mais de quinze anos, as questões em que eles trabalhavam ainda continuam muito vivas. Surgiram diversos questionamentos quanto a este ponto: como resgatar essa memória recente, dada a dificuldade colocada pela falta de um distanciamento temporal maior? Como pode ser feita a manutenção desta memória, para que projetos, quando finalizados, não desapareçam com toda a sua contribuição, seus avanços, propostas e resultados?

A manutenção dessa memória é essencial para que o trabalho da Universidade, pelo menos aqui neste contexto, possa aproveitar toda essa experiência anterior. Pois verificar que este arquivo que estava “esquecido” levanta a questão de como estão e se existem outros arquivos deste tipo, que poderiam também contribuir para o fortalecimento da educação brasileira e de seus instrumentos de preservação, que ainda são muito poucos. Assim, mesmo que indiretamente, esta *pesquisa* também serve de inspiração para que haja um resgate histórico de outros projetos na área da Educação. Aparentemente menor, nosso projeto não conseguiu apoio por ocasião do edital *Memória da USP*, em 2012.

## CONCLUSÕES

Com a diversa gama de informações possíveis de serem observadas e registradas parece-nos inevitável pontuar o potencial variado que esse acervo guarda para futuras

pesquisas da área da Educação, embora nós mesmos não possamos precisar toda sua capacidade para pesquisas de cunho histórico. Os tópicos apresentados neste artigo são talvez apenas os mais visíveis neste momento. A relação da Universidade com a educação básica; a constituição, a história e entraves existentes em projetos universitários; as políticas públicas e as reorientações curriculares; e a formação de professores (principalmente a contínua e em serviço) são portas de entrada que pudemos vislumbrar até o momento. Mas a quantidade de material que seguirá inexplorado ao fim da pesquisa, bem como sua amplitude, que vai além da pesquisa acadêmica (correspondência e materiais de assessoria curricular, por exemplo), indicam as outras possibilidades deste arquivo.

As descobertas trazidas pelo trabalho cotidiano de pesquisa se constituíram em um elemento vivaz, que contribui diretamente para o prazer da busca e da investigação. Esta sensação vai ao encontro do que diz Bacellar [1]:

Aventurar-se pelos arquivos, portanto, é sempre um desafio de trabalhar em instalações precárias, com documentos mal acondicionados e preservados, e mal organizados. Portanto, *o historiador tem sempre pela frente o desafio de permanecer por meses, quando não por anos, nesses ambientes pouco acolhedores em termos de conforto e de condições de trabalho, mas em um esforço que quase sempre levará a alcançar resultados muito gratificantes*. Encontrar os documentos que servem ao tema trabalhado é uma sensação que todos que passaram pela experiência recordam com prazer, e os move a novamente retornar à pesquisa. (p. 49, grifo nosso).

Nosso trabalho tem sido gratificante e de extremo aprendizado, por isso acreditamos que as etapas seguintes do nosso trabalho, o fechamento do *corpus* documental e a sua análise, virão nos possibilitar uma nova visão e compreensão do ensino da língua portuguesa, assim como abrirá este rico acervo para outras pesquisas, de modo a resgatar e conservar a memória da educação brasileira bem como de projetos de extensão universitária.

## REFERÊNCIAS

- [1] BACELLAR, C. O uso e o mau uso dos arquivos. In: PINSKY, C. B. (org.) **Fontes históricas**. São Paulo: Contexto, pp.23-79, 2008.
- [2] CHERVEL, A. História das disciplinas escolares: Reflexões sobre um campo de pesquisa. **Teoria & Educação**, Porto Alegre, n. 2, pp. 177-229, 1990.
- [3] FARIA, V. F. S. de. **O ensino de literatura: Articulação entre propostas oficiais e pesquisa universitária**. 2009, 126p. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2009.
- [4] GINZBURG, C. Sinais: Raízes de um paradigma indiciário. In: **Mitos, emblemas, sinais: Morfologia e história**. São Paulo: Cia. das Letras, pp. 143-179, 2007.
- [5] JULIA, D. A cultura escolar como objeto histórico. **Revista Brasileira de História da Educação**, São Paulo, n. 1, pp. 9-43, jan.-jun. 2001.

- [6] SOARES, M. Português na escola: História de uma disciplina curricular. In: BAGNO, M. (org.). **Linguística da norma**. São Paulo: Edições Loyola, pp. 155-177, 2004.

**GUSTAVO HATAGIMA** *graduando em Pedagogia da Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo (FE-USP) – e-mail: gustavo.hatagima@usp.br*

**NEIDE LUZIA DE REZENDE** *professora do Departamento de Metodologia do Ensino e Educação Comparada da Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo (FE-USP) – e-mail: neirez@usp.br*

**DISLANE ZERBINATTI MORAES** *professora do Departamento de Metodologia do Ensino e Educação Comparada da Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo (FE-USP) – e-mail: dzmoraes@usp.br*



# Cenário de Práticas para a Formação Universitária: O Olhar dos Estudantes

## Scenario of Practices Aimed at University Education: The Students' Perspectives

### RESUMO

A Educação Universitária tem como desafio atual o aprimoramento de suas práticas pedagógicas. O objetivo do presente trabalho foi conhecer os valores e significados atribuídos, por estudantes do curso de Nutrição da USP, às suas experiências de extensão universitária. Trata-se de um estudo de abordagem qualitativa, utilizando-se o grupo focal como técnica de coleta de dados. Foram realizados cinco grupos, divididos entre as principais atividades realizadas: Empresa Júnior, Iniciação Científica, Associação Atlética, Clínica de Nutrição e Jornada Universitária. Verifica-se que os estudantes consideraram que cada atividade colabora com o desenvolvimento de competência ou habilidade profissional específica. Dentre elas, destacam-se: autonomia, autoconfiança, comunicação interpessoal, comunicação social, trabalho em equipe, visão ampliada dos problemas e das necessidades sociais, conhecimento técnico e teórico específico, atenção integral, contato com a realidade profissional, entre outras. Conclui-se que as atividades de extensão universitária contribuem tanto para que, especificamente na área da saúde, os projetos pedagógicos sejam flexíveis para a incorporação dessas atividades.

**Palavras-chave:** Ensino Superior. Competências Profissionais. Nutrição. Extensão Universitária.

### ABSTRACT

Higher Education currently faces the challenge of improving its pedagogical practices. The aim of this study was to survey what values and meanings students of Nutrition of the University of São Paulo (USP) ascribe to their experiences with university extension. This is a qualitative study that uses focus groups as a technique to collect data. Five groups were set up according to the most performed activities: Junior Company, Scientific Initiation, Athletic Association, Nutrition Clinic, and the University

ANA MARIA  
CERVATO-MANCUSO,  
NADINE MARQUES  
NUNES E  
ELISABETE AGRELA DE  
ANDRADE

Universidade de São Paulo.  
Faculdade de Saúde Pública,  
São Paulo, Brasil

Experience (Jornada Universitária, in Portuguese), an interdisciplinary health care project. We found that students felt that each activity contributes to the development of expertise or specific professional skills, which include autonomy, self-confidence, interpersonal communication, social communication, teamwork, a wider perspective on social issues and needs, specific technical and theoretical knowledge, comprehensive care, and contact with professional reality, among others. We conclude that especially in the health care area, university extension activities are a valuable contribution and educational projects should be flexible enough as to incorporate those activities.

**Keywords:** Higher Education. Professional Skills. Nutrition. University Extension.

## INTRODUÇÃO

**Diante do contexto de avanços tecnológicos e da adequação das formas de ensino ao mundo do trabalho**, a Educação Superior vem sendo convidada a reinventar suas práticas pedagógicas, para possibilitar oportunidades de aprendizagem e para produzir ou transformar as experiências que cada sujeito tem de si mesmo como propõe [6].

Na Universidade de São Paulo não tem sido diferente. Em recentes esforços para atualizar suas intervenções, foram propostas práticas de “cultura e extensão” para alunos da graduação. Os sujeitos dessas ações são, prioritariamente, jovens imersos em uma sociedade competitiva e incentivadora do consumo como forma de pertencimento e vivem suas tensões: por um lado vislumbrados pelo próprio potencial de terem conquistado uma vaga na universidade pública e, por outro, preocupados com suas possíveis fragilidades em relação à entrada no mercado de trabalho.

O foco que se empreitou aqui foi de conhecer um pouco mais o que esses jovens pensavam a respeito de suas experiências universitárias de cultura e extensão. Desta forma, apresentamos este texto como parte de uma pesquisa realizada entre estudantes matriculados no curso de Nutrição da Faculdade de Saúde Pública da Universidade de São Paulo, que teve como objetivo identificar e descrever as atividades de cultura e extensão no âmbito da Universidade, bem como avaliar o significado dessa participação.

### O que é Cultura e Extensão

Para a USP, a extensão universitária é “um processo que articula o ensino e a pesquisa de forma a viabilizar a interação transformadora entre a universidade e a sociedade e que a relação entre ensino, pesquisa e extensão universitária enriquece o processo pedagógico, favorecendo a socialização do saber acadêmico e estabelecendo uma dinâmica que contribui para a participação da comunidade na vida universitária” [13].

Em consonância, Ponte *et al.* [10] descreve a extensão como uma forma de produção/construção de conhecimento, a partir da experiência advinda dessa prática, sendo indissociável do processo ensino-aprendizado, pois “oportuniza ao aluno aprender a conhecer, aprender a fazer, aprender a conviver e aprender a ser”. Por meio dessa

prática, ocorre a formação integral do futuro profissional, pois há trocas importantes do saber acadêmico na interação com a comunidade, já que insere os estudantes em todos os níveis de atenção em saúde e no ciclo de produção/construção do conhecimento. Assim, a extensão como prática realizada por cursos de graduação contribui para o processo de formação de um profissional comprometido com a realidade social [10].

### Sobre o Curso de Nutrição

O curso de graduação em Nutrição da Universidade de São Paulo, sediado na Faculdade de Saúde Pública (FSP), foi pioneiro no Brasil e surgiu após cinco anos da criação da própria Universidade, no então Instituto de Higiene.

Atualmente, na FSP, são desenvolvidas diversas atividades de cultura e extensão. Nunes *et al.* [8] identificaram 17 atividades de cultura e extensão diferentes desenvolvidas atualmente pelos estudantes da FSP: Empresa Júnior de Nutrição (Nutri Jr.); Iniciação Científica; Associação Atlética Acadêmica XXXI de Agosto; Clínica de Atendimento Nutricional (Clinut); Jornada Universitária da Saúde (JUS); estágio curricular não obrigatório; entre outros. As autoras afirmam que a maioria das atividades é de iniciativa estudantil, apontando para a fragilidade do apoio institucional à cultura e extensão, bem como a inclusão deste tema na pauta de discussão da reformulação do projeto político pedagógico do curso de Nutrição.

Assim este trabalho teve como objetivo conhecer as percepções dos próprios estudantes do Curso de Nutrição da FSP-USP que participaram das atividades de cultura e extensão de Nutrição.

## METODOLOGIA

Comprometidos com o pressuposto de que são os sujeitos para as quais se dirigem as ações os principais informantes das consequências das mesmas, optou-se por uma metodologia de abordagem qualitativa, de forma a ouvir os estudantes para compreender os valores e os significados atribuídos às experiências de extensão universitária.

De acordo com Minayo *et al.* [7] a pesquisa qualitativa, deve ter como preocupação compreender determinado grupo social, possibilitando a apreensão das semelhanças e diferenças em relação ao tema de estudo.

A técnica utilizada para coleta dos dados foi a de grupo focal que se aproxima de uma entrevista em grupo, mas focaliza as discussões em determinado assunto que se pretende estudar, balizada por um roteiro de questões.

Segundo De Antoni *et al.* [2] existem algumas vantagens na utilização dessa técnica, uma delas refere-se ao que chamaram de *insight*, ou seja, através de trocas de experiências e opiniões, os participantes percebem atitudes presentes em seu modo de pensar também presentes nos outros participantes; outra vantagem refere-se à possibilidade de acessar diferentes categorias sobre o estudo desejado. O que está de acordo com Iervolino e Pelicione [5], afirmando que uma das maiores riquezas do grupo

focal é a possibilidade de construir atitudes e opiniões na interação com o outro.

A aplicação da técnica foi conduzida por um moderador e um observador, com a preocupação de promover o debate em torno de questões previamente construídas. Foram realizados cinco grupos divididos entre as atividades: Nutri Jr., Iniciação Científica, Atlética, Clinut e JUS.

Após transcrição das falas dos grupos foram realizadas leitura do material, ordenação e classificação dos dados e análise final.

## RESULTADOS E DISCUSSÃO

### Nutri Jr.

Trata-se de uma empresa de consultoria sem fins lucrativos, formada e administrada por alunos. Em funcionamento desde o início de 2001, a empresa presta serviços e desenvolve projetos para empresas, entidades e sociedade em geral, na área de Nutrição. Ainda, a empresa organiza atividades acadêmicas, como workshops e seminários, a fim de obter maior integração entre os meios acadêmico e empresarial.

Cada diretor fica responsável por uma diretoria: recursos humanos, marketing, relações públicas, projetos e recursos financeiros. O presidente e o vice-presidente coordenam e dão suporte a todas as diretorias. Apesar disso, as participantes contam que a direção da Empresa Jr. é plana. Embora a empresa seja dividida em diretorias, e cada um tenha uma função definida, nas reuniões gerais ocorre muita troca, a partir da expressão das opiniões individuais sobre os mais diversos assuntos.

Sobre o perfil dos participantes da Empresa Jr., os alunos destacam que aqueles que procuram a participação na mesma, de modo geral, buscam aprender e se desenvolver mais como profissionais, adquirindo experiências que promovam mudanças pessoais efetivas.

Foi questionado aos participantes sobre as motivações de cada um para participar da Empresa Jr. Uma das motivações manifestadas foi a oportunidade de entrar mais em contato com a Nutrição, o que vai ao encontro do fato de que ao longo do primeiro ano, as disciplinas cursadas são mais básicas e gerais, o que proporciona ao aluno certo distanciamento da ciência da Nutrição em si. Foi identificada como motivação, ainda, a oportunidade de aplicar a teoria na prática.

Ao serem questionados sobre a relação da atividade que desenvolvem na Empresa com outras atividades presentes no curso, os alunos relataram que nos projetos desenvolvidos é possível aplicar a teoria aprendida em sala de aula, destacando-se o fato de que nem sempre é possível aplicar a teoria da mesma forma encontrada na literatura, sendo preciso adaptá-la a realidades distintas, o que é proporcionado pela vivência na Empresa Jr.

Foi destacado que a empresa proporciona atualização profissional, apresentando temas pouco abordados na faculdade e que as pessoas que participam da Empresa desenvolvem autonomia e autoconfiança.

De forma interessante, uma aluna destacou que, não somente a Empresa Jr. de

Nutrição, mas os demais projetos de extensão possibilitam conhecer e reconhecer as expectativas da sociedade a respeito do nutricionista, enquanto profissional da saúde. Vale destacar que foram relatadas diferenças entre os estágios curriculares e os projetos de extensão, tanto em relação ao funcionamento quanto no que diz respeito ao aprendizado e crescimento que cada um proporciona, sendo os estágios apontados como necessários, mas as atividades de extensão como fundamentais à formação pessoal e profissional dos alunos.

Os alunos pontuam, ainda, que o aluno que participa de projetos de extensão sai mais preparado da faculdade, pois tem uma experiência prévia e desenvolve habilidades no contato com as pessoas, tais como conseguir se expressar claramente. Os alunos ainda afirmaram que várias dessas habilidades não são desenvolvidas nas atividades da grade curricular, e sendo assim consideravam as atividades de cultura e extensão como fundamentais para a sua formação profissional.

Quanto a contribuição da atividade na Empresa Jr. para a vivência pessoal das participantes, foram levantados os seguintes pontos: ganho em conhecimento, aprendizados relativos ao melhor entendimento do ser humano e das relações interpessoais, respeito a opiniões diversas e agregação das mesmas em um só conceito, e desenvolvimento de uma visão ampliada sobre diferentes problemas.

Ao serem questionados sobre quais os desafios enfrentados atualmente pelo nutricionista foram apontados a desunião da classe, a valorização do profissional e o elevado número de profissionais despreparados no mercado. Destacou-se que o contato prévio com o mercado de trabalho, por meio da participação na Empresa Jr., facilita o enfrentamento de tais desafios.

### Iniciação Científica

Segundo os estudantes, as razões que os levam a procurar pela Iniciação Científica (IC) são a dificuldade para conseguir estágio ou emprego, a necessidade de ocupar o tempo disponível, o interesse pela linha de pesquisa do docente em questão, a estrutura dos laboratórios da universidade, e a oportunidade de contato com a área acadêmica e com pesquisadores renomados. A dificuldade que encontram para conciliar as atividades do curso de Nutrição com uma jornada mais longa de trabalho faz com que a IC seja mais atrativa, uma vez que apresenta horários mais flexíveis.

As atividades realizadas nesta atividade de extensão, segundo os participantes do grupo focal, dependem em qual projeto de pesquisa o aluno está inscrito, mas consistem basicamente em: manutenção do laboratório e de equipamentos, análises de lâminas em microscópio, leitura de um considerável número de artigos científicos, coleta de dados e análise estatística dos mesmos. Com exceção das análises estatísticas, as demais atividades por eles realizadas não podem ser feitas por outras pessoas e todas exigem certo tempo de dedicação.

Assim como as atividades realizadas na extensão em questão, sua relação com as experiências em sala de aula irá depender de cada projeto de pesquisa. Segundo os estudantes, a IC, muitas vezes, não consegue relacionar os conteúdos aprendidos em sala de aula com a pesquisa realizada. Ao realizarem na IC o estudo de determinado

assunto de forma específica, os alunos acabam distanciando-a da graduação, não visualizando interligação entre ambas, uma vez que na graduação o aprendizado se dá de forma abrangente. A principal relação que encontram é quando realizam a leitura de artigos científicos e conseguem compreender o que estudam nas áreas da estatística e epidemiologia.

Com relação às expectativas iniciais que os estudantes tinham em relação à Iniciação Científica, muitas coisas acabaram não correspondendo ao que esperavam. Esta extensão exige muito tempo de dedicação para que apresente resultados e às vezes a rotina acaba sendo desgastante para eles, apesar dos horários flexíveis.

Sobre a contribuição da iniciação para a formação pessoal, os estudantes afirmaram que esta exerce alguma influência, pois nela aprendem a lidar com outras pessoas e com problemas, além de melhorar sua relação interpessoal. Os alunos afirmam que, por meio desta atividade, tiveram a oportunidade de participar de congressos, aprender a apresentar seminários, debater sobre diversos assuntos e a falar em público. A leitura de artigos científicos em inglês, que é muito exigida, foi apontada como auxílio para a melhora no conhecimento desse idioma.

Segundo estes estudantes, a IC exerce influência na sua formação profissional já que os diferenciará futuramente daqueles que não a fizeram. Além disso, poderá ajudá-los a conseguir auxílio financeiro (bolsa) e entrar para o programa de pós-graduação.

### Atlética

A Associação Atlética Acadêmica XXXI de Agosto é uma entidade dos estudantes de graduação da Faculdade de Saúde Pública que foi fundada em 2003, com o objetivo de promover a prática de esportes entre os estudantes, realizar e patrocinar competições e participar de jogos interacadêmicos.

Segundo os estudantes que participaram do grupo focal, os motivos que os levaram a procurar esta extensão foram: a prática esportiva, a curiosidade em conhecer a organização, o alcance de maior envolvimento com a faculdade, e a vontade de mudar o que achavam que estava errado, em lugar de eventualmente apenas criticar. Os meios pelos quais chegaram à Atlética foram o fato de conhecer outras pessoas que já participavam, o convite na recepção dos calouros e o convite de membros da Atlética realizado em outros momentos.

As atividades realizadas são a participação nos treinos de uma ou mais das quatro modalidades oferecidas (*handball*, futsal, basquete e tênis) e, conseqüentemente, dos campeonatos que são realizados no decorrer do ano letivo. É possível também participar das atividades burocráticas da Atlética, já que esta está organizada em diferentes diretorias, contando, ainda, com um presidente e um vice-presidente, além do tesoureiro.

Para que consigam levar fundos para arcar com gastos como o transporte de alunos, compra e manutenção dos materiais esportivos, pagamento dos técnicos de cada modalidade, bem como a inscrição nos diferentes campeonatos, a Atlética realiza festas, rifas e bazares organizados pelos próprios integrantes. Ao promoverem qualquer evento dentro da faculdade, os membros da Atlética o fazem pensando nos alunos e

em sua repercussão, colocando a ética sempre em primeiro lugar.

A relação das atividades realizadas nesta extensão com as experiências em sala de aula são encontradas principalmente no que diz respeito às atividades de falar em público e trabalhar em equipe. Em relação ao conteúdo propriamente dito, os estudantes não apontam relação com as atividades realizadas na Atlética.

No tocante às expectativas iniciais que os estudantes tinham em relação à Atlética, estes destacam terem sido alcançadas. Já sobre a contribuição da Atlética para a formação pessoal, os estudantes apontam melhora da concentração, aprendizado quanto a lidar com problemas e com pessoas, a trabalhar em equipe, a administrar projetos e horários. Além disso, participar dessa extensão parece possibilitar a socialização com alunos do próprio curso de Nutrição e de outros cursos. Segundo os estudantes, para o profissional que se tornarão e para o seu crescimento pessoal, a participação na Atlética é fundamental, pois proporciona enorme aprendizado.

### Clinut

Todo aluno regularmente matriculado no curso de Nutrição pode participar do processo seletivo da Clinut. Os aprovados participam do projeto por um semestre, uma vez por semana, no Centro de Saúde Escola Geraldo Horácio de Paula Souza da Faculdade de Saúde Pública da USP.

As atividades desse projeto de extensão, segundo os participantes, começam com uma dinâmica de grupo constituída por uma aula sobre um tema de Nutrição sugerido pelas coordenadoras, seguida pelos atendimentos dos pacientes por duplas ou trios de estudantes previamente estabelecidos, pelo período de seis meses. Após o atendimento, o grupo se reúne com as nutricionistas para discutir cada caso, sendo um momento em que cada estudante coloca o problema de seu paciente e todos podem opinar e contribuir com o caso. No final do período, é feito um relatório abordando todas as questões dos pacientes e a evolução dos mesmos. Uma das críticas relatadas foi o processo de seleção dos estudantes, em que não ficaram claros os critérios de inclusão e exclusão.

Os principais motivos que levam estes estudantes a realizar as atividades oferecidas pela Clinut são: o interesse de conhecer mais a prática do nutricionista por meio do maior contato com a profissão e a busca de embasamento para ajudar na decisão da área de atuação pretendida no futuro profissional (nutrição clínica, administração de serviços, marketing nutricional ou outros). Além disso, os alunos citaram também buscar aproveitar as oportunidades oferecidas pela faculdade e incorporá-las como um diferencial na formação acadêmica.

Segundo os estudantes, as atividades desenvolvidas na Clinut se relacionam com a experiência em sala de aula de duas formas: com as disciplinas básicas, ministradas nos primeiros anos de faculdade, no sentido de ajudar a entender melhor os conteúdos; e com as disciplinas mais específicas, ministradas nos anos mais avançados de faculdade (como Dietética, por exemplo) no sentido de ajudar na elaboração dos cardápios. Essa segunda relação com a experiência em sala de aula ocorre, de modo geral, após a participação da Clinut, já que as disciplinas mais voltadas à prática profissional

estão na estrutura curricular dos últimos semestres do curso.

Observa-se que as expectativas dos estudantes quando começaram a frequentar a Clinut foram frustradas devido à alta taxa de desistência dos pacientes, o que prejudica a evolução do atendimento e da saúde do paciente em si. Outra decepção diz respeito ao conteúdo das aulas, pois os estudantes acreditam que deveriam ter mais liberdade para elaborá-las.

Os desafios do nutricionista levantados pelos estudantes são: a inserção no mercado de trabalho, a supervalorização do médico e a falta de adesão por parte dos pacientes. Esse último desafio citado se deve à falta de valorização da profissão e ao imediatismo dos pacientes, dado que a intervenção proposta visa à mudança de hábitos alimentares a longo prazo, não apresentando, na maior parte das vezes, efeito imediato.

Essa atividade de extensão, segundo os participantes do grupo focal, contribui com a formação pessoal dos estudantes, no que diz respeito ao relacionamento profissional/paciente, já que é necessário aprender a lidar com os aspectos socioeconômicos e culturais do paciente, suas possíveis limitações intelectuais e seus hábitos alimentares. Além disso, é clara a necessidade de desenvolver a capacidade de enxergar o lado humano do indivíduo; de exercitar a paciência, dado que o nível de entendimento do paciente é diferente; mas também de adquirir segurança para transmitir o seu conhecimento.

Já as contribuições citadas pelos estudantes à formação profissional são: entender e vivenciar alguns dos desafios da prática profissional (por exemplo, a desistência dos pacientes), aprender a transmitir conhecimentos adquiridos por meio de linguagem clara e acessível, identificar problemas e propor soluções para as mais diversas situações.

## JUS

A JUS envolve estudantes de diversos cursos da área de Saúde (Enfermagem, Fisioterapia, Fonoaudiologia, Medicina, Nutrição e Terapia Ocupacional), os quais interagem para o desenvolvimento de projetos que buscam melhorar a vida da população local, sobretudo relacionados à promoção e educação em Saúde. Uma mesma cidade é visitada por três anos consecutivos, cumprindo as seguintes etapas: no 1º ano, identificar os problemas locais, destacando as principais necessidades da população; no 2º ano, intervir, baseando-se na análise dos dados obtidos no ano anterior, com foco nos agentes multiplicadores a fim de tornar o projeto autossustentável na cidade; e no 3º ano, avaliar os resultados e propor à prefeitura local, planos para melhorar o sistema de saúde e melhorar a qualidade de vida da população.

A JUS é coordenada por estudantes representantes de cada curso envolvido na jornada. No curso de Nutrição, iniciou-se a execução de um processo seletivo para participação na JUS a partir de 2009, com a redução do número de vagas reservadas aos alunos de Nutrição.

Os estudantes participantes reúnem-se e começam a planejar e desenvolver suas atividades propostas à comunidade no primeiro semestre. A viagem dura cerca de nove dias, sendo que os estudantes ficam alojados em um espaço cedido pela

prefeitura, a qual também se responsabiliza pelo fornecimento da alimentação aos estudantes. Durante a jornada, são elaborados relatórios discutindo o desenvolvimento das atividades realizadas, com a descrição das dificuldades e acertos de cada atividade realizada com a população atendida. Ao término da jornada é feita uma avaliação geral pelos coordenadores, de forma a ser elaborado um relatório, posteriormente encaminhado para a prefeitura como uma devolutiva que possa contribuir na continuação das atividades iniciadas pelos estudantes.

Os estudantes relataram desenvolver atividades de intervenção para diferentes grupos da população, divididos em grupos de atuação dentre os cursos que participaram da JUS. Foram feitas pesquisas de campo, nas quais foram incluídos inquéritos alimentares para conhecer as características da comunidade local. Além disso, os estudantes promoveram uma campanha que abordou assuntos como diabetes, hipertensão, vacinação, tabagismo. Segundo os estudantes, o projeto de extensão tem caráter de prevenção e promoção da saúde e não de assistência, configurando-se mais adequadamente como um trabalho de educação em saúde.

Segundo os estudantes, os meios pelos quais souberam a respeito da jornada foram: palestras, semana de recepção dos calouros, e apresentação da JUS em sala de aula. Já os motivos da procura pela JUS foram: ter contato com pessoas que precisam de ajuda; viver e intervir sobre uma realidade diferente; e levar um pouco do conhecimento adquirido e acumulado na universidade às populações mais carentes, sendo essa atividade de extensão encarada como uma enriquecedora experiência universitária.

É muito interessante notar que os estudantes têm a percepção de que as populações às quais pretendem ajudar acabam por ensinar muito mais sobre a vida do que os próprios estudantes sobre qualquer questão técnico-científica, devido à realidade na qual estão inseridos. Segundo eles, o contexto no qual se insere a JUS não é apenas uma questão acadêmica, mas também uma questão de cidadania, dado que passa pela preocupação com os demais seres humanos, o que contribui largamente para a formação pessoal dos estudantes. Por todas essas razões, os estudantes relataram ter suas expectativas de participação da JUS largamente superadas.

Segundo a opinião dos entrevistados, é dada pouca atenção à questão de segurança alimentar e nutricional no curso de Nutrição, e a JUS, como projeto de extensão, é uma alternativa que supre essa carência do curso, já que desperta os alunos para a responsabilidade de fazer com que as pessoas tenham acesso ao direito à alimentação, contribuindo para a aproximação dos estudantes com a realidade da fome e a falta de acesso aos alimentos.

No que diz respeito aos desafios atuais do nutricionista, os estudantes apontam a desmistificação da imagem de que o nutricionista é o profissional que sempre vai impor regras, limitando o prazer das pessoas; o estímulo à mudança de hábito de vida das pessoas; e a adequação das orientações nutricionais à realidade da população atendida. Ressaltam, ainda, que provavelmente o maior desafio do nutricionista é intervir no processo de políticas públicas para que a fome seja eliminada.

A reflexão de como o conhecimento teórico compartilhado em sala de aula poderia ser transmitido para a população, segundo os estudantes, somente ocorre entre

os participantes dessa atividade de extensão. Dessa maneira, ressalta-se a importância da contribuição da JUS na formação dos estudantes, visto que essa atividade de extensão aproxima os estudantes da realidade.

## DISCUSSÃO

A partir das informações coletadas nas falas dos alunos, fica claro que, de modo geral, os alunos consideram as atividades de extensão como ferramentas fundamentais no enriquecimento de sua formação pessoal e profissional, ainda que cada tipo de extensão tenha maior enfoque em alguns tipos de habilidade e competências, cumprindo, assim, com alguns dos objetivos principais das atividades de cultura e extensão apresentadas pela USP.

Corroborando este ponto de vista, Erdmann *et al.* [3] relataram em seu trabalho, realizado com alunos do curso de Enfermagem, que as atividades de extensão preparam o aluno de graduação de maneira eficaz e fazem com que o mesmo desenvolva competências diferenciadas, principalmente quando comparado àqueles alunos que não participaram desta experiência. Segundo este autor, a extensão auxilia a formação de um profissional ético e que tem a capacidade de aprender constantemente.

Tavares *et al.* [12] encontraram a aquisição de maior experiência clínica e um melhor currículo como principais motivações de estudantes de Medicina da Universidade Federal de Minas Gerais ao buscarem as atividades de extensão. Tais motivações se refletem principalmente entre os alunos que buscam a Clinut como atividade de extensão.

Ribeiro [11] observa cada vez mais as expectativas dos estudantes que se integram às atividades de extensão, sendo uma delas o compromisso com a saúde coletiva. Ponte *et al.* [10] relatam que a extensão propicia a integração de estudantes com a comunidade e contribui para o processo de formação profissional dos mesmos. Tais achados vão completamente ao encontro do relato dos alunos que participam da JUS, principalmente no que diz respeito ao papel social da atividade, principalmente considerando que, segundo os estudantes, a extensão deveria ser um retorno da universidade à sociedade.

Foi discutido também que um dos propósitos da extensão é justamente saber quais são as deficiências da população e a partir daí pesquisar e investir em educação para melhorar a situação encontrada. Segundo os estudantes, um dos propósitos das atividades de extensão é mostrar à sociedade, de diferentes formas, que a universidade é de todos.

Segundo Freire, citado por Franco e Boog [4], a prática realizada dentro dos projetos de extensão, no momento em que o aluno entra em contato com a comunidade, possibilita a construção de conhecimento crítico quando ele é estimulado a realizar o movimento dialético do abstrato ao concreto. Essas autoras citam também Turato, que discute que essa articulação de saberes se estabelece em uma aliança com a comunidade, tendo como base a perspectiva de elaboração de novos projetos em comum. Paralelamente, Ribeiro [11] também ressalta a importância da extensão para a formação dos acadêmicos de Fisioterapia, no sentido de lhes possibilitar uma aproximação com a realidade social da população, estabelecendo vínculos com as pessoas

e organizações da comunidade, pautados no diálogo e na responsabilidade social.

Quanto à comparação das atividades de extensão aos estágios curriculares, Amorim *et al.* [1] expõem que, na maioria das vezes, as atividades de estágio acontecem no último ano da graduação e, considerando que esse é o primeiro e único momento de aproximação da teoria com a prática, há dificuldade da realização de redirecionamentos dos conteúdos trabalhados desde o primeiro ano do curso para a aplicação no campo de trabalho. Um dos papéis positivos das atividades de extensão mais frequente e intensamente levantados pelos estudantes foi justamente a possibilidade de contato com a prática profissional do nutricionista desde o primeiro ano de faculdade.

Franco e Boog [4] recomendam que seja estimulado, desde o início da formação, o desenvolvimento de responsabilidades e reconhecimento da importância das disciplinas de cunho social e educativo, como um dos aspectos inerentes à prática profissional.

O enfrentamento da complexidade exige pensar “a sinergia, a orquestração de recursos cognitivos e afetivos diversos para enfrentar um conjunto de situações” [9]. Nesse contexto, essa vivência poderia ser uma diretriz do curso de graduação como um todo já que Franco e Boog [4] discutem que a realidade da vida e das situações a serem enfrentadas na profissão não pode ser simplificada e reduzida a questões que se resolvem dentro de uma ou outra disciplina.

Na perspectiva dos estudantes, portanto, o ambiente de sala de aula não é visto como um espaço para a organização daqueles recursos cognitivos e afetivos para enfrentamento de situações tão complexas como aquelas vivenciadas no contexto das atividades de extensão.

## CONCLUSÃO

A partir da análise dos relatos, pode-se concluir que as atividades de cultura e extensão são importantes ferramentas para desenvolver habilidades para a prática profissional. Neste sentido, é fundamental evidenciar os projetos político-pedagógicos dos cursos, principalmente, da área da Saúde, que encontrem formas de flexibilizar a estrutura curricular para inserção de atividades de cultura e extensão universitária.

## REFERÊNCIAS

- [1] AMORIM, S. T. S. P.; MOREIRA, H.; CARRARO, T. E. A formação de pediatras e nutricionistas: A dimensão humana. **Rev. Nutr.**, v. 14, n. 2, pp. 111-118, ago. 2001.
- [2] DE ANTONI, C.; *et al.* Grupo focal: Método qualitativo de pesquisa com adolescentes em situação de risco. **Arquivos Brasileiros de Psicologia**, v. 53, n. 2, pp. 38-53, 2001.
- [3] ERDMANN, A. L. *et al.* Vislumbrando o significado da iniciação científica a partir do graduando de enfermagem. **Esc Anna Nery Rev. Enferm.**, v. 14, n. 1, pp. 26-32, jan.-mar. 2010.

- [4] FRANCO, A. C.; BOOG, M. C. F. Relação teoria-prática no ensino de educação nutricional. **Rev. Nutr.**, v. 20, n. 6, pp. 643-655, 2007.
- [5] IERVOLINO, A. S.; PELICIONI, M. C. F. A utilização do grupo focal como metodologia qualitativa na promoção da saúde. **Rev. Esc. Enf. USP**, v. 35, n. 2, pp. 115-121, 2001.
- [6] LARROSA, J. Tecnologias do eu e educação. In: Silva, T. T. (org.) **O sujeito da educação: Estudos foucaultianos**. Petrópolis: Vozes, pp. 35-84, 1994.
- [7] MINAYO, M. C. S.; ASSIS, S. G.; SOUZA, E. R. **Avaliação por triangulação de métodos: Abordagem de programas sociais**. Rio de Janeiro: Fiocruz, 2005.
- [8] NUNES, N. M.; *et al.* Atividades de cultura e extensão na FSP-USP e o perfil dos alunos. In: 17º Simpósio Internacional de Iniciação Científica da USP; Ribeirão Preto, BR, 2009. **Anais**. São Paulo, 2009.
- [9] PERRENOUD, P. **Ensinar: Agir na urgência, decidir na incerteza**. Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 2001.
- [10] PONTE, C. I. R. V.; *et al.* A extensão universitária na Famed/UFRGS: Cenário de formação profissional. **Rev. Bras. Educ. Med.**, v. 33, n. 4, pp. 527-534, 2009.
- [11] RIBEIRO, K. S. Q. S. A experiência na extensão popular e a formação acadêmica em fisioterapia. **Cad. Cedes**, Campinas, v. 29, pp. 335-346, 2009.
- [12] TAVARES, A. P.; *et al.* O “currículo paralelo” dos estudantes de medicina da Universidade Federal de Minas Gerais. **Rev. Bras. Educ. Med.**, v. 255, pp. 254-265, 2007.
- [13] USP – Universidade de São Paulo. Pró-Reitoria de Cultura e Extensão. Resolução nº 4940, de 26 de junho de 2002. D.O.E. – 03 jul 2002

**ANA MARIA CERVATO-MANCUSO** docente do Departamento de Nutrição da Faculdade de Saúde Pública da USP (FSP-USP) – e-mail: cervato@usp.br

**NADINE MARQUES NUNES** nutricionista e mestranda da Faculdade de Saúde Pública (FSP-USP)

**ELISABETE AGRELA DE ANDRADE** psicóloga e doutoranda da Faculdade de Saúde Pública (FSP-USP)





# Dia Sem Carne: Relato de um Projeto de Extensão

## Meatless Day: Report of an Extension Project

### RESUMO

O projeto de extensão *Dia Sem Carne* foi elaborado na Faculdade de Saúde Pública da USP, em 2012, com o objetivo de discutir com a comunidade acadêmica sobre os riscos causados à saúde e ao meio ambiente pelo consumo excessivo de carne. Durante o ano de 2012 o projeto foi chamado *Segunda Sem Carne na FSP* e a ação principal foi a parceria com o restaurante da Faculdade de Saúde Pública da Universidade de São Paulo-COSEAS, no qual houve a inclusão de um cardápio sem carne em uma segunda-feira de cada mês. Além disso, o projeto atingiu o ciberespaço e as mídias sociais, com uma página no *Facebook* e um blog. Em 2013, o projeto alcançou a comunidade externa à USP, com parceria firmada com a Alimentação Escolar do Município de São Paulo e com o Centro de Referência para prevenção e controle de doenças associadas à Nutrição – CRNutri para a realização de palestras e oficinas para a comunidade, além de continuar com ações digitais por meio do blog e mídia social.

**Palavras-chave:** Consumo de Carne. Saúde. Ambiente. Nutrição. Relato.

### ABSTRACT

The extension project was developed at School of Public Health (SPH), University of São Paulo, in 2012, and its aims was to discuss with academic people the health and environmental risks caused by excessive meat consumption. In 2012, the project was titled *Meatless Monday* and it had partnership with the restaurant of the School of Public Health, University of São Paulo-COSEAS, where were offered to population a no-meat menu included on one Monday of each month. Furthermore, a Facebook page and a blog were developed. In 2013, the project reached extramural community with a partnership with the School Feeding Program in São Paulo and the Reference Center on Nutrition and Chronic Diseases Control to develop lectures and workshops for the community. Furthermore, we continued with the blog and social media.

ALINE CARVALHO,  
JOYCE MARTINS,  
CAMILA NEGRÃO,  
SORAYA SELEM,  
SAMANTHA ANDRADE,  
VIVIANE VIEIRA,  
REGINA FISBERG E  
DIRCE MARCHIONI

Universidade de São Paulo.  
Faculdade de Saúde Pública,  
São Paulo, Brasil

**Keywords:** Meat Consumption. Health. Environmental. Nutrition. Report.

## INTRODUÇÃO

A carne tem grande importância na alimentação humana devido à sua composição, com quantidade significativa de proteína, minerais, vitaminas e ácidos graxos [6]. Entretanto, ela vem sendo consumida em quantidades acima das recomendações nacionais e internacionais (uma porção de carne por dia – 190kcal; 500g de carne vermelha e processada por semana, respectivamente) [6, 8]. Em São Paulo, por exemplo, 75% das pessoas consomem além do recomendado [1]. O principal problema do consumo excessivo, principalmente das carnes vermelhas e processadas, é a relação com doenças cardiovasculares e câncer, as principais causas de morte no Brasil e no mundo [4, 5].

Além do custo à saúde, a produção de carne também gera impacto sobre o meio ambiente, pois promove o desmatamento, efeito estufa, reduz a biodiversidade e afeta a reposição de água doce [2, 7].

Pensando nos efeitos que a produção e o consumo de carne causam na saúde e no meio ambiente, foi elaborado em 2012 na Faculdade de Saúde Pública da USP o projeto de extensão. O principal objetivo do projeto foi o de discutir a relação entre o consumo excessivo de carne e o risco à saúde e ao meio ambiente [3].

## RELATO

O projeto de extensão teve dois momentos, o primeiro em 2012, em que era chamado de *Segunda Sem Carne na FSP*, e o segundo em 2013, no qual houve a mudança de nome para *Dia Sem Carne*.

### Primeiro Momento

Em 2012, elaborou-se o projeto de extensão *Segunda Sem Carne na FSP*, e foi usada a identidade visual da ONG Segunda Sem Carne brasileira, após a permissão e aprovação da mesma (Figura 1).



Figura 1 – Logotipo do projeto no primeiro momento.

Nesta fase, o projeto consistiu em intervenções no Restaurante Universitário da Faculdade de Saúde Pública, baseadas em um cardápio sem carne em uma segunda-feira de cada mês do ano.

Foram feitas pesquisas de opinião na saída do restaurante universitário para saber a aceitação das preparações oferecidas e a aceitação do projeto (Figura 2). Mais detalhes podem ser obtidos em outra publicação [3].



Figura 2 – Urna de votação na saída do restaurante universitário.

Além disso, foi feita extensa divulgação de dados sobre o consumo excessivo de carne e seus impactos na saúde e no meio ambiente por meio de vídeos, site do projeto,

palestras, boletins informativos, mídias sociais, entrevistas a jornais, revistas, rádios e canais de televisão\*. Os materiais divulgados na internet alcançaram usuários de mais de 20 países, como Estados Unidos, França, Reino Unido, Portugal, Argentina, entre outros. No Brasil foram atingidas diversas cidades das regiões Nordeste, Sul, Sudeste e Centro-Oeste e a página do *Facebook* recebeu cerca de 600 visitas diretas e 4 mil indiretas nesse período. O site alcançou mais de 2 mil acessos.

### Segundo Momento

No ano de 2013, o projeto mudou de nome e logotipo para desvincular-se da ONG Segunda Sem Carne brasileira, já que os objetivos de ambos não eram totalmente congruentes.

Assim, foi feita uma votação entre os alunos da FSP-USP para uma nova identidade visual (Figura 3) e a partir do novo logotipo escolhido, foi criado um novo site e *Facebook*.

Figura 3 – Logotipo do projeto no segundo momento.



Em 2013, a Superintendência de Assistência Social (SAS-USP) suspendeu para reavaliação todos os projetos que aconteciam nos restaurantes universitários inclusive o *Dia Sem Carne*. Portanto, não foram feitas intervenções no restaurante universitário da FSP-USP. Entretanto o objetivo do projeto continuou o mesmo: discutir a relação entre o consumo excessivo de carne e o risco à saúde e ao meio ambiente dentro e fora da Universidade. Assim foram feitas as parcerias e atividades listadas abaixo:

1. Parceria com o Departamento de Alimentação Escolar da Prefeitura de São Paulo, a fim de elaborar material didático para crianças, pais e funcionários explicando o projeto que já existe na prefeitura de São Paulo, no qual não é servido carne duas vezes por mês nas escolas da rede básica de ensino do município de São Paulo.

\*Disponível em: <[www.segundasemcarnedafsp.yolasite.com](http://www.segundasemcarnedafsp.yolasite.com)>



No primeiro encontro foi explorado o tema *Benefícios do consumo moderado de carnes*, no qual houve a discussão sobre diferença entre carnes frescas (carnes bovinas, suínas, frangos e peixes) e processadas, e quais os nutrientes presentes nas carnes por meio de um jogo de perguntas e respostas (Tabela 1).

**Tabela 1** – Jogo de perguntas e respostas utilizadas no grupo temático.

NUTRIENTES	PERGUNTAS REALIZADAS	ALIMENTOS CORRESPONDENTES
Proteínas	<p>G1: Sou o principal nutriente da carne, responsável pela formação e manutenção dos tecidos do corpo. Quem sou?</p> <p>G2: Somos o casal perfeito. Nascemos no Brasil e não sabemos viver separados! Quem é?</p>	Arroz + Feijão
Ferro	<p>G1: Sou um mineral importante para transportar oxigênio para o corpo e fico dentro das células vermelhas do sangue. Quem sou?</p> <p>G2: Sou um alimento de origem vegetal rico em ferro, mas preciso de uma mãozinha de frutas cítricas para que meu ferro seja bem absorvido. Quem sou?</p>	Feijão + Laranja
Vitamina B12	<p>G1: Sou uma vitamina necessária para a formação das células vermelhas do sangue e para a manutenção do sistema nervoso. Quem sou?</p> <p>G2: A vitamina B12 pode ser encontrada em quais outras fontes alimentares?</p>	Leite + Queijo + Ovos
Zinco	<p>G1: Sou um mineral essencial para o funcionamento do sistema imunológico e auxílio em diversas reações biológicas do organismo. Quem sou?</p> <p>G2: Somos um grupo de alimentos chamado de oleaginosas, e somos ricas em zinco. Quem somos?</p>	Nozes + Castanhas

No segundo encontro, o tema foi *Recomendações para o consumo de carne e prejuízos para a saúde e meio ambiente*, no qual foi demonstrada a quantidade de carne que eles relataram consumirem habitualmente e a quantidade que eles deveriam ter consumido, segundo as recomendações nacional [6] e internacional [8]. Utilizou-se de protótipos para que os participantes visualizassem o tamanho das porções de algumas carnes. Além disso, utilizou-se um vídeo para mostrar o impacto da produção de carne bovina no meio ambiente\*\*.

No último encontro, trabalhou-se o tema *Métodos de preparo, cortes magros e substitutos saudáveis para a carne*, no qual foram mostrados os tipos de cortes, processamento culinário e os substitutos da carne. Foram desenvolvidas receitas sem carne para os participantes provarem e foi entregue uma cartilha com receitas para incentivar que as novas preparações fossem incorporadas na dieta habitual.

5. A equipe do projeto participou como a única equipe brasileira do prêmio português AUA (Angelini University Award) para práticas de nutrição, ficando entre os finalistas. O vídeo enviado contou os objetivos do projeto, assim como as atividades desenvolvidas e o que se espera de mudanças no hábito alimentar da população a partir das ações do projeto.

Continuou-se com as ações digitais por meio do blog e do *Facebook*, porém foram criadas novas versões com o novo logotipo desenvolvido. Foram criados infográficos, receitas e matérias sobre consumo de carne, saúde e meio ambiente. A página do *Facebook* teve alcance de mais de 14 mil usuários durante o ano, mais de 250 curtidas na página e quase 600 acessos no site\*\*\*.

Recebeu-se também uma verba da Pró-Reitoria de Cultura e Extensão Universitária da USP para realização, em 2014, de um documentário sobre o projeto e o consumo excessivo de carne, que está em andamento e tem o objetivo de ampliar a discussão sobre o consumo excessivo de carne.

## CONCLUSÃO E PRÓXIMOS PASSOS

O projeto teve importantes ganhos em seus dois momentos, no primeiro fazendo intervenções na Faculdade de Saúde Pública mensalmente e conseguindo sensibilizar aos alunos e funcionários para que mudassem seus hábitos alimentares. No segundo momento, expandindo sua atuação para a comunidade a partir da parceria com o CRNutri e com o Departamento de Alimentação Escolar da Prefeitura de São Paulo, além dos usuários do *Facebook*, do site e do blog.

Pretende-se manter as atividades atuais das redes sociais e site, que levam informação à população, e a finalização do documentário para ampliação do debate sobre

---

\*\*Disponível em: <<http://www.youtube.com/watch?v=HZOm6od2Npl>>

\*\*\*Disponível em: <[www.diasemcarne.yolasite.com](http://www.diasemcarne.yolasite.com)>

os impactos do consumo excessivo de carne.

## REFERÊNCIAS

- [1] CARVALHO, A. M.; *et al.* Excessive meat consumption in Brazil: Diet quality and environmental impacts. **Public Health Nutrition**, n. 16, pp. 1893-1899, 2012. DOI:10.1017/S1368980012003916.
- [2] CEDEBERG, C.; *et al.* Including carbon emissions from deforestation in the carbon footprint of Brazilian beef. **Environ Sci Technol.**, n. 45, pp. 1773-1779, 2011.
- [3] LACERDA, B.; *et al.* Segunda Sem Carne na Faculdade de Saúde Pública: Um projeto de intervenção. **Revista de Cultura e Extensão USP**, Brasil, v. 10, pp. 113-119, nov. 2013. ISSN 2316-9060. Disponível em: <<http://www.revistas.usp.br/rce/article/view/69055/71504>>. DOI: <http://dx.doi.org/10.11606/issn.2316-9060.v10i01p113-119>.
- [4] MCAFEE, A. J.; *et al.* Red meat consumption: An overview of the risks and benefits. **Meat Scienc.**, v. 84, pp. 1-13, 2010.
- [5] MICHA, R.; WALLACE, S. K.; MOZAFFARIAN, D. Red and processed meat consumption and risk of incident coronary heart disease, stroke, and diabetes mellitus: A systematic Review and Meta-Analysis. **Circulation.**, v. 121, pp. 2271-2283, 2010.
- [6] MINISTÉRIO DA SAÚDE. Secretaria de Atenção à Saúde. Coordenação-Geral da Política de Alimentação e Nutrição. **Guia alimentar para a população brasileira: Promovendo a alimentação saudável**. Brasília: Ministério da Saúde, 2006.
- [7] STEINFELD, H.; *et al.* **Livestock's long shadow: Environmental issues and options**. Food and Agriculture Organization of the United Nations: Roma, 2006.
- [8] WORLD CANCER RESEARCH FUND/AMERICAN INSTITUTE FOR CANCER RESEARCH. **Food, Nutrition, Physical Activity, and the Prevention of Cancer: A Global Perspective**. Washington DC: AICR, 2007.

## AGRADECIMENTOS

Agradecemos a toda equipe da Superintendência de Assistência Social da USP (SAS-USP), nutricionistas e funcionários do Restaurante Universitário da Faculdade de Saúde Pública, alunos de graduação e funcionários do TIC-FSP-USP, aprimorandas e nutricionistas do CRNutri pelo apoio e ajuda para realizar o projeto, ao Departamento de Alimentação Escolar da Prefeitura de São Paulo.

À diretora da FSP-USP, Helena Ribeiro, e ao Departamento de Nutrição da FSP-USP pelo apoio institucional.

Ao *Segunda Sem Carne Brasil* pelo apoio e discussões.

**ALINE MARTINS DE CARVALHO** doutoranda em Nutrição em Saúde Pública da Faculdade de Saúde Pública da Universidade de São Paulo (FSP-USP) – e-mail: alinenutri@usp.br

**JOYCE GODINHO MARTINS** graduanda em Nutrição da Faculdade de Saúde Pública da Universidade de São Paulo (FSP-USP) – e-mail: joy.godinho@gmail.com

**CAMILA NEGRÃO** nutricionista formada pela Faculdade de Saúde Pública da Universidade de São Paulo (FSP-USP) – e-mail: k.nutriusp@gmail.com

**SORAYA SANT'ANA DE CASTRO SELEM** mestre em Nutrição em Saúde Pública pela Faculdade de Saúde Pública da Universidade de São Paulo (FSP-USP) – e-mail: sorayaselem@gmail.com

**SAMANTHA CAESAR DE ANDRADE** doutora em Nutrição em Saúde Pública pela Faculdade de Saúde Pública da Universidade de São Paulo (FSP-USP) e nutricionista do Centro de Saúde Escola Geraldo de Paula Souza – e-mail: sami@usp.br

**VIVIANE LAUDELINO VIEIRA** doutora em Nutrição em Saúde Pública pela Faculdade de Saúde Pública da Universidade de São Paulo (FSP-USP) e nutricionista do Centro de Saúde Escola Geraldo de Paula Souza – e-mail: vivianeveira@usp.br

**REGINA MARA FISBERG** professora do Departamento de Nutrição da Faculdade de Saúde Pública da Universidade de São Paulo (FSP-USP) – e-mail: rfsberg@usp.br

**DIRCE MARIA MARCHIONI** professora do Departamento de Nutrição da Faculdade de Saúde Pública da Universidade de São Paulo (FSP-USP) – e-mail: marchioni@usp.br



# Difusão de Ciências: Um Instrumento para Incluir Socialmente e Despertar Vocações Científicas e Tecnológicas em Jovens de Todo o País

Science Dissemination: An Instrument for Socially Including and Awakening Scientific and Technological Vocations in Youth Around the Country

## RESUMO

Os pesquisadores do Grupo de Óptica do IFSC, na Universidade de São Paulo, vêm realizando intensas atividades de difusão de Ciência desde 2001, por meio de exposições itinerantes, *workshops* e de feiras de ciências em escolas e espaços públicos. Além disso, gerenciam o canal TV Ciência, 24 horas no ar, e mantêm colunas científicas em rádio, sites e jornais. Por meio dessas mídias são veiculados programas científicos para várias regiões do país. Outra atividade relevante é a organização da Olimpíada Brasileira de Física e da Olimpíada Brasileira de Física das Escolas Públicas, que juntas contaram com a inscrição de 863.402 alunos na primeira fase. No presente trabalho, são abordadas as atividades gerais de difusão do Grupo de Óptica, com destaque ao treinamento dos professores e monitores. Em seus depoimentos os estudantes monitores citam como benefícios dos projetos a ampliação dos seus conhecimentos científicos, além de sensível melhoria na capacidade de oratória em público e da capacidade de organizar eventos e de responder às situações imprevistas. Esperamos que tais ações venham a ampliar o campo de possibilidades que esses jovens terão no mercado de trabalho, além de conceder-lhes uma atitude mais eficaz e positiva frente aos inúmeros desafios da vida.

**Palavras-chave:** Difusão Científica. Exposição. Olimpíada de Física.

## ABSTRACT

Researchers from the Group of Optics (Institute of Physics – University of São Paulo) have been carrying out intense activities for the dissemination of Science since 2001, through itinerant exhibitions, workshops and science fairs in schools and public spaces. Additionally, they manage the Science Channel TV, 24 hours in the air, while keeping science columns in radio, websites and newspapers. Through these media, scientific innovation is sent to various regions of our country. Another important

WILMA REGINA  
BARRIONUEVO,  
VANDERLEI SALVADOR  
BAGNATO,  
SERGIO  
PERUSSI FILHO E  
EUCLYDES MAREGA  
JUNIOR

Universidade de São Paulo.  
Instituto de Física de São Carlos,  
São Paulo, Brasil

activity is the organization of the Physics Olympiad and Physics Olympiad in Public Schools, which counted together with the provision of 863.402 students in the first phase. The present work explains the general activities of diffusion of the Group of Optics, especially the training of teachers and monitor students. In their testimonies monitors cite as benefits of projects their scientific knowledge expansion, as well as significant improvement in the ability of public speaking and ability to organize events and to respond to unforeseen situations. We hope that such actions will expand the field of possibilities that these young people have in the market job, and grant them with a more effective and positive attitude to the many challenges of life.

**Keywords:** Sciences Dissemination. Exhibition. Olympiad of Physics.

## INTRODUÇÃO

**Apesar do amplo esforço demonstrado por órgãos governamentais e por educadores em melhorar o nível de ensino e aprendizado em nosso país, os resultados têm sido morosos em um território de tão grande extensão. E o que nós, dentro de uma universidade de renome como a USP, podemos fazer a respeito? Acreditamos que seja nossa obrigação darmos uma contribuição nesse sentido, especialmente para o nosso grupo, já empenhado há tantos anos em divulgar Ciência à sociedade.**

Um dos grandes problemas enfrentados pelas escolas brasileiras é que os currículos tradicionais não conseguem acompanhar o ritmo das mudanças que ocorrem na sociedade nesse mundo globalizado. Salas de informática têm sido implantadas, mas ainda faltam professores [4]. Além disso, dificilmente encontramos laboratórios científicos [2]. Tal retrato não permite que os alunos visualizem de forma prática o que é ensinado em sala de aula, no esquema tradicional de giz e lousa. Assim, esses alunos, na maioria das escolas, passam pelos ensinamentos Fundamental e Médio, sem terem experimentado a verdadeira emoção de fazer Ciência por eles mesmos [3, 5]. De forma ideal tal emoção pode ser despertada, agregando-se conteúdo e motivação às aulas expositivas, assim como às aulas práticas.

O problema da falta de atividades práticas tem sido exemplarmente amenizado nas escolas técnicas, que vêm melhorando progressivamente seu nível de ensino prático [4]. O ideal, no entanto, é que se reúnam a profundidade de um ensino teórico com a destreza e o despertar da curiosidade e da solução de problemas, proporcionado pela experiência prática [6]. Além disso, é preciso descentralizar e disponibilizar ciências também para os alunos que vivem nas cidades do interior e vilarejos, de modo que possam experimentar a emoção da Ciência. Para isso, precisamos inovar!

O Grupo de Óptica, do Instituto de Física de São Carlos da Universidade de São Paulo (IFSC-USP) é uma referência nacional e mundial, em pesquisa e desenvolvimento tecnológico. A excelência das atividades realizadas pelo grupo permitiu a origem de dois centros de excelência nas áreas de Óptica e Fotônica: o CEPOF, Centro de Excelência em Óptica e Fotônica, criado e financiado pela FAPESP, e o INOF, Instituto Nacional de Óptica e Fotônica, criado pelo CNPq/FINEP.

A equipe de difusão científica do CEPOF/INOF vem desenvolvendo inúmeras

atividades de difusão científica desde 2001, principalmente por meio de *workshops*, mini-cursos, exposição itinerante de ciências, feiras de ciências em shopping centers e em outros locais públicos da cidade [1]. De forma relevante e marcante, o CEPOF e o INOF contam, ainda, com um Canal de TV (Canal 20, da rede NET) e programas de rádio, onde são veiculados programas científicos, tecnológicos e de inovação para toda a região de São Carlos. O sucesso alcançado por tais atividades foi reconhecido com o Prêmio José Reis (CNPq) para o coordenador da equipe. Dentre as atividades desenvolvidas pelo grupo em escolas destacam-se a exposição itinerante *A USP vai à sua Escola*, o programa de TV *Fala Jovem* e as feiras de ciências. Outra atividade importante do grupo refere-se à organização da Olimpíada Brasileira de Física (OBF) e da Olimpíada Brasileira de Física das Escolas Públicas (OBFEP), que envolvem anualmente milhares de estudantes e professores. Além disso, no mesmo ano, alunos finalistas da OBF 2012 receberam suas medalhas das mãos de cinco ganhadores de Prêmios Nobel, em evento organizado no Instituto de Física de São Carlos, na USP.

A exposição itinerante *A USP vai à sua Escola* consiste em levar ciência até estudantes da rede pública de ensino, por meio de kits educacionais interativos e de filmes, apresentados às escolas de modo atraente, por monitores da USP e das próprias escolas. As principais áreas abordadas são as de Física, principalmente Óptica, e de Biologia. Os painéis de Óptica incluem explicações e animações sobre cores, lasers, ilusões de óptica, hologramas, mundo atômico e visão em 3D. Os de Biologia trazem explicações sobre células, genoma, células-tronco, nanotecnologia e corpo humano. Os monitores do programa são alunos da USP e professores e estudantes das próprias escolas públicas, que são treinados na USP. O grupo é bastante unido em torno do ideal de auxiliar na melhoria do nível de ensino, principalmente do ensino público. A exposição destina-se a despertar a Ciência em estudantes e, também em cidadãos comuns, que demonstram grande interesse pelas explicações dadas pelos monitores.

O programa de TV *Fala Jovem* também atrai um grande número de estudantes, de escolas públicas, que aprendem a produzir programas televisivos em todas as etapas: ideação, elaboração de script, filmagem, entrevistas e edição. Já as feiras de ciências, envolvem estudantes, professores, e delegacias de ensino. Na feira científica realizada em 2012 o melhor expositor foi premiado com uma viagem aos museus científicos e tecnológicos de Washington D.C., nos Estados Unidos. Os demais alunos premiados receberam bolsa de Iniciação Científica do CNPq, para que desenvolvessem projetos científicos e os divulgassem em suas escolas, de modo a tornarem-se agentes divulgadores de ciências junto aos seus colegas. No ano de 2013 o grupo levou, ainda, uma feira de ciências de nível nacional para Novo Airão, um pequeno município próximo a Manaus, na Amazônia. O evento contou com a participação de centenas de estudantes, professores e comunidade circunvizinha.

Espera-se, por meio das atividades de difusão científica do Grupo de Óptica, que os estudantes e professores envolvidos possam entrar em contato com aspectos modernos e avançados da investigação científica. Este é um importante passo dado no sentido de auxiliar na difusão equitativa do conhecimento e na aquisição, por parte dos estudantes, de múltiplas habilidades e competências. Espera-se que tais ações venham a ampliar o campo de possibilidades que esses jovens terão no mercado de

trabalho, além de conceder-lhes uma atitude mais eficaz e positiva frente aos inúmeros desafios da vida.

## METODOLOGIA

### Público-alvo

Os trabalhos de difusão científica do Grupo de Óptica têm como público alvo, estudantes e professores, principalmente de escolas públicas e a população em geral, que visita regularmente as exposições, além de assistir diariamente aos programas televisivos.

### Estabelecimento de Indicadores para Acompanhamento do Projeto

Para o acompanhamento do desenvolvimento deste projeto foram estabelecidos inicialmente alguns indicadores para avaliar e ajustar as ações de forma eficiente e dinâmica. As avaliações foram realizadas por meio de reuniões periódicas com a equipe e por meio de pesquisas, realizadas nas escolas e exposições públicas, de modo a se avaliar os seguintes fatores:

- a) Grau de satisfação de estudantes, professores e público em geral, em relação aos painéis da exposição itinerante. Aspectos analisados: transmissão clara do conteúdo científico, visual agradável e grau de interatividade dos painéis (por meio de botões, vídeos, luzes, cores e efeitos especiais);
- b) Grau de satisfação quanto à explicação dos monitores;
- c) Grau de satisfação quanto a cada tema abordado pelo museu fixo e itinerante;
- d) Entendimento geral do conteúdo das diferentes áreas temáticas;
- e) Quantidade de participantes dos eventos;
- f) Sugestões de melhorias e críticas.

Os indicadores acima foram avaliados constantemente pelos coordenadores e monitores do projeto e os procedimentos e temas foram reajustados de forma ininterrupta, para melhoria da qualidade da exposição.

### Detalhamento das Ações

#### **Ação 1 – Exposição itinerante *A USP vai à sua Escola***

A elaboração da exposição itinerante envolveu as seguintes etapas:

1. Ideação da exposição e de seu conteúdo, por parte de pesquisadores, alunos e técnicos do Grupo de Óptica;
2. Confecção dos painéis educativos interativos na oficina mecânica e eletrônica do

Grupo de Óptica;

3. Estabelecimento de logística para visitação às escolas, compreendendo as seguintes etapas:

- a) Contato com as Secretarias de Educação Municipal e Estadual;
- b) Contato com as escolas para agendamento da exposição e indicação de monitores/estudantes por parte da escola;
- c) Seleção de monitores, estudantes da USP, para auxiliarem na exposição;
- d) Treinamento prévio de professores e monitores da USP e das escolas públicas visitadas, sobre o conteúdo científico e a logística da exposição;
- e) Transporte da exposição em veículo (van) destinado a este fim;
- f) Realização da exposição;
- g) Avaliação da exposição, por meio de pesquisas em salas de aula;
- h) Acompanhamento dos monitores, por meio de reunião, onde os mesmos foram ouvidos e falaram de suas experiências com a exposição, deram sugestões e discutiram sobre seus planos futuros de ação profissional e pessoal.

### **Ação 2 – Projeto *Fala Jovem***

Etapas de realização:

1. Seleção de bolsistas da USP para auxiliarem no monitoramento do projeto;
2. Seleção de alunos de escolas públicas para participarem do projeto;
3. Treinamento dos monitores e alunos, envolvendo o seguinte aprendizado:
  - » Noções sobre o funcionamento do ambiente televisivo;
  - » Estabelecimento de metas, seleção de temas e elaboração de script dos programas de TV a serem elaborados;
  - » Treinamento dos estudantes em habilidade oral e em desinibição, para a execução de entrevistas e de programas de TV de nível científico;
  - » Treinamento dos estudantes em edição dos programas televisivos;
  - » Exibição dos programas na TV Ciência – Canal 20 da NET de São Carlos.

### **Ação 3 – Produção de programas televisivos, feiras de ciências, treinamento de professores e monitores, realização da Olimpíada Brasileira de Física e realização da Olimpíada Brasileira de Física das Escolas Públicas**

1. *Programas de TV*: os programas televisivos foram gravados em nosso próprio estúdio. A programação de 24 horas diárias contém programas científicos, aulas, palestras, música e programas de entrevistas voltadas para a área de Ciência e inovação empresarial;
2. *Feiras de ciências de nível estadual e nacional*: durante o processo de divulgação da feira estadual foi feito contato com as delegacias de ensino de todo o Estado de São Paulo. Além disso, a equipe de difusão científica visitou centenas de escolas

- e colocou todas as explicações em texto e vídeo no site, de forma detalhada. Já a feira de nível nacional, foi realizada em um vilarejo da Amazônia. As prefeituras da região contrataram vários ônibus, o que permitiu a participação de milhares de estudantes, professores e cidadãos amazonenses na feira. A exposição foi levada pela equipe por avião, em caixas e malas, e por terra em dois automóveis (vans);
3. *Treinamento de professores e monitores*: os treinamentos são agendados e realizados na USP. A exposição é montada no saguão do Instituto de Física de São Carlos e os professores e monitores de diferentes cidades assistem a filmes e palestras e recebem explicações de todos os painéis educativos, para que possam interagir com os alunos em sala de aula, durante e após a exibição da exposição em suas escolas;
  4. *Olimpíada Brasileira de Física*: destinado a estudantes da oitava série do Ensino Fundamental ao terceiro ano do Ensino Médio, com o objetivo de despertar o interesse pela Física e incentivar os estudantes a seguirem carreiras científico-tecnológicas. Além disso, visa prepará-los para as Olimpíadas Internacionais de Física como forma de comparar o nosso ensino com o de outros países.

#### **Ação 4 – Avaliação das exposições itinerantes**

As exposições itinerantes foram avaliadas por meio de questionários impressos, aplicados pelos monitores em sala de aula e nas salas dos professores, logo após os alunos passarem pela exposição.

## **RESULTADOS**

### **Avaliação do Grau de Satisfação de Estudantes, Professores e Monitores, em Relação aos Projetos *A USP vai à sua Escola e Fala Jovem***

O grau de satisfação de estudantes, professores e monitores, foi verificado por meio de questionários exemplificados na Tabela 1.

**Tabela 1** – Exemplos das perguntas efetuadas em pesquisa realizada com estudantes, monitores e professores envolvidos com o projeto.

---

#### **PERGUNTAS FEITAS PARA OS ALUNOS**

---

- O laser é:
- ( ) uma luz espalhada e forte;
  - ( ) uma luz condensada, com capacidade para cortar tecidos biológicos e placas de metal;
  - ( ) uma luz espalhada e fraca, utilizada somente para iluminação de baladas.

O genoma humano: a. ( ) Consiste em 23 pares de cromossomos; b. ( ) consiste em 46 pares de cromossomos; c. ( ) não contém cromossomos; d. ( ) encontra-se todo fora do núcleo da célula.

Em termos de conteúdo científico, qual conceito você daria para esta exposição? a. ( ) ótimo; b. ( ) bom; c. ( ) regular; d. ( ) ruim; e. ( ) péssima.

Você considera importante esse tipo de exposição para a sua escola? a. ( ) sim; b. ( ) não; c. ( ) tanto faz.

---

**PERGUNTAS FEITAS PARA OS MONITORES  
(ESTUDANTES DA USP E DAS ESCOLAS PÚBLICAS):**

---

- a. Qual a importância deste projeto para você? O que acrescentou ao seu aprendizado?  
b. O que você faria diferente?
- 

**PERGUNTAS FEITAS AOS PROFESSORES:**

---

- a. Você considera que esta exposição foi importante para a sua escola? Por quê?  
b. Quais sugestões você nos daria para as próximas exposições?
- 

Por meio dos questionários realizados em sala de aula pelos monitores do projeto foram obtidas as seguintes respostas:

- a)** Quanto à compreensão do conteúdo científico mostrado nos painéis educativos e explicado pelos monitores: os estudantes mostraram uma média de acertos de 68%, o que foi considerado satisfatório pela equipe, considerando que os alunos não estavam inicialmente muito familiarizados com os temas abordados sobre Física, Química e Biotecnologia.
- b)** Quanto à importância da continuidade da exposição para a escola: 100% dos professores e 92% dos alunos sugeriram a continuidade da exposição.
- c)** Quanto à clareza de explicação: 87% dos alunos disseram que as explicações dadas pelos monitores eram claras e interessantes.
- d)** Quanto às perguntas feitas aos monitores, eles citam como benefícios dos projetos a ampliação de seus conhecimentos científicos, além de sensível melhoria na capacidade de oratória em público e da capacidade de organizar eventos e de responder às situações imprevistas. Por outro lado, os monitores criticaram o peso dos painéis e a falta de interesse de alguns alunos que assistiram às explicações.

## Ações de Difusão Científica, em Números, Executadas no Presente Trabalho

1. Produção de 112 programas científicos, os quais foram veiculados na mídia: TV Ciência, rádio, jornais e internet. Tais programas foram gravados em DVDs e utilizados intensivamente como meios eficazes para atingir o maior número possível de pessoas para o ensino de ciências;
2. Treinamento de 32 estudantes para produzirem os programas televisivos *Fala Jovem* em todas as suas etapas: ideação, elaboração de script, apresentação de programas e edição dos mesmos;
3. Realização de oito exposições científicas e tecnológicas – *Semóptica*: no Shopping Center Iguatemi São Carlos, no Museu da Ciência de São Carlos professor Mário Tolentino e em escolas, levando ao público em geral conhecimento científico;
4. Visitação de 22 escolas públicas do Estado de São Paulo, por meio da exposição itinerante *A USP vai à sua Escola* (Figura 1);

Figura 1 – Exposições científicas: (a) e (b) no Shopping Center Iguatemi São Carlos, (c) na Escola Estadual Jesuíno de Arruda e (d) no Museu de Ciências da cidade de São Carlos.



5. Aplicação de 68 cursos e aulas-show em vários temas da Ciência em especial da Física e da Biologia. Utilização da infraestrutura universitária para auxiliar na complementação do ensino de Ciência dos ensinos Médio e Fundamental, por meio de dezenas de treinamentos;
6. Realização de seis treinamentos amplos, que incluíram professores e estudantes da região e de outros estados. Tais professores agiram como difusores e multiplicadores do conhecimento e foram essenciais para o sucesso do projeto;
7. Realização de quatro *workshops*, denominados *Caminhos da Inovação*;
8. Publicação de dois livros (anos 2012 e 2013) nas áreas de Difusão Científica e Inovação Tecnológica e Empresarial [1, 6];
9. Colaboração na Realização da Olimpíada Brasileira de Física OBF, organizada pela Sociedade Brasileira de Física (SBF): No ano de 2013 foram inscritos 444.238 alunos, dos quais 1067 receberam medalhas. Após realizada a terceira fase, os melhores alunos receberam medalhas e os primeiros colocados participaram de duas competições internacionais;

- a) Olimpíada Iberoamericana de Física (OIbF), onde obtiveram 4 medalhas (2 de ouro e 2 de prata), em Santo Domingo, na República Dominicana; e
- b) Olimpíadas Internacionais de Física (IphO), que aconteceu em Copenhague, na Dinamarca, onde obtiveram 5 medalhas (1 de prata e 4 de bronze).

10. Colaboração na Realização da Olimpíada Brasileira de Física das Escolas Públicas (OBFEP), organizada pela Sociedade Brasileira de Física (SBF): no ano de 2013 foram inscritos 419.164 alunos.

**Tabela 2 – Abrangência e impacto do projeto em um ano de atividade.**

ATIVIDADES DESENVOLVIDAS	NÚMERO DE PARTICIPANTES
Programas da TV Ciência – Canal 20 da NET (audiência diária, estimada pela NET – São Carlos)	120.000
Exposição itinerante, cursos e treinamentos em escolas, nas cidades de São Carlos e de São Paulo	37.400
Exposição itinerante shopping, Museu de Ciências	8.400
Feiras de Ciências	5.300
Sites, colunas de rádio, colunas de jornal (estimado)	40.000
Olimpíada Brasileira de Física – OBF*	310.966
Olimpíada Brasileira de Física nas Escolas Públicas – OBFEP*	293.415
Total	815.481

\* Foram inscritos 444.238 alunos na OBF e 419.164 alunos na OBFEP. Para sermos mais realistas, consideramos 30% de ausência na execução das provas da primeira fase.

## CONCLUSÃO

Fazer com que a emoção da Ciência e o conhecimento científico e tecnológico fiquem disponíveis para os alunos certamente constitui-se em grande desafio para aqueles interessados em dedicar parte do seu tempo para difundir a Ciência como uma alternativa para melhorar a sociedade. A disseminação de conhecimento científico é fundamental para a crítica e envolvimento consciente da sociedade nos temas da Ciência e Tecnologia, visto que o desenvolvimento nessas áreas leva à transformação da vida das pessoas e tende a gerar talentos especiais. Estudantes que experimentam com Ciências, comprovadamente são mentes que se alteram para sempre. O valor da Ciência na mente dos jovens muda seu comportamento e seu desejo de contribuir, visto que o conhecimento sempre vence a ignorância. Precisamos ensinar Ciências para termos bons cidadãos, ainda que não necessariamente cientistas. Os resultados verificados neste trabalho mostram que mais de 800 mil pessoas, estudantes, professores e público em geral têm acesso anualmente às amplas atividades desenvolvidas pelo Grupo de Óptica. Esperamos, assim, possibilitar que os alunos e professores envolvidos e demais cidadãos sintam-se incluídos socialmente nas atividades desenvolvidas pela USP e que especialmente os alunos de escolas públicas tenham condições de aprender Ciência e Tecnologia, de modo que possam ter melhores chances no mercado de trabalho e também, que possam contribuir para o desenvolvimento científico e tecnológico do país.

## REFERÊNCIAS

- [1] BAGNATO, V. S.; LONGO, E.; BARRIONUEVO, W. R. **Cooperação em inovações tecnológicas entre Brasil e Itália**. 1ª ed. São Carlos: Editora Compacta, 2013.
- [2] BUENO, W. C. **Jornalismo científico no Brasil: Os compromissos de uma prática dependente**. 1984, 364 f. Tese (Doutorado) – USP, ECA, São Paulo, 1984.
- [3] CORACINI, M. J. Desconstruindo o discurso da divulgação: Questões do significado e da autoria. In: ARROJO, R. (Org.). **O signo desconstruído: Implicações para a tradução, a leitura e o ensino**. Campinas: Pontes, pp. 81-86, 1992.
- [4] GOUVÊA, G. **A divulgação científica para crianças: O caso da Ciência Hoje das crianças**. 2000, 305 f. Tese (Doutorado) – CCS, UFRJ, 2000.
- [5] MOREIRA, I. C. A inclusão social e a popularização da ciência e tecnologia no Brasil. **Inclusão Social**, Brasília, v. 1, n. 2, pp. 11-16, abr. - set. 2006.
- [6] PERUSSI FILHO, S.; BAGNATO, V. S.; BARRIONUEVO, W. R. **Caminhos da Inovação. A visão de cientistas, educadores, empreendedores e agentes de inovação**. 1ª ed. São Carlos: Editora Compacta, 2012.

## AGRADECIMENTOS

Ao CNPq, à Fapesp e ao Instituto de Física de São Carlos da Universidade de São Paulo (IFSC-USP) pelo suporte e apoio obtido durante a execução do presente trabalho.

**WILMA REGINA BARRIONUEVO** coordenadora de Difusão Científica do Grupo de Óptica do Instituto de Física de São Carlos da Universidade de São Paulo (IFSC-USP) – e-mail: [wilma@ifsc.usp.br](mailto:wilma@ifsc.usp.br)

**VANDERLEI SALVADOR BAGNATO** coordenador do Centro de Pesquisas em Óptica e Fotônica (CEPOF) e professor titular do Instituto de Física de São Carlos da Universidade de São Paulo (IFSC-USP) – e-mail: [vander@ifsc.usp.br](mailto:vander@ifsc.usp.br)

**SERGIO PERUSSI FILHO** professor do Centro Universitário Paulista (UNICEP) e professor colaborador da Universidade de São Paulo (IFSC-USP) – e-mail: [sergioperussi@gmail.com](mailto:sergioperussi@gmail.com)

**EUCLYDES MAREGA JUNIOR** coordenador de Difusão Científica do Centro de Pesquisas em Óptica e Fotônica (CEPOF) e professor titular do Instituto de Física de São Carlos da Universidade de São Paulo (IFSC-USP) – e-mail: [euclides@ifsc.usp.br](mailto:euclides@ifsc.usp.br)



# Divulgação Científica em Astronomia no Observatório Abrahão de Moraes

## Scientific Dissemination of Astronomy at the Observatory Abrahão de Moraes

### RESUMO

O Observatório Abrahão de Moraes, com sede no município de Valinhos-SP e acesso por Vinhedo-SP, é um laboratório de pesquisa científica pertencente ao Instituto de Astronomia, Geofísica e Ciências Atmosféricas da Universidade de São Paulo. Graças aos interesses e esforços de professores, alunos e funcionários, ele gradativamente abriu suas portas à divulgação científica, sendo hoje, reconhecidamente, um importante centro de difusão do conhecimento na região, atingindo também cidades mais distantes. Esta difusão se dá através de contatos diretos com o público nas visitas diurnas, bastante frequentes, nas noites de observações regulares, ambas com agendamento prévio e ainda nos eventos esporádicos como *Portas abertas* e *Férias com mais estrelas*, além de palestras e estágios. Além disso, tem também um contato indireto bastante intenso, através do uso de um de seus telescópios via internet e de frequentes inserções na mídia, principalmente regional. Desde 2008 são recebidos, em média, mais de 2000 visitantes por ano e pode ser muito mais ainda, desde que tenha infraestrutura material e humana adequadas. O aprimoramento das condições atuais está no horizonte da instituição, vindo de encontro à valorização, cada vez maior, que a USP e outros órgãos financiadores de pesquisa estão dando a essas atividades.

**Palavras-chave:** Divulgação Científica. Observação do Céu. Observatório.

### ABSTRACT

The Abrahão de Moraes Observatory, established in the city of Valinhos-SP, and accessed by Vinhedo-SP, is a laboratory of scientific research belonging to the Institute of Astronomy, Geophysics and Atmospheric Sciences of the University of São Paulo. Due to the interests and efforts of professors, students and staff, it gradually opened its doors to scientific dissemination and now is recognized as an important center for dissemination of knowledge in its region, reaching even other farther cities. This

RAMACHRISNA  
TEIXEIRA,  
ANA CECÍLIA SOJA,  
LUCIENE DA SILVA  
COELHO,  
RAFAEL MILONI  
SANTUCCI E  
ELISA CAROLINA  
ARIZONO

Universidade de São Paulo.  
Instituto de Astronomia, Geo-  
física e Ciências Atmosféricas,  
São Paulo, Brasil

diffusion occurs in direct contact through the quite frequently daytime visitations and nights of regular observations, both with prior reservation and even with sporadic events like open doors days, lectures and scholarships. Moreover, the indirect contact with public is also very intense through the use of one of its telescopes via Internet and recurrent insertions in the media, especially regional. Since 2008, are received, on average, more than 2,000 visitors each year, a number that may increase with adequate human and physical infrastructure. The improvement of the current conditions is on the horizon of the institution, encountering the increasing appreciation, which the University and other research funding agencies have been attributing to these activities.

**Keywords:** Scientific Dissemination. Sky Observation. Observatory.

## INTRODUÇÃO

**O Observatório Abrahão de Moraes (OAM) do Instituto de Astronomia, Geofísica e Ciências Atmosféricas da Universidade de São Paulo (IAG-USP)**, situado no Município de Valinhos-SP, com acesso por Vinhedo-SP, nasceu de um esforço inicial em meados dos anos 60 que visava instalar uma estação de Tempo-Latitude em São Paulo. Este esforço foi liderado e ampliado pelo Prof. Dr. Abrahão de Moraes, o qual contou com a colaboração essencial dos doutores Jean Delhaye, do Observatório de Paris, Alexander Postoiiev, do Observatório de Pulkovo (São Petersburgo, Rússia, na época trabalhando no IAG), Pierre Grudler do Observatório de Besançon e Paulo Benevides Soares, na época doutorando no Observatório de Besançon.

Após alguns anos de pesquisa intensa de sítio, a equipe concluiu que o melhor local para a instalação do Observatório seria a região de Viracopos, entre Campinas e São Paulo. Fatores geológicos, topográficos e proteção vegetal levaram o Observatório para o Morro dos Macacos no município de Valinhos-SP, com altitude de 730m. Esse terreno foi desmembrado da fazenda do Senhor Manoel de Sá Fortes Junqueira e doado à Universidade de São Paulo pela Prefeitura Municipal de Valinhos, com escritura outorgada pelo então Prefeito, Luiz Bissoto, em 3 de Junho de 1971 [1].

Terminada a construção, por decisão do Conselho Universitário da USP, o Observatório recebeu o nome de seu idealizador, falecido em 2 de dezembro de 1970, passando a chamar-se Observatório Abrahão de Moraes. Foi inaugurado em 19 de Abril de 1972 pelo então governador do Estado de São Paulo, Laudo Natel, e pelo reitor da USP, doutor Miguel Reale. Essa cerimônia contou com a presença de muitas autoridades, entre elas o Prefeito de Valinhos, Luiz Bissoto, e os professores doutores Paulo Benevides Soares e Luiz Bernardo Ferreira Clauzet.

Em seu início, o Observatório recebeu dois instrumentos astrométricos: o Telescópio Círculo Meridiano Askania Zeiss e o Astrolábio Impessoal de Danjon, cujas observações destinavam-se à materialização de sistemas de referência, ao estudo da rotação da Terra e movimento do polo. Pouco depois, o Observatório recebeu um terceiro instrumento astronômico, um telescópio Boller & Chivens de 60cm, visando coletar dados para pesquisa em Astrofísica. No início dos anos 80 seus horizontes

foram novamente ampliados com a instalação da estação sismográfica, que faz parte da Rede Sismográfica do Brasil. No final da mesma década, em colaboração com uma equipe alemã, a aceleração da gravidade foi determinada de forma absoluta em um ponto específico do Observatório e desde então tem sido utilizada como referência na calibração de gravímetros e estudos de maré terrestre. Também foi construído um marco geodésico absoluto, utilizado para estudos de Geodésia.

Mais tarde, início dos anos 90, o Observatório vivenciou uma diminuição de suas atividades científicas com a transferência de seu principal instrumento, o telescópio de 60cm, para o Observatório do Pico dos Dias, em Brazópolis-MG. Esta mudança foi causada pelo crescimento das cidades na região onde se encontra o Observatório e consequente aumento da poluição luminosa. Um pouco depois, outro de seus instrumentos (Astrolábio Impessoal de Danjon) foi transferido para São Paulo, para ser automatizado, e hoje encontra-se desativado. Da origem, o instrumento que ficou, o Círculo Meridiano (Figura 1 e Figura 2), foi automatizado em 1995 com a instalação de um detector eletrônico de luz, construído em colaboração com o Observatório de Bordeaux (França), e até hoje produz observações de boa qualidade e exploráveis cientificamente.



Figura 1 – Vista da área da cúpula do Telescópio Círculo Meridiano. Fonte: Acervo do OAM.



Figura 2 – Telescópio Círculo Meridiano com o detector eletrônico de luz acoplado. Fonte: Acervo do OAM.

Paralelamente a estas constantes mudanças, o Observatório tornou-se um importante centro de difusão do conhecimento na região, através de uma interação direta com o público em eventos esporádicos como o *Portas Abertas* e outros eventos frequentes, por exemplo, visitas diurnas previamente agendadas e visitas regulares como

o *Noite com as Estrelas*. Também existe uma interação indireta importante com a população através do projeto *Telescópios na Escola*, que está presente na mídia regional. Hoje o Observatório é uma referência importante para o turismo cultural, não só na Região Metropolitana de Campinas, mas também em regiões mais afastadas, incluindo a cidade de São Paulo [2]. Nessas atividades com o público o Observatório conta com a colaboração – que infelizmente oscila muito – das Prefeituras Municipais de Valinhos e de Vinhedo.

O Observatório possui uma área de aproximadamente 450.000m<sup>2</sup>, com a maior parte sendo coberta por mata nativa onde se encontram abrigadas e protegidas várias espécies de plantas e animais silvestres. A mata do Observatório é hoje um dos poucos remanescentes florestais na região que ainda são preservados. Ela atua como refúgio vital para diversos animais como macacos (Figura 3), veados, lobos, variados tipos de pássaros (Figura 4) e mais de 150 espécies de borboletas repertoriadas. Desde 1998 é cadastrado no IBAMA como área de soltura de animais silvestres.

---

Figura 3 – Sagui-de-Tufos (*Callithrix penicillata*), uma das três espécies de primatas frequentemente encontradas no Observatório. Fonte: Acervo do OAM.



---

Figura 4 – Gavião Carcará (*Polyborus plancus*) no Observatório. Fonte: Acervo do OAM.



Atualmente, em consequência da expansão de suas atividades, o OAM está recebendo um aporte material importantíssimo e, em breve, estará dotado de melhor infraestrutura para acolher seus visitantes, cumprindo, assim, seu papel na produção e difusão do conhecimento científico como idealizado por seus fundadores.

## DIFUSÃO DO CONHECIMENTO NO OBSERVATÓRIO

Desde sua origem, o Observatório sempre atraiu a atenção da população regional, que

no início raramente podia acessá-lo. As dificuldades em receber visitas na época eram muitas: não existia pessoal capacitado para tal no local, as visitas noturnas atrapalhavam os trabalhos observacionais com finalidade científica e, devido às características dos telescópios e equipamentos a eles acoplados, não era possível mostrar imagens de corpos celestes (interessantes para o público não especializado) como o público em geral quer ver. É também verdade que, nesta época, a Universidade e a própria sociedade brasileira ainda não davam tanta importância quanto hoje ao trabalho de divulgação científica.

Mesmo assim alguns poucos professores, por tendência natural, se dispuseram a receber visitas e a mostrar os instrumentos ao público. Em 1995, com a automação do Círculo Meridiano, foi possível acumular um número de imagens que proporcionam um espetáculo interessante, motivador e muito apreciado pelo público (Figura 5). Essas imagens são especialmente interessantes, pois são imagens científicas acessíveis ao público leigo, capazes de proporcionar a chance de vislumbrar o céu como o cientista o faz. Junta-se a isso o fato de que, nessa época, foi possível realizar noites de observação com o público utilizando um telescópio MEADE de 12 polegadas, gentilmente emprestado ao Observatório pela Escola Integrando, de Itatiba. Com isso, a procura aumentou e a resposta da instituição foi positiva.



Figura 5 – Aglomerado Estelar M6, observado com o Telescópio Círculo Meridiano. Fonte: Acervo do OAM.

Em 1998, já imersos nessa nova realidade, foi realizado o primeiro evento *Portas Abertas*, quando o público pode circular livremente pelo Observatório no período das 10h às 17 horas, atraindo em torno de 200 visitantes adultos (crianças não foram contabilizadas na época). A repercussão dessa empreitada foi muito grande e serviu de impulso para a ampliação das atividades com o público. Nessa mesma época, ocorreu um estágio para formação de 20 professores do Ensino Fundamental e Médio de escolas da região. Também data dessa época a visita cada vez mais intensa por parte dos cursos de extensão universitária do Departamento de Astronomia do próprio IAG e de seus cursos regulares de graduação.

Naturalmente, a procura aumentou ainda mais e desde, aproximadamente, 2007, essas atividades de divulgação se solidificaram com o envolvimento de alunos/monitores, permitindo manter certa regularidade, incluindo visitas noturnas mensais.

Em 2007, alunos de graduação do Instituto de Física da Universidade de São Paulo

(IF-USP), em sintonia com o Prof. Dr. Ramachrisna Teixeira, do IAG-USP, então responsável pelo Observatório, diante dessa nova realidade, se dispuseram a colaborar sistematicamente com as atividades de divulgação no Observatório, através de observações do céu noturno com telescópios: inicialmente com um telescópio MEADE de 10 polegadas do IAG. Dois anos depois, esses esforços resultaram na compra de dois telescópios MEADE de 12 polegadas, nomeados Prometeu e Asterix, voltados exclusivamente para esse fim. A utilização de dois equipamentos ampliou a capacidade e a própria dinâmica do atendimento, promovendo ainda mais o estreitamento da relação entre o público em geral e o ambiente da Universidade.

Figura 6 – Telescópios Prometeu e Asterix, atualmente utilizados no evento *Noite com as Estrelas*. Fonte: Acervo do OAM.



O evento noturno criado para receber o público em geral foi nomeado *Noite com as Estrelas*, que será descrito a seguir, e é realizado sistemática e periodicamente. Ao mesmo tempo, o Observatório recebe um grande número de visitantes durante o dia. Nestes casos, os visitantes são principalmente turmas escolares de todos os níveis, do pré-primário à pós-graduação.

### Noite com as Estrelas

Até recentemente, as visitas noturnas ocorriam principalmente para os alunos do próprio IAG-USP (apenas uma ou duas turmas por ano). Na realidade, tratava-se de uma extensão das atividades diurnas com estes alunos de Graduação e de Pós-graduação. Esta limitação ocorria principalmente pelo fato do OAM não ter um telescópio voltado para o público, pois os telescópios usados em pesquisa são dotados de câmeras especiais. Além disso, a presença do público no Observatório durante a noite impediria que ali se desenvolvessem atividades normais de pesquisa. Outra importante limitação vinha do fato de que o Observatório não dispunha de funcionários e nem de infraestrutura adequada para esta finalidade.

Desde 2007, com os telescópios Prometeu e Asterix adquiridos com auxílio do CNPq, e com a disposição das várias gerações de alunos/monitores, desenvolveu-se o evento mensal *Noite com as Estrelas*. Este evento ocorre às sextas, sábados e domingos

de *Lua crescente*. Para a realização desta atividade, contou-se em algum momento com a ajuda financeira da Pró-Reitoria de Cultura e Extensão Universitária da USP, do CNPq, das Prefeituras de Valinhos e de Vinhedo e claro, do próprio IAG.

No evento *Noite com as Estrelas* os visitantes são recebidos na sala de palestras, em grupos de no máximo 35 pessoas (três grupos por noite no inverno e dois no verão), para uma rápida apresentação do Observatório (10 a 15 minutos) e, em seguida, são encaminhados para a cúpula onde então passarão em torno de uma hora observando o céu (Lua, planetas, aglomerados, nebulosas, galáxias e estrelas), a maioria pela primeira vez. Este momento também é aproveitado para verdadeiras e descontraídas aulas do céu a olho nu, reconhecimento de algumas estrelas, constelações, movimento aparente dos astros, diferenças entre planetas e estrelas, entre outros assuntos relacionados à Astronomia. Nestas noites de observação é fundamental o auxílio de funcionários do Observatório. Este evento é realizado na fase crescente da Lua, pois a Lua é um dos objetos mais espetaculares para o público e neste caso, encontra-se acima do horizonte na primeira metade da noite, certamente mais conveniente, mesmo para crianças.

Naturalmente, essa atividade foi estendida a muitas turmas de graduação do IAG-USP compreendendo sempre a visita diurna e observações noturnas.

No *Noite com as Estrelas*, em caso de mau tempo (céu encoberto) a atividade programada é substituída por uma palestra, filme e/ou uma visita aos instrumentos do Observatório.

Neste momento já está em funcionamento a primeira de duas plataformas de observação. Estas plataformas estão sendo construídas de forma a permitir que as observações sejam realizadas no nível do solo, facilitando assim o acesso de todos, sobretudo daqueles com mobilidade reduzida. A segunda plataforma será construída em breve no mesmo ambiente da primeira. Além de facilitar o acesso, estas plataformas possibilitam o atendimento simultâneo de um número maior de pessoas.

O evento é inteiramente gratuito e atualmente é mantido com oito alunos/monitores, seis bolsistas de graduação e dois de pós-graduação. Estas bolsas são fornecidas pela Pró-Reitoria de Cultura e Extensão Universitária e são essenciais na manutenção dessa atividade. Além deles, conta-se sempre com a presença de pelo menos um funcionário e/ou o Professor Coordenador.

O *Noite com as Estrelas* é divulgado em redes sociais e no site do Observatório ([www.observatorio.iag.usp.br](http://www.observatorio.iag.usp.br)), dentre outras formas de divulgação eletrônica, e também nos meios de comunicação regionais, como estações de rádio e jornais. A divulgação atual é cada vez mais expressiva e já atende não apenas às cidades de Valinhos e Vinhedo, mas a toda a região metropolitana de Campinas e também a cidade de São Paulo e suas cidades satélites.

### Visitação Diurna

As visitas diurnas duram aproximadamente 60 a 90 minutos e acontecem com agendamento prévio. No caso de escolas e grupos organizados, o agendamento se dá segundo a conveniência de ambas as partes. Os visitantes avulsos são agrupados e, desde que seja

constituído um grupo razoável de pessoas (aproximadamente 30), agenda-se a visita com a devida antecedência. Em geral essas visitas ocorrem aos sábados pela manhã.

O atendimento, na maioria das vezes, tem sido realizado pelo professor coordenador e pelo técnico de laboratório do Observatório, auxiliados por outros funcionários do OAM. Devido às limitações material e humana, essas visitas têm estado muito aquém de responder à demanda e também aquém das potencialidades do Observatório.

A visita diurna consiste em uma conversa informal de mais ou menos 20 minutos com o grupo no auditório do Observatório, onde os visitantes são recebidos: fala-se de Astronomia, do que se faz em um observatório e do que se faz mais especificamente no OAM. A seguir, o grupo é levado para conhecer cada um dos telescópios, sendo que no Círculo Meridiano, devido às dimensões do pavilhão onde se encontra, são projetadas algumas imagens do céu coletadas com o instrumento. Em nossa avaliação, mostrar as imagens ainda que projetadas, coletadas com o instrumento que as pessoas estão visitando, tem se revelado muito mais interessante e atraente do que mostrá-las em uma sala de aula ou auditório. Dependendo do grupo e do tempo gasto na visita, e também das condições de céu, são feitas observações do Sol com o telescópio solar (Telescópio Coronado de 40mm de abertura e distância focal de 400mm), concebido e construído com essa finalidade.

As maiores limitações no caso das visitas diurnas são consequência da pouca disponibilidade do professor responsável pelo Observatório e do técnico de laboratório. Mesmo assim, em vários sábados são realizadas visitas diurnas, grupos de visitantes avulsos e excursões didáticas, incluindo aqueles no período do evento *Noite com as Estrelas* quando estão presentes também os alunos/monitores. Estas limitações também impedem a exploração com o público, de fenômenos ocasionais como eclipses, cometas, chuvas de meteoros, entre outros.

### Portas Abertas e Férias com Mais Estrelas

Até o momento, foram realizados quatro eventos do tipo *Portas Abertas*, onde o público é convidado a visitar o Observatório durante o dia, sem que seja necessário qualquer tipo de agendamento. O primeiro foi realizado em 1998, recebendo aproximadamente 200 adultos, número considerado bem sucedido. O segundo evento desse tipo foi realizado em 2012, como parte das comemorações dos 40 anos do Observatório. Nele estiveram presentes pouco mais de 1000 adultos, evidenciando a crescente busca por esse tipo de atividades na região, bem como a bem sucedida divulgação.

O terceiro evento, realizado em julho de 2014 sob o título *Férias com Mais Estrelas* recebeu em torno de 850 visitantes e consistiu novamente na abertura do Observatório, agora por uma semana e com mais atividades, como palestras e oficinas. Graças ao sucesso dessa primeira edição, ficou consolidada a realização de eventos temáticos anuais e sua segunda versão foi realizada em julho de 2015 atraindo novamente em torno de 1000 visitantes.

Esse tipo de evento atrai muita gente e dá muita visibilidade para o Observatório. Entretanto, sua organização não é simples e necessita da colaboração e envolvimento de um número muito maior de pessoas: funcionários, alunos e professores, o que

nem sempre ocorre com a intensidade desejada.

Nos eventos de 2012, 2014 e 2015, o público teve à sua disposição um grande número de atrativos e atividades: músicas, exposições, atividades interativas para crianças, observações do Sol, estrelas, planetas e Lua. O resultado foi excelente e espera-se repetir e ampliar este evento em muitas ocasiões futuras. Com a realização desses eventos, também ficou evidente o quanto a demanda na região por eventos culturais é grande e o quanto o Observatório Abrahão de Moraes ainda está longe de atendê-la. Entretanto, o OAM certamente é capaz de supri-la, pois ainda possui enorme potencial.

## TELESCÓPIOS NA ESCOLA (TNE)

O projeto *Telescópios na Escola* consiste em observações remotas, via internet, tanto de roteiros didáticos quanto no modo livre. O Observatório disponibiliza para as escolas um telescópio Celestron, chamado Argus (Figura 7), de 11 polegadas, que opera de forma totalmente automática, permitindo aos alunos realizarem observações a partir da própria escola. Pela internet o professor é capaz de acessar e mover o telescópio para o objeto astronômico desejado e “fotografá-lo” conforme a atividade a ser realizada. O TnE abrange escolas de várias regiões do Estado de São Paulo e também de outros estados que o utilizam com regularidade.



Figura 7 – Telescópio Argus, utilizado no projeto *Telescópios na Escola*. Fonte: Acervo do OAM.

As observações são previamente agendadas e, nas noites e horários estabelecidos, o telescópio, localizado no OAM, fica à disposição da escola que irá comandá-lo remotamente, de qualquer lugar, via internet, apontando-o para os objetos desejados e coletando as imagens em tempo real, como se estivesse no local.

Esse projeto é mais amplo e consiste em uma rede de sete telescópios automáticos instalados em várias cidades do país. O projeto foi inicialmente financiado pela Fundação Vitae, sob a coordenação do Prof. Dr. Laerte Sodré, do IAG. Hoje, sob a coordenação da Profa. Dra. Vera Jatenco, duas outras atividades estão sendo incorporadas a esta envolvendo as estações sismográfica e meteorológica do OAM, denominadas *Geofísica na Escola* e *Meteorologia na Escola*, respectivamente.

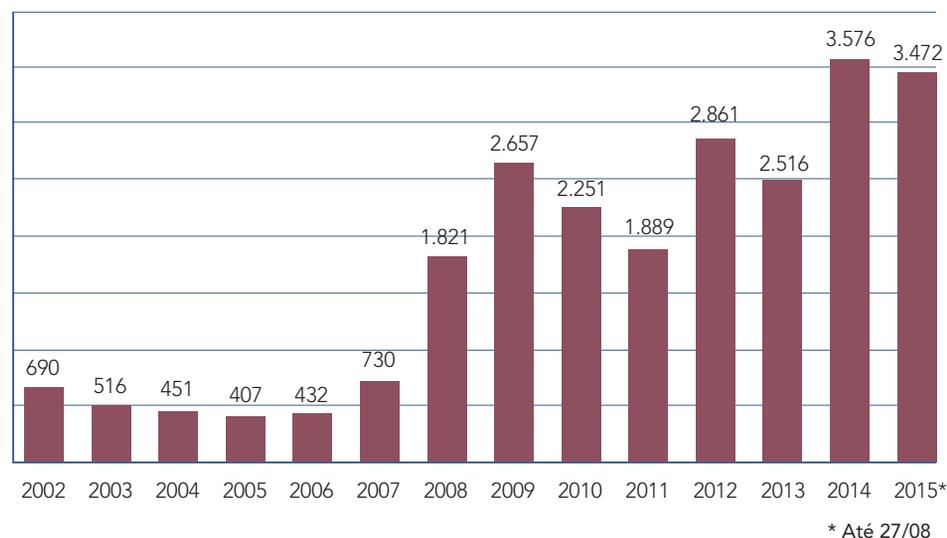
Esse projeto foi implantado em 2005 e tem contado com bolsistas de graduação da Pró-Reitoria de Cultura e Extensão Universitária da USP. Seu alcance pode ser facilmente ampliado se o Observatório puder contar com recursos humanos voltados para o

trabalho de divulgação científica, disponibilizando mais noites de observação às escolas.

## ESTATÍSTICA DO ATENDIMENTO AO PÚBLICO NO OBSERVATÓRIO

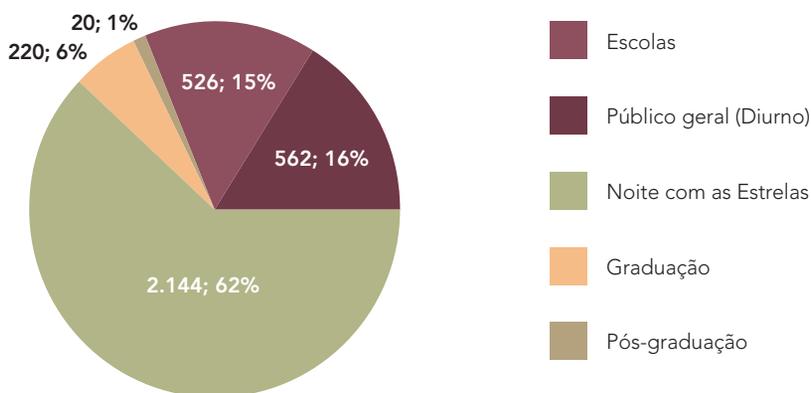
No gráfico a seguir pode-se perceber o aumento e o patamar em que se encontra a visitação pública ao Observatório Abrahão de Moraes. O Gráfico 1 deixa claro que a partir de 2008 se instalou em definitivo um novo quadro no que diz respeito à visitação ao Observatório. As oscilações estão principalmente ligadas ao mau tempo nos dias do *Noite com as Estrelas* e também à disponibilidade de recursos humanos para a realização dos eventos e consequentemente maior investimento na sua divulgação.

**Gráfico 1** – Número de visitantes por ano, contabilizados até 27 de agosto de 2015.



Já no Gráfico 2, podemos ver como estão distribuídos os visitantes. Nesta figura, o item “Graduação” corresponde apenas aos alunos do IAG que nos visitam nas chamadas *Excursões Didáticas*, lideradas pelos professores. Naturalmente, este número pode aumentar muito caso estas excursões se estendam aos demais departamentos do IAG e a toda a Universidade. Da mesma forma, o número de alunos de pós-graduação pode aumentar muito com a divulgação das atividades junto a toda comunidade uspiana. Esse gráfico refere-se somente ao ano de 2015, mas o quadro é aproximadamente o mesmo nos anos anteriores.

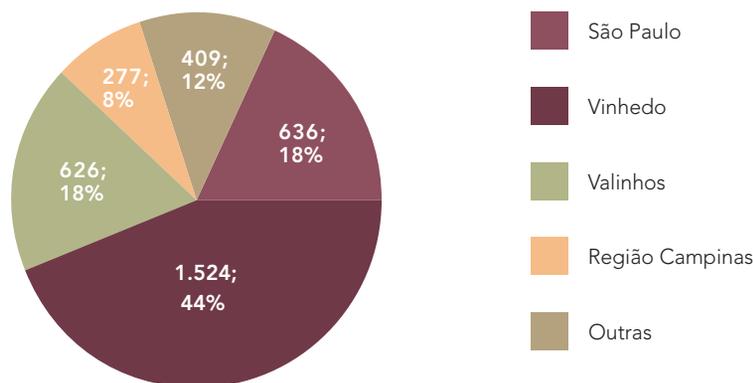
**Gráfico 2** – Distribuição dos visitantes por categorias, considerando somente o ano de 2015 (até 27 de agosto).



A forma como o público é recebido no OAM foi aprimorada nesses vários anos de atividades e as mudanças tiveram como base dois pontos muito importantes: a vivência dos estudantes que realizam o trabalho e a constatação de que o público visitante possui diferentes níveis de instrução, mas que é predominantemente composto por pessoas com segundo e/ou terceiro graus completos.

No Gráfico 3, a seguir, percebe-se que a grande maioria do público é procedente da região onde se encontra o Observatório, mas há uma parcela significativa oriunda da capital. Estes dados colocam o Observatório como uma importante fonte de divulgação do conhecimento na região. Caracteristicamente, essa região encontra-se entre dois importantes polos de pesquisa (a Universidade de São Paulo e a Universidade Estadual de Campinas), mas possui poucos centros científicos e culturais resultando, portanto, em uma demanda altíssima deste tipo de ambiente. Posicionado em um local estratégico para este fim, o OAM acaba facilitando o acesso e consequente contato, do público leigo com um centro de pesquisa.

**Gráfico 3** – Origem dos visitantes do OAM em 2015 (até 27 de agosto).



## CONSIDERAÇÕES FINAIS E PERSPECTIVAS

Tanto os adultos quanto as crianças não conseguem esconder a alegria, o prazer e a satisfação com a visita e com o que viram e ouviram. Em geral, a interação é excelente. Desta forma, o Observatório vem cumprindo com sucesso a importante tarefa institucional de divulgação científica, altamente motivadora e fundamental na atração de crianças e jovens para o conhecimento científico. É evidente que a quantidade e a qualidade das atividades de difusão do conhecimento no Observatório Abrahão de Moraes podem ser ampliadas e melhoradas. O Observatório encontra-se em uma região privilegiada e, considerando o nível médio de escolaridade do público visitante, a demanda é muito maior do que aquela que é oferecida com a infraestrutura e apoio disponíveis hoje. Com as devidas ampliações, as atividades realizadas no Observatório serão ainda mais um grande incentivo para crianças e jovens a seguirem carreiras na pesquisa científica. Também, com a melhoria destas condições, seria possível aumentar a divulgação de todas as atividades, inclusive científicas, e desenvolver mais eventos públicos e realizar atividades mais focadas, como, por exemplo, a formação de professores. Certamente existe muito espaço para crescer.

Outro ponto que merece destaque é a contribuição fundamental que a realização dessas atividades dá à formação dos alunos/monitores, que em sua grande maioria se tornarão professores e pesquisadores.

Apesar da aceleração do desenvolvimento científico do país nos últimos anos, tomando como referência os principais centros de pesquisa do mundo, vê-se que ainda há muito o que fazer e crescer. Certamente, uma das atividades mais importantes neste processo é a divulgação científica que, se bem feita, muito além de informar, atrai e motiva o público em geral para o *conhecimento*, principalmente o público mais jovem. A Astronomia, por um lado, é por excelência uma área extremamente atraente e motivadora. O Observatório Abrahão de Moraes encontra-se em uma região com enorme demanda educacional, cultural e mesmo turística. A Universidade de São Paulo é uma das maiores instituições de ensino e pesquisa do país (a melhor colocada em rankings internacionais), todos estes ingredientes apontam um retorno, difícil de medir, mas garantido, que é a aproximação entre a academia e a população, que tem sido cada vez mais valorizado.

## REFERÊNCIAS

- [1] MARQUES DOS SANTOS, P. **Instituto Astronômico e Geofísico da USP: Memória sobre sua formação e evolução**. 1ª ed. São Paulo: Editora Universidade de São Paulo, 2005.

- [2] TOMANIK, G. B.; CAVENAGHI, A. J. Lazer e turismo: Visitas ao Observatório Abrahão de Moraes/IAG-USP (SP, Brasil). **Revista Brasileira de Pesquisa em Turismo**, v. 6, n. 3, pp. 375-397, 2012.

## AGRADECIMENTOS

Os autores são gratos a todos aqueles que, direta ou indiretamente, têm contribuído para o desenvolvimento das atividades de divulgação científica no Observatório Abrahão de Moraes. Em especial, agradecemos aos Prof. Dr. Laerte Sodré, atual Diretor do IAG, e Profa. Dra. Vera Jatenco, responsáveis pelo TNE. Também destacamos o excelente trabalho desenvolvido por todos os monitores da graduação, bolsistas e voluntários, que têm passado pelo Observatório nos últimos anos. Igualmente importante tem sido a participação dos funcionários lotados no Observatório e os funcionários da administração do IAG. E finalmente, somos gratos ao CNPq, à Pró-Reitoria de Cultura e Extensão Universitária, ao IAG e às Prefeituras Municipais de Valinhos e Vinhedo pelo suporte financeiro, material e logístico.

**RAMACHRISNA TEIXEIRA** professor do Departamento de Astronomia do Instituto de Astronomia, Geofísica e Ciências Atmosféricas da Universidade de São Paulo (IAG-USP) – e-mail: rama.teixeira@iag.usp.br

**ANA CECÍLIA SOJA** doutoranda do Departamento de Astronomia do Instituto de Astronomia, Geofísica e Ciências Atmosféricas da Universidade de São Paulo (IAG-USP) – e-mail: acsoja@usp.br

**LUCIENE DA SILVA COELHO** doutoranda do Departamento de Astronomia do Instituto de Astronomia, Geofísica e Ciências Atmosféricas da Universidade de São Paulo (IAG-USP) – e-mail: luciene.coelho@usp.br

**RAFAEL MILONI SANTUCCI** doutoranda do Departamento de Astronomia do Instituto de Astronomia, Geofísica e Ciências Atmosféricas da Universidade de São Paulo (IAG-USP) – e-mail: rafaelsantucci@usp.br

**ELISA CAROLINA ARIZONO** mestranda profissional em Ensino de Astronomia do Departamento de Astronomia do Instituto de Astronomia, Geofísica e Ciências Atmosféricas da Universidade de São Paulo (IAG-USP) – e-mail: arizono@usp.br



# Políticas de Controle da Desordem Urbana: A Experiência das Unidades de Ordem Pública na Cidade do Rio de Janeiro

Controlling Urban Disorder: The Experience of the Public  
Order Units at the City of Rio de Janeiro

## RESUMO

Este artigo descreve e analisa o processo de desenho e execução das Unidades de Ordem Pública (UOP) na Cidade do Rio de Janeiro. Trata-se de um programa desenvolvido por gestores locais da Secretaria Municipal da Ordem Pública com a participação de pesquisadores do Núcleo de Pesquisa de Políticas Públicas da Universidade de São Paulo entre 2010 e 2013. As oito Unidades de Ordem Pública instaladas permitiram testar em pequena escala novos modelos de operação, gestão e controle da ordem pública no município. São descritas as características, ações, custos e operações do programa, com a apresentação de dados e informações que indicam seus efeitos, assim como as possibilidades de manutenção, ampliação e disseminação.

**Palavras-chave:** Desordem Urbana. Políticas de Ordem Pública. Rio de Janeiro – Brasil.

## ABSTRACT

This article describes and analyzes the design and implementation of the Public Order Units (UOP, Portuguese acronym) at Rio de Janeiro City. The *UOP program* was developed by local managers from the Municipal Law Enforcement Agency (SEOP) with the participation of researchers from the Center for Public Policy Research, University of São Paulo, between 2010 and 2013. Eight Public Order Units were installed allowing prototyping new models of law enforcement operations at the city level. The characteristics, actions, costs and program's operations are described at the paper, using data and information that indicates its effects, as well as the possibilities of its maintenance, expansion, and dissemination.

**Keywords:** Urban Disorder. Order Control Policies. Rio de Janeiro – Brasil.

LEANDRO PIQUET  
CARNEIRO

Universidade de São Paulo.  
Instituto de Relações Internacionais,  
São Paulo, Brasil

BRUNO BONDAROVSKY

Secretaria Municipal da Cidade do Rio de Janeiro.  
Secretaria de Ordem Pública,  
Rio de Janeiro, Brasil

## INTRODUÇÃO

**A desordem é um fato cotidiano em qualquer grande cidade do mundo e,** nas duas últimas décadas é possível dizer que, no Brasil, o tema ganhou importância na agenda dos governos locais e passou também a se destacar como tema de pesquisa nas universidades. O Núcleo de Pesquisa de Políticas Públicas da Universidade de São Paulo desenvolve desde 2008 uma linha de pesquisa e extensão sobre inovações em políticas de segurança e ordem pública. O programa dedica-se a investigar e desenvolver estratégias de execução de políticas públicas que buscam fortalecer a capacidade de intervenção da sociedade e dos governos diante de problemas como o crime, a desordem urbana e a qualidade dos serviços de segurança.

O presente artigo é fruto de um trabalho de pesquisa e assessoria desenvolvido no município do Rio de Janeiro entre fevereiro de 2010 e junho de 2013, junto à Secretaria Municipal da Ordem Pública da Prefeitura do Rio de Janeiro. O foco da pesquisa e das atividades de extensão realizadas nesse período era o exercício do trabalho de ordenamento urbano realizado pela Guarda Municipal da Cidade do Rio de Janeiro. O artigo descreve as características do programa de Unidades de Ordem Pública (UOP) e seu processo de planejamento e execução pela Prefeitura da Cidade do Rio de Janeiro. O programa foi desenhado e incubado no âmbito da Secretaria da Casa Civil (até abril de 2011) e posteriormente foi transferido para a Secretaria Municipal da Ordem Pública (SEOP) que ficou responsável por sua operação. As intervenções realizadas pelas Unidades de Ordem Pública visavam aspectos como a atuação dos ambulantes em desacordo com a legislação, a ocupação irregular das calçadas por bares e restaurantes, o estacionamento irregular, entre outras violações de posturas municipais que eram objetos constantes de reclamações por parte do público. Para atuar no controle desses problemas, os guardas municipais passaram a utilizar novas tecnologias e modelos de gestão que foram especificamente desenvolvidos (*smartphones* e sistemas embarcados para a coleta e envio de dados sobre ocorrências, fixação de metas de desempenho monitoradas por indicadores, pesquisas de satisfação com o público, entre outros). Intervenções em aspectos físicos nas áreas das UOPs (podas de árvores, iluminação, lixo, calçamento etc.) foram realizadas simultaneamente pela Secretaria de Conservação.

No Plano Estratégico da Cidade do Rio de Janeiro para o período 2013-2016 [9], as UOPs foram apresentadas como um programa que permitiu o “início da modernização da Guarda Municipal” (p. 128), tendo sido fixada a meta de criação de “14 UOPs implantadas, todas com cobertura de vigilância eletrônica, e um efetivo de pelo menos 3,3 mil guardas municipais operando diariamente nas ruas até 2016” (p. 130). O custo de cada UOP era de aproximadamente R\$ 11 milhões por ano e a Prefeitura aumentou o orçamento da Guarda Municipal e da SEOP de 160 milhões em 2008, para R\$ 240 milhões em 2011 e para R\$ 340 milhões em 2014. Em apenas dois anos, foram instaladas oito UOPs nos bairros da Tijuca, Centro, Leblon, Ipanema, Copacabana, Catete, Meier e Zona Portuária (Porto Maravilha), cobrindo uma área de 5,5 km<sup>2</sup> (menos de 1% da área do município), com um efetivo de 2280 homens (Tabela 1).

**Tabela 1** – Unidades de Ordem Pública: Bairros e Data de Implantação e Área Total. Fonte: Secretaria Municipal da Ordem Pública da Cidade do Rio de Janeiro – 2014.

BAIRRO DA UNIDADE DE ORDEM PÚBLICA	DATA DA IMPLANTAÇÃO	NÚMERO DE GUARDAS MUNICIPAIS NA IMPLANTAÇÃO	ÁREA DA UOP
Tijuca	18/4/2011	227	670 mil m <sup>2</sup>
Centro	6/9/2012	420	1.000 mil m <sup>2</sup>
Leblon	27/10/2011	250	661 mil m <sup>2</sup>
Ipanema	5/12/2011	234	470 mil m <sup>2</sup>
Copacabana	24/1/2012	285	380 mil m <sup>2</sup>
Catete-Glória	16/5/2012	330	865 mil m <sup>2</sup>
Meier	11/6/2012	267	500 mil m <sup>2</sup>
Porto	26/12/2012	267	1.000 mil m <sup>2</sup>
Total	–	2280	5.546 mil m <sup>2</sup>

A proporção de guardas por habitante foi, em decorrência do programa, fortemente ampliada nas áreas contempladas. Na UOP da Tijuca, por exemplo, o contingente diário de guardas municipais nas ruas passou de 15 para 70 e no Centro de quatro para 160, além de ter sido garantido o patrulhamento 24h por dia, sete dias por semana.

O programa desenvolvido pela Prefeitura tinha como foco um dos aspectos mais sensíveis da cidade, e que tem dificultado ao longo das últimas três décadas de forma direta, sua capacidade de atrair empresas, turistas e mão de obra qualificada: apesar de ser uma cidade amena por natureza, a cidade é particularmente desordenada e violenta. Mesmo após as significativas melhoras obtidas com a política de pacificação do Governo do Estado, a cidade do Rio de Janeiro apresenta taxas de homicídio acima de muito elevadas para a população em geral e principalmente para o grupo etário mais jovem [24]. A política municipal de ordem pública adotada a partir de 2009 pela Prefeitura do Rio de Janeiro reivindicou de forma direta a responsabilidade do município diante dos problemas de desordem urbana que contribuem para degradar a qualidade de vida na cidade e para torná-la menos atraente para investidores e como destino turístico nacional e internacional.

O projeto articulou pesquisadores do Núcleo de Pesquisa de Políticas Públicas (NUPPs), gestores municipais da Secretaria da Casa Civil (durante a fase de incubação do projeto em 2010) e da Secretaria Municipal da Ordem Pública (SEOP) com o objetivo de produzir inovações destinadas ao sistema de segurança e ordem pública municipal. O artigo apresentado a seguir reflete, dessa forma, a construção de um espaço de interlocução em que pessoas com diferentes trajetórias profissionais compartilharam experiências e projetos com o objetivo de produzir conhecimentos úteis para o desenho e aplicação de políticas públicas de caráter inovador.

## ANTECEDENTES E MECANISMOS CAUSAIS

Durante a redemocratização do país na década de 80, o Brasil parecia seguir uma trajetória análoga a dos EUA na década de 1960, no que diz respeito à forma como a sociedade e os governos enquadravam as políticas de ordem pública e de controle do crime. O clima político no Brasil dos anos de 1980 limitava as escolhas políticas nessas áreas, em parte porque a sociedade deparava-se com a tarefa de reorganização das instituições policiais diante do risco percebido de que persistissem na nova fase democrática, a cultura e as práticas sociais autoritárias dessas instituições [1]. Duas décadas antes, nos EUA, observa-se um movimento análogo de questionamento dos padrões de atuação da polícia e do sistema de justiça criminal frente à forte expansão dos protestos políticos principalmente motivados pela rejeição à guerra do Vietnã e pela emergência dos movimentos de contracultura. É possível afirmar que esses movimentos de democratização, tanto nos EUA quanto no Brasil, afetaram diretamente o funcionamento do sistema de justiça criminal, em particular a forma como era realizado o trabalho da polícia, no sentido de limitar o escopo de atuação da polícia diante dos pequenos delitos e dos atos considerados de incivilidade. Nos Estados Unidos, e em menor escala na Europa, foi observado, no entanto, uma profunda inflexão nas estratégias de policiamento nas décadas de 1980 e 1990 e o tema do “policiamento de desordem” apareceu como um conceito importante na agenda de políticas públicas de segurança e novas legislações e políticas foram criadas com o objetivo de conter o problema [18]. Os casos mais conhecidos são o ordenamento do metrô de Nova York, no início dos anos 1990, e a redução dos crimes na mesma cidade a partir de meados da mesma década [19]. É possível citar ainda a legislação britânica do *Anti-Social Behavior Order* (ASBO), de 1998, e do *Acceptable Behavior Contracts* (ABCs) [7]. Na América Latina a experiência de Bogotá teve grande repercussão regional [20] e, no Brasil, a cidade de Diadema adotou políticas locais agressivas de controle da desordem, o que provavelmente contribuiu para que o município deixasse o grupo dos municípios mais violentos do país em menos de dez anos [16]. O município apresentava em 2010 uma taxa de homicídios de 23,5 por 100 mil habitantes contra uma taxa nacional de 29,8 [24].

Consoante com o movimento observado na esfera política, a visão dominante entre os especialistas acadêmicos até a década de 90 não conferia às forças de segurança e ordem pública qualquer atribuição clara no controle dos pequenos delitos e

comportamentos antissociais. Ao contrário, a polícia deveria priorizar as ações contra os “grandes crimes”, como o tráfico de drogas e o crime organizado [19]. No entanto, nas duas últimas décadas, o problema da desordem atingiu com força os principais centros urbanos do país e hoje é possível afirmar que o problema passou de uma situação de invisibilidade para a condição de tema prioritário. Criminólogos e cientistas sociais voltaram a se interessar pelo problema da desordem e produziram um intenso debate, fundamental para o desenho e avaliação das políticas públicas na área, com visões diferentes sobre suas causas e mecanismos de controle [4, 8, 12, 13, 15, 18, 23].

A pesquisa acadêmica no campo das Ciências Sociais e Humanas na qual o presente trabalho se inspira tem contribuído para expandir a visão sobre o papel que as políticas de controle da desordem (principalmente quando combinadas a iniciativas de revitalização urbana) podem colaborar para a solução de problemas como o controle do crime e o desenvolvimento econômico das cidades, na medida em que alteram o ambiente urbano e seus padrões de uso. A política de ordenamento público seguida pela Cidade do Rio de Janeiro, aqui descrita, foi diretamente inspirada na literatura que avalia a relação entre desordem e crime e que demonstrou ter utilidade na formulação e desenvolvimento de políticas públicas locais em uma cidade como o Rio de Janeiro.

A desordem é importante não apenas por seu papel no processo que conduz à redução do crime, mas porque afeta outra dimensão muito importante da vida comunitária: o medo do crime e a sensação de insegurança dos residentes [5]. Este é um tema bastante explorado na criminologia e as evidências acumuladas indicam que a desordem e o medo do crime estão fortemente ligados [22, 23].

Indivíduos e grupos afetados pela desordem podem reagir de diferentes formas. Podem protestar contra a situação e decidir coletivamente mudar o que ocorre em suas comunidades, ou podem escolher o êxodo, a migração. A saída, no sentido proposto por Hirschman, é uma opção diante do peso e da sensação de impotência frente a um estado de coisas que parece impossível de ser alterado por meio da participação política [6]. Este é o ponto em que os efeitos da desordem são culminantes. As praças e ruas mais afetadas são em geral evitadas e, quando o problema atinge os núcleos dos bairros residenciais, seus efeitos podem levar à queda do valor dos imóveis e dos aluguéis nas áreas onde se concentra a desordem. A desordem tem ainda um efeito social negativo, pois afeta mais intensamente os grupos de menor renda\*.

Pesquisas de opinião pública realizadas com a população do município do Rio de Janeiro e outras realizadas especificamente nos bairros que receberam Unidades de Ordem Pública mostram que parcela expressiva da população avalia negativamente a qualidade dos espaços urbanos da cidade. Entre fevereiro de 2011 e abril de 2013 foram realizadas 20 pesquisas de opinião com moradores de nove bairros da cidade que receberam unidades de ordem pública e em 17 dos 20 levantamentos realizados, problemas de segurança e ordem pública foram apontados como os mais importantes

---

\*Um bom exemplo desse problema pode ser encontrado nas favelas do Rio de Janeiro. Na medida em que os imóveis nessas áreas não têm registro reconhecido, isso impacta negativamente o preço desses imóveis, tornando precário o processo de transmissão de propriedade e, conseqüentemente, o potencial de migração de seus moradores [2].

nos respectivos bairros, à frente dos problemas de trânsito e transporte, saúde e educação. Outro fator que também tem contribuído muito para a mudança na percepção da importância dos problemas de desordem é a concentração de grande número de usuários de crack em diversas áreas da cidade. Ao contrário de São Paulo, no Rio de Janeiro, há uma disseminação dos pontos de consumo (em praças, ruas menos iluminadas e policiadas, terrenos abandonados etc.) em vários bairros da cidade.

O programa das Unidades de Ordem Pública foi também fortemente inspirado – do ponto de vista operacional e na definição dos critérios de alocação do efetivo da Guarda Municipal – nos programas de “*hot spots policing*”, que enfatizam a importância do policiamento nos pontos sensíveis com alta concentração de crimes e que têm foco em áreas pequenas e bem definidas. Os resultados de experiências de policiamento de *hot spots* são analisados por Weisburd e Braga [1] e pelo Committee to Review Research on Policy and Practices da National Academy of Science dos EUA [1].

As duas lógicas combinadas, dos programas de “policiamento de desordem” e de “policiamento de *hot spot*”, ofereceram a possibilidade de realizar inovações que envolveram os procedimentos operacionais da Guarda Municipal, os instrumentos de gestão da Secretaria de Ordem Pública e da GM (por exemplo, a construção de painéis de indicadores desempenho e a gestão por resultado), o treinamento dos guardas municipais e uso de novas tecnologias nas atividades de patrulhamento e controle de problemas de desordem. O programa de criação das Unidades de Ordem Pública não foi pensado como uma política abrangente de reformas ou de mudanças, mas sim um conjunto de pequenas inovações articuladas que modificaram diferentes aspectos do trabalho da Guarda Municipal e dos órgãos de fiscalização e controle da Secretaria Municipal da Ordem Pública. Esses processos e a forma como as inovações foram desenvolvidas serão detalhados no item a seguir do artigo.

A ideia básica do programa era desenvolver a competência da Guarda Municipal para realizar o patrulhamento ostensivo de forma contínua nos centros dos bairros com o objetivo de modificar seus atributos físicos, demandando de outros órgãos da própria Prefeitura ou do Governo do Estado, por exemplo, a melhoria dos serviços de iluminação, do sistema de trânsito, podas de árvores, sinalizações para pedestres, entre outras ações que visavam diminuir a prevalência da desordem física no bairro, bem como modificar os padrões de utilização dessas áreas, reduzindo, por exemplo, a venda por ambulantes de produtos contrafeitos ou em desacordo com normas sanitárias, a ocupação indevida de calçadas por mesas e cadeiras de bares e restaurantes, além de coibir atos de incivilidade em áreas públicas (consumo aberto de drogas, ocupação de praças para cozinhar ou como banheiro etc.). O primeiro desafio para a execução do programa foi, portanto, o desenvolvimento de competências operacionais na Guarda Municipal e na Secretaria Municipal da Ordem Pública para executar tarefas que até o início do programa não faziam parte das atribuições e das rotinas dessas instituições.

## A LÓGICA DAS UNIDADES DE ORDEM PÚBLICA

O município do Rio de Janeiro desenvolveu a partir de 2009 uma estrutura institucional própria para lidar com os problemas de segurança e ordem pública. A Secretaria Especial de Ordem Pública (SEOP) foi criada em 2009\*\* com a vinculação da Coordenação de Licenciamento e Fiscalização, a Coordenação de Controle Urbano, a Coordenação de Fiscalização de Estacionamentos e Reboques e a Guarda Municipal. No seu primeiro ano de funcionamento, a SEOP, concentrou seus esforços na realização do programa *Choque de Ordem* com o objetivo de desenvolver ações de ordenamento e fiscalização de posturas de alguns problemas sensíveis da cidade como o comércio ambulante nas praias e no Maracanã e os estacionamentos irregulares, entre outros. Não havia no programa *Choque de Ordem* uma preocupação definida com a distribuição territorial das atividades de fiscalização, nem mesmo com a continuidade das atividades de fiscalização dos problemas priorizados. O programa visava, dessa forma, atacar e desestruturar, por meio de ações pontuais de choque de fiscalização, controle e de intervenções de ordenamento físico, práticas individuais e coletivas em desconformidade com os códigos e posturas municipais.

O programa das Unidades de Ordem Pública (UOPs) representou um desenvolvimento da política de ordem pública do município na medida em que permitiu realizar intervenções permanentes em áreas degradadas ou fortemente afetadas por problemas de desordem com o objetivo de recuperar a qualidade urbana dessas áreas. A Guarda Municipal do Rio de Janeiro foi o principal agente público responsável pelas ações de ordenamento no âmbito das UOPs, que contou ainda com a participação dos demais órgãos de fiscalização e ordenamento urbano do município, como a Coordenação de Licenciamento e Fiscalização e a Coordenação de Controle Urbano.

O programa das UOPs apresentava cinco características básicas que serão analisadas a seguir. As UOPs: 1) Cobrem áreas delimitadas e com características específicas (alta concentração de desordem, centros comerciais de bairros, áreas em processo de revitalização); 2) Contam com um sistema de gestão por resultado, com metas e indicadores de desempenho para cada UOP; 3) Estimulam a ação coordenada dos órgãos públicos de conservação, assistência social e ordem pública; 4) Utilizam tecnologia de ponta, como por exemplo, guardas com *smartphones*, Salas de Vigilância Eletrônica (SaVE's) e mapas com dados de ocorrência georeferenciados; 5) Dispõem de guardas municipais especialmente treinados para a tarefa. O currículo e o curso de formação foram inteiramente reestruturados com o objetivo de formar um guarda municipal mais proativo e qualificado para a tarefa de ordenamento urbano.

### Características das Áreas

As áreas que receberam UOPs têm alta utilização pela população e são centros de bairro de importância econômica, turística ou recreativa. As UOPs tiveram seus

---

\*\*Decreto Municipal do Rio de Janeiro, nº 30339 de 1 de janeiro de 2009.

perímetros delimitados em função das manchas (*hot spots*) de desordem identificadas com base no georreferenciamento de ocorrências registradas pela Guarda Municipal.

### Sistema de Gestão

O sistema de gestão por desempenho com metas e indicadores operacionais visava estimular a Guarda Municipal a trabalhar de forma mais eficiente e segundo uma lógica gerencial agressiva. O sistema de gestão desenvolvido tinha por base seis indicadores que permitiam o monitoramento de metas para os guardas municipais e fiscais da Secretaria Municipal da Ordem Pública. O sistema de gestão adotado seguiu o modelo da experiência pioneira no âmbito do sistema de justiça criminal de gestão por resultado, o COMPSTAT\*\*\* da polícia de Nova York.

### Recursos Tecnológicos

Os guardas municipais que atuam nas UOPs foram equipados com smartphones com quatro sistemas embarcados: 1) Recebimento de demandas da população; 2) registro de ocorrência; 3) coleta de informações a serem repassadas a outros órgãos; 4) multas de trânsito. Cada UOP conta com uma Sala local de Vigilância Eletrônica (sala SAVE) ligada ao serviço 1746 da Prefeitura (número único de chamada para os cidadãos) onde é possível visualizar o posicionamento dos guardas no terreno a partir do dispositivo de GPS dos smartphones. Cada dupla de guardas é equipada ainda com rádios de comunicação. Recurso disponível também nas viaturas e motos empregadas no patrulhamento.

### Treinamento

O treinamento dos guardas municipais foi integralmente remodelado a partir de 2009. Foram desenvolvidos protocolos técnicos com Procedimentos Operacionais Padrão (POPs) que normatizam as ações de fiscalização e controle e o uso de tecnologia. Houve também uma mudança legal feita por meio de resolução do Secretário de ordem pública, a qual atribuiu à GM a função de principal agente de controle e fiscalização das posturas municipais (resolução específica para as áreas das UOPs). Os guardas municipais tiveram suas atribuições expandidas e ficaram encarregados de identificar, combater e comunicar aos órgãos responsáveis pela autuação, os casos de desordem nas áreas das UOPs. O novo treinamento enfatizava a necessidade do guarda municipal ter uma postura proativa diante de qualquer situação de desordem ou de manifestação de comportamento antissocial, desde que não houvesse risco de confronto armado imediato. Foi criada ainda uma escola de formação de líderes na

---

\*\*\*A experiência do COMPSTAT foi avaliada como uma experiência capaz de quebrar as barreiras de comunicação entre os departamentos de polícia e gerar uma atitude proativa dos policiais na base do sistema [17].

qual são recrutados e treinados os inspetores encarregados das UOPs.

### Procedimentos Operacionais Padronizados

O efetivo da Guarda Municipal empregado nas UOPs foi recrutado e submetido a um treinamento específico\*\*\*\* e foram estabelecidos guias com novos Procedimentos Operacionais Padronizados para as intervenções da GM (por exemplo, para lidar com ambulantes, população em situação de rua, obstruções de vias, estacionamentos irregulares etc.), para o atendimento ao público e para a notificação de irregularidades a outros órgãos da prefeitura.

## RESULTADOS: PRIMEIRAS EVIDÊNCIAS

O programa das Unidades de Ordem Pública tinha objetivos específicos. Em primeiro lugar, pretendia promover uma mudança no padrão de uso dos espaços públicos na cidade (espaço público mais ordenado e acolhedor) e dessa forma promover o aumento da sensação de segurança de moradores e usuários das áreas consideradas no programa (melhoria da sensação de segurança). Em segundo, visava testar e consolidar um novo modelo operacional para a Guarda Municipal (autonomia do gestor de área com avaliação de desempenho). Por fim, procurava atender à população de forma mais ágil e com qualidade (adequação e capacidade de resposta ao público).

O programa contava com duas fontes principais de informação que permitiam avaliar em que medida esses objetivos eram alcançados: 1) pesquisas regulares com o público realizadas por um instituto de pesquisa independente e com base em amostras de moradores e usuários que eram rigorosamente controladas; e 2) indicadores operacionais (atendimentos, ocorrências, tempo de atendimento, uso de tecnologia móvel pelos guardas, etc.). A Tabela 2 a seguir apresenta os resultados da UOP mais antiga em funcionamento (Tijuca) com os resultados antes da implantação do programa, logo após a implantação e um ano após a implantação. As mudanças observadas foram todas na direção esperada no primeiro ano de funcionamento do programa até abril de 2012. A sensação de segurança durante o dia ou a noite aumentou e os quatro problemas de desordem monitorados diminuíram. Problemas como barulho tarde da noite, por exemplo, diminuíram 25 pontos percentuais entre fevereiro de 2011 (antes da intervenção) e abril de 2012. Houve também um aumento significativo na percepção do público quanto ao preparo dos guardas municipais.

---

\*\*\*\*Foi elaborado um novo currículo para o curso de formação de guardas e uma empresa de treinamento externa foi contratada para preparar o material didático.

**Tabela 2 – Avaliação das UOPs pelo público residente e usuário da área (UOP Tijuca).**

ITEM AVALIADO	PAINEL DA PESQUISA					
	fev/11	abr/11	mai/11	abr/12	abr/13	abr/14
Afirmam ter medo ao andar na rua durante o dia	40%	27,3%	20%	19%	40,5%	73,7%
Afirmam ter medo ao andar na rua durante a noite	9,5%	4,8%	5,9%	1,5%	5,5%	34,5%
Depara-se quase todos os dias com barulho até tarde da noite	27,2%	12%	9%	1,9%	15%	31,6%
Depara-se todos os dias com camelôs	51%	36%	15%	9,5%	13%	40,2%
Depara-se todos os dias com carros estacionados nas calçadas	57,7%	35,5%	20%	8,4%	22,5%	50,7%
Depara-se todos os dias com mesas de bares nas calçadas	40,1%	20,8%	18,6%	16,5%	19,5%	34,9%
Considera adequado o número de guardas municipais na área	39,5%	42,9%	56,1%	75,2%	46%	20,6%
Considera que os guardas municipais estão bem preparados	24%	28,6%	37,6%	56,4%	45,5%	22,3%

Observações sobre pesquisa de opinião: pesquisa realizada pelos institutos Idea (fev. e abr. de 2011) e Olhar (maio) para a Prefeitura da Cidade do Rio de Janeiro com moradores ou pessoas que trabalham na região da Tijuca em estudo, acima de 16 anos.

1º levantamento - fevereiro de 2011: 200 entrevistas      4º levantamento - fevereiro de 2012: 202 entrevistas  
2º levantamento - abril de 2011: 231 entrevistas      5º levantamento - abril de 2013: 200 entrevistas  
3º levantamento - maio de 2011: 205 entrevistas      6º levantamento - abril de 2014: 209 entrevistas

Além de monitorar a percepção dos moradores sobre o programa, a SEOP desenvolveu um painel com quatro indicadores básicos que permitiam acompanhar as solicitações feitas pelo público à central de atendimento 1746\*\*\*\*. Com base em informações da Central de Atendimento foi possível monitorar aspectos como o percentual de solicitações atendidas pela GM e o tempo de atendimento. Informações

\*\*\*\*A Prefeitura da Cidade do Rio de Janeiro criou em março de 2011 a *Central de Atendimento ao Cidadão*. Todos os números de serviços municipais foram desligados (inclusive o número 153 da Guarda Municipal) e unificados em uma única central de atendimento. A organização da central de atendimento permitiu o desenvolvimento de indicadores de desempenho como os que foram utilizados pela SEOP para a gestão das UOPs (Tabela 2). Processos semelhantes aconteceram em outras secretarias municipais.

provenientes da própria GM permitiram acompanhar o percentual de guardas que estavam “logados” à rede de serviços com seus *smartphones* (um indicador de prontidão e presença no terreno). Esses quatro indicadores eram monitorados mensalmente no nível de cada UOP.

Entre esses indicadores de desempenho, destacamos a importância do tempo médio de atendimento das solicitações do público pela Guarda Municipal. Em 2010 o tempo médio de atendimento a uma solicitação era de 5 horas e foi reduzido para 20 minutos após o primeiro ano de funcionamento do programa.

Apesar dos bons resultados, o programa enfrentou desafios ligados à consolidação de seu modelo operacional e de gestão no âmbito da Guarda Municipal e da própria Secretaria Municipal de Ordem Pública onde estava abrigado. Como em qualquer programa inovador de política pública, sua consolidação e ampliação dependem do desenvolvimento de mecanismos de controle externos e internos e de indução do trabalho de policiamento, por meio de metas e monitoramento de resultados.

A etapa desenhada para a continuidade do programa prevê quatro iniciativas capazes de fomentar a eficiência e a eficácia do programa. A primeira é a criação de um sistema de controle de qualidade com o levantamento direto de informações sobre os níveis de desordem nas áreas de UOPs por meio da aplicação da metodologia da observação social sistemática [10, 11]. A segunda frente seria um aumento da transparência da agenda de ordenamento realizada pela SEOP com a participação popular no controle das atividades da Guarda Municipal. E a terceira seria o estabelecimento de um sistema de pagamento de prêmios por desempenho associados aos resultados alcançados por cada Unidade de Ordem Pública. Por fim, há um problema de equidade na distribuição dos serviços da GM que foi criado com a implantação das UOPs. Com a implantação do programa, foram retirados guardas com função de supervisão e comando de outras unidades da GM, desfalcando o serviço à população nas áreas da cidade não atendidas pelo programa. Para corrigir o déficit de guardas, principalmente em funções de comando, será preciso investir na capacitação e no desenvolvimento de novos modelos operacionais para que o efetivo das UOPs seja gradativamente reduzido, mantendo-se o mesmo padrão de ordenamento alcançado (ganhos de eficiência).

Além desses desafios, a política das UOPs enfrenta a competição dos grandes eventos na cidade, nos quais a Guarda Municipal tem um papel de destaque por atuar no controle de trânsito, no controle urbano e no apoio à segurança pública. Os recursos direcionados para atender às necessidades dos grandes eventos abrigados na cidade contribuem para enfraquecer o programa, pois comprometem um de seus elementos centrais, a autonomia dos inspetores responsáveis pelas UOPs na gestão dos recursos necessários para o ordenamento urbano. O próprio inspetor de UOP é, por vezes, designado a assumir comandos durante o período de eventos como o Carnaval, o *Rock in Rio*, a Copa das Confederações, a Jornada Mundial da Juventude e a Copa do Mundo. Outro processo exógeno que tem afetado negativamente o funcionamento das UOPs são as grandes obras de infraestrutura viária que estão sendo realizadas para as Olimpíadas. O sistema de BRT (BRT Transcarioca), inaugurado em 2014, demandou aproximadamente 500 guardas municipais para o serviço de segurança nas estações e controle do trânsito no entorno.

As UOPs permitiram ao poder público local desenvolver um “teste piloto”, envolvendo as regras e normas que regulam diversos aspectos das operações de ordenamento urbano. Esse piloto diminuirá potencialmente o custo das negociações entre os interesses afetados quando as intervenções conduzidas no âmbito restrito das UOPs forem efetivamente adotadas no conjunto do município. Os resultados acumulados deixam claro que o programa contribuiu para ampliar o repertório de políticas públicas sobre a gestão local da segurança, um tema que certamente desafia gestores e que provavelmente motivará novas pesquisas.

## REFERÊNCIAS

- [1] CARDIA, N. O medo da polícia e as graves violações dos direitos humanos. **Tempo Social**, n. 9(1), pp. 249-265, 1997.
- [2] CASTRO, P. R. **Galo cantou: A conquista da propriedade pelos moradores do Cantagalo**. Rio de Janeiro: Editora Record, 2011.
- [3] COMMITTEE TO REVIEW RESEARCH ON POLICY AND PRACTICES. **Fairness and effectiveness in policing: The evidence**. Washington, DC: National Academies Press, 2004.
- [4] GANNON-ROWLEY, T.; MORENOFF, J. D.; SAMPSON, J. R. Assessing neighborhood effects: Social processes and new directions in research. Palo Alto, CA: **Annual Review of Sociology**, v. 28, pp. 443-478, 2002.
- [5] GAROFALO, J. The fear of crime: Causes and Consequences. **Journal of Criminal Law and Criminology**, v. 72, n. 2, pp. 839-857. 1981.
- [6] HIRSCHMAN, A. 1973. **Saída, voz e lealdade**. São Paulo: Perspectiva.
- [7] HOME OFFICE. **A guide to anti-social behaviour orders and acceptable behaviour contracts**. Disponível em: <<http://webarchive.nationalarchives.gov.uk/20100413151441/http://crimereduction.homeoffice.gov.uk/asbos/asbos9.pdf>>. Acesso em: 11 jul. 2014.
- [8] KELLING, G. L.; COLE, C. **Fixing broking windows: Restoring order and reducing crime in our communities**. New York: Free Press, 1996.
- [9] PREFEITURA DA CIDADE DO RIO DE JANEIRO, 2011. **Rio pós 2016: O Rio mais integrado e competitivo**. Rio de Janeiro, PCRJ, pp. 1-240. Disponível em: <<http://www.rio.rj.gov.br/planoestrategico/>>. Acesso em: 11 jul. 2014.
- [10] RAUDENBUSH, S. W. The quantitative assessment of neighborhood social environments. In: KAWACHI, I.; BERKMAN, L. (Ed). **Neighborhoods and Health**. New York, NY: Oxford University Press, pp. 112-131, 2003.
- [11] RAUDENBUSH, S.; SAMPSON, R. J. Ecometrics: Toward a science of assessing ecological settings, with application to the systematic social observation of neighborhoods. **Sociological Methodology**, 29, pp. 1-41, 1999.
- [12] SAMPSON, R.; RAUDENBUSH, S. W. Seeing disorder: Neighborhood stigma and the social construction of 'broken windows. In: **LOCAL, Social Psychology Quarterly**. v. 67, n. 4,3, pp. 19-342, 2004.
- [13] SAMPSON, R.; RAUDENBUSH, S. **Disorder in urban neighborhoods:**

- Does it lead to crime?**. US Department of Justice, 2001. Disponível em: <www.ojp.usdoj.gov>.
- [14] SAMPSON, R.; RAUDENBUSH, S. Systematic social observation of public spaces: A new look at disorder in urban neighborhoods. **The American Journal of Sociology**, v. 105, n. 3, pp. 603-651, 1999.
- [15] SAMPSON, R.; GROVES, W. B. Community structure and crime: Testing social-disorganization theory. Chicago: **The American Journal of Sociology**, v. 94, n. 4, pp. 774-802, 1989.
- [16] SÉ, J. T. S. **Prevenção da violência: O papel das cidades**. São Paulo: Editora Record, 2005.
- [17] SILVERMAN, E. B. The COMPSTAT Innovation. In: WEISBURD, D.; BRAGA, A. (ed.). **Police innovation: Contrasting perspectives**. Cambridge: Cambridge University Press, 2006.
- [18] SKOGAN, L. **Disorder and decline: Crime and the spiral of decay in american neighborhoods**. Berkley: University of California Press, 1990.
- [19] SOUSA, W. H.; KELLING, G. L. Of broken window, criminology, and criminal justice. In: WEISBURD, D; BRAGA, A. (Orgs.): **Police innovation: Contrasting perspectives**. Cambridge: Cambridge University Press, pp. 77-97, 2006.
- [20] SUÁREZ, C. Políticas de renovação urbana no centro histórico de Bogotá, Colômbia (1998-2007). **Revista Brasileira de Estudos Urbanos e Regionais**, v. 14, jul., pp. 147-168, 2013.
- [21] TAYLOR, R. Incivilities reducing policing, zero tolerance, and the retreat from coproduction: weak foundations and strong pressures. In: WEISBURD, D; BRAGA, A. (Orgs.). **Police innovation: Contrasting perspectives**. Cambridge: Cambridge University Press. pp. 98-116, 2006.
- [22] VILLARREAL, A.; SILVA, B. F. A. Social cohesion, criminal victimization and perceived risk of crime in brazilian neighborhoods. **Social Forces**, v. 84, n. 3, pp. 1725-1753, 2006.
- [23] WILSON, J. Q.; KELLING, G.L. Broking windows: The police and neighborhood safety. **The Atlantic Monthly**, mar., pp. 29-38, 1982.
- [24] WAISELFISZ, J. J. **Mapa da violência 2013**. Centro Brasileiro de Estudos Latino-Americanos, 2013. Disponível em: <[http://www.mapadaviolencia.org.br/pdf2013/MapaViolencia2013\\_armas.pdf](http://www.mapadaviolencia.org.br/pdf2013/MapaViolencia2013_armas.pdf)>. Acesso em: 11 jul. de 2014.
- [25] WEISBURD, D.; BRAGA, A. Hot spot policing as a model. In: **Police innovation: Contrasting perspectives**. In: WEISBURD, D.; BRAGA, A. (ed.). Cambridge: Cambridge University Press, pp. 132-154, 2006.

**LEANDRO PIQUET CARNEIRO** professor do Instituto de Relações Internacionais e pesquisador do Núcleo de Pesquisa de Políticas Públicas da Universidade de São Paulo (NUPPs-USP) – e-mail: [lpiquet@usp.br](mailto:lpiquet@usp.br)

**BRUNO BONDAROVSKY** subsecretário de Planejamento e Gestão Estratégica da Secretaria Municipal de Ordem Pública da Cidade do Rio de Janeiro



# Saúde e Bem-estar na Obesidade: Paradoxo ou Possibilidade?

Health and Wellness in Obesity: Paradox or Possibility?

## RESUMO

O presente artigo relata, brevemente, a história de um curso comunitário destinado a oferecer intervenções não farmacológicas a mulheres com excesso de peso. Ênfase é dada ao formato atual do curso, que conta com equipe multidisciplinar na área de Saúde apta a oferecer suporte amplo à mulher obesa que encontra dificuldade para se enquadrar o padrão de beleza requerido pela sociedade. Em nosso curso, propomos um programa centrado na saúde e na qualidade de vida do indivíduo obeso, sem foco na perda de peso, de acordo com os princípios da filosofia *Health at Every Size*. Os resultados qualitativos preliminares indicam que tal abordagem é promissora, oferecendo aos profissionais de saúde uma alternativa à proposta vigente de “perda de peso a qualquer custo”. Os avanços no ensino, na pesquisa e na extensão associados ao curso também são discutidos ao longo do artigo.

**Palavras-chave:** Sobrepeso. Exercício. Nutrição. Filosofia. Qualidade de Vida.

## ABSTRACT

The present manuscript briefly reports on the history of a community program aimed to provide non-pharmacological interventions to overweight women. Focus is given to the current format of the program, which presents a multidisciplinary health team able to providing full support to the obese woman who faces trouble to find the society's beauty standards. In our program, we propose a health and quality of life-oriented approach, without a focus on weight loss, following the philosophical principles from *Health at Every Size*. The quantitative and qualitative findings reveal that such approach is promising and may provide an alternative mode of intervention to the traditional one, which is focused on the concept of "weight loss at any cost". The advances on teaching, research and community services will be also addressed throughout the manuscript.

MARIANA D. ULIAN E  
FERNANDA B.  
SCAGLIUSI

Universidade de São Paulo.  
Faculdade de Saúde Pública,  
São Paulo, Brasil

PRISCILA DE MORAIS  
SATO

Universidade Federal de São  
Paulo. Instituto de Saúde e  
Sociedade, São Paulo, Brasil

BRUNO T. MODESTO,  
FABIANA B. BENATTI E  
BRUNO GUALANO

Universidade de São Paulo.  
Escola de Educação Física e  
Esporte, São Paulo, Brasil

ODILON J. ROBLE

Universidade de Campinas.  
Faculdade de Educação Física,  
São Paulo, Brasil

RAMIRO FERNANDEZ  
UNSAIN

Universidad Nacional de Buenos  
Aires. Facultad de Filosofía y Letras,  
Buenos Aires,  
Argentina

**Keywords:** Overweigh. Exercise. Nutrition. Philosophy. Quality of Life.

## INTRODUÇÃO

Há aproximadamente duas décadas, a Escola de Educação Física e Esporte da Universidade de São Paulo (EEFE-USP) abriga um tradicional curso comunitário destinado a oferecer atendimento nutricional e prescrição de exercícios a indivíduos obesos. Tal curso foi criado pelo professor Antonio Herbert Lancha Junior em 1995, sendo originalmente denominado *Atividade física e controle alimentar para pessoas obesas*. O programa tinha como foco a perda de peso corporal por meio de dietas restritivas – prescritas por nutricionistas da equipe – e treinamento físico supervisionado, realizado nas dependências da EEFE-USP.

O curso comunitário sempre serviu bem o propósito de aliar o ensino e a pesquisa à extensão universitária. Ao longo dos anos, foram diversos alunos de graduação e pós-graduação que se valeram da estrutura do curso para a coleta de dados e produção científica. Em 2011, o professor Bruno Gualano assumiu a coordenação do curso e, ao lado do professor Lancha Junior, iniciou uma necessária e profunda repaginação dos serviços prestados. A intenção era oferecer às participantes um maior período de acompanhamento, já que, findo o curso semestral, não havia possibilidade de renovação de matrícula, forçando-as a buscarem – frequentemente sem sucesso – outros centros que oferecessem atendimento similar. Sendo assim, a primeira providência foi ampliar o período de seguimento para, no mínimo, um ano, com possibilidade de renovação adicional em caso de necessidade e de vagas remanescentes.

Em segundo lugar, de modo a usufruir cientificamente do novo modelo do curso, planejou-se estudos de longo prazo a fim de avaliar os efeitos crônicos da intervenção proposta. No entanto, a ineficácia das dietas restritivas em longo prazo é bem documentada na literatura, pois possui baixa aderência e, frequentemente, leva à perda excessiva de massa magra e a recuperação do peso perdido em 95% dos casos [1, 4, 6]. Além disso, tais dietas – e, em especial, o inexorável fracasso em segui-las por um longo período – são associados com o sentimento de culpa, sintomas depressivos, insatisfação com o corpo, compulsões alimentares e transtornos alimentares. De fato, a equipe sofreu grande influência de uma filosofia conhecida como *Health at Every Size*, segundo a qual o peso saudável é definido como aquele que o indivíduo estabelece ao longo de sua vida ao ter um estilo de vida mais satisfatório [2, 4]. Essa filosofia tem como objetivo encorajar comportamentos saudáveis para pessoas de todos os “tamanhos” corporais, sendo a perda de peso uma consequência ou não desse processo. A filosofia *Health at Every Size* é pautada por cinco princípios, a saber: 1) reconhecer que a saúde e bem-estar são multidimensionais e incluem aspectos emocionais, físicos, espirituais e intelectuais; 2) encorajar a construção de uma imagem corporal positiva; 3) aceitar e respeitar a diversidade de tamanhos e formatos corporais; 4) promover uma alimentação que equilibre necessidades nutricionais individuais, além de aspectos como fome, saciedade, apetite e prazer e; 5) promover atividades físicas prazerosas e sustentáveis [7].

Atraídos por essa linha de atuação, o curso foi reformulado de maneira a oferecer ao aluno um programa que escapasse do paradigma da "perda de peso a qualquer custo", e, em vez disso, visasse melhorar a saúde geral e a qualidade de vida do participante. Para tanto, passou-se a adotar uma intervenção pautada nos moldes da Clínica Ampliada e Compartilhada [3]. A partir desse modelo, é possível depreender que diferentes abordagens profissionais se complementam, permitindo que distintos enfoques, disciplinas e instrumentos sejam incluídos e articulados. Visa-se, pois, à compreensão ampliada do processo saúde-doença em oposição a intervenções pontuais e isoladas; além disso, procura-se promover autonomia e protagonismo dos sujeitos participantes. A Clínica Ampliada e Compartilhada encoraja o estabelecimento de vínculo e entendimento do contexto de vida do participante e, dessa forma, demanda flexibilidade dos profissionais envolvidos [3].

Em 2013, conduziu-se a primeira versão revisada do curso comunitário. Objetivava-se, com este artigo, discorrer sobre a nova metodologia científica e os princípios filosóficos norteadores desenvolvidos para o *programa de intervenção*, bem como destacar os resultados qualitativos preliminares obtidos, com ênfase nos avanços detectáveis nos âmbitos do ensino, da pesquisa e da extensão.

## MÉTODOS

Do ponto de vista científico, trata-se de uma intervenção longitudinal, prospectiva e quasi-experimental. Foram selecionadas 30 mulheres com idade entre 25 e 50 anos e com um Índice de Massa Corporal (IMC) acima de 30 kg/m<sup>2</sup>. Outros critérios de inclusão foram os seguintes: não ter *diabetes mellitus* 1 e 2, não realizar acompanhamento nutricional fora da intervenção e não usar remédios para emagrecimento. As características antropométricas das participantes são ilustradas na Tabela 1. O curso teve início em agosto de 2012 e terminou em agosto de 2013. Das trinta participantes selecionadas inicialmente, 14 concluíram a intervenção. As desistências foram motivadas por razões pessoais.

**Tabela 1** – Características antropométricas de 14 mulheres obesas que participaram do estudo.

VARIÁVEL	MÉDIA	DESVIO PADRÃO	VALORES MÍNIMOS E MÁXIMOS
Idade (anos)	40,6	7,1	30 - 49
Peso corporal (kg)	97,0	16,4	75,3 - 139
Índice de massa corporal (kg/m <sup>2</sup> )	37,1	5,7	30,9 - 47,4

Circunferência da cintura (cm)	112,9	12,3	93,7 - 133,5
Circunferência do quadril (cm)	127,4	14,6	107 - 149
Massa gorda* (kg)	43,5	4,6	36,5 - 50,5
Massa gorda* (%)	42,1	11,0	29,8 - 67,5
Massa magra* (%)	53,8	7,0	45,4 - 72,4

\* Avaliadas pelo método de pesagem hidrostática.

As participantes realizaram atividade física três vezes por semana e atendimento nutricional individual quinzenalmente. Além disso, participaram de cinco oficinas filosóficas ao longo da intervenção. As atividades físicas incluíram exercícios aeróbicos sistematizados, atividades lúdicas, jogos esportivos e treinamento de força. As aulas foram ministradas por um professor-coordenador e por alunos de graduação da EEFE-USP, na qualidade de monitores do curso. As oficinas filosóficas empregaram conceitos básicos de filosofia e estimularam as participantes a refletirem sobre o tema do desejo e como conduzi-lo, permitindo que construíssem reflexões próprias sobre tais questões. A intervenção nutricional se baseou no aconselhamento nutricional, que consiste num processo de suporte que auxilia o indivíduo a resolver dificuldades alimentares e potencializar seus recursos pessoais por meio de estratégias individualizadas que estimulem a responsabilidade para o autocuidado, sem a prescrição de dietas [8].

A intervenção foi oferecida pela EEFE-USP e contou com a participação de uma equipe multiprofissional (professores de educação física, nutricionistas, médico, antropólogo e filósofo). A equipe ancorou-se no princípio de que é possível manter-se "saudável" e apresentar boa qualidade de vida a despeito do excesso de peso corporal. A fim de testar essa possibilidade, lançou-se mão de métodos de pesquisa qualitativos e quantitativos (modelo misto de pesquisa).

As informações qualitativas foram coletadas por meio de três grupos focais quadrimensais, os quais foram conduzidos por um moderador experiente e um observador. Em tais discussões, abordavam-se questões pertinentes a todas as áreas envolvidas na intervenção, com auxílio de um guia de perguntas elaborado previamente pela equipe multiprofissional. Os grupos focais permitiram observar a evolução das participantes e estabelecer semelhanças e diferenças entre os diferentes momentos registrados. Além disso, forneceram subsídios capazes de nortear mudança nas estratégias utilizadas pelos profissionais, caso pertinente. Todos os grupos focais foram gravados e transcritos para posterior análise.

A cada três meses, realizaram-se avaliações antropométricas, exames de sangue e

o preenchimento de escalas e questionários autoaplicados para avaliar imagem corporal, atitudes corporais, compulsão alimentar, restrição alimentar e atitudes alimentares transtornadas. Neste artigo, reportamos apenas os achados qualitativos preliminares, obtidos a partir de grupos focais organizados ao longo da intervenção, uma vez que os dados quantitativos permanecem sob análise.

O presente projeto possui aprovação do Comitê de Ética e Pesquisa local e as participantes do curso assinaram um termo de consentimento livre e esclarecido autorizando a divulgação dos resultados.

## RESULTADOS

Há indícios de que o projeto tem atingido seus objetivos, conforme se depreende dos trechos a seguir, transcritos, com autorização das participantes (representadas por nomes fictícios com o intuito de preservar o direito ao anonimato), a partir de análises de grupos focais, conduzidos por um antropólogo (Ramiro). Em itálico, constam os apontamentos feitos por aluna de pós-graduação que atuou como observadora do grupo focal.

### Sobre a Atividade Física

“Maria – Quanto ao fato dos preparadores físicos, realmente a atitude deles para conosco é realmente algo que eu admiro muito. É... Vou contar uma coisa aqui pra vocês agora que vocês vão dizer que é loucura, mas é verdade. Eu trabalho em um CEU da prefeitura de São Paulo, e lá tem todo o tipo de ginástica, tem ioga, tem hidroginástica e eu não tenho coragem de fazer nada. Por quê? Porque eu comecei a fazer ginástica e a professora ela ficava fazendo comentários do tipo é... [engasga... começa a tentar não chorar].

Ramiro – O que falavam, Maria? Mas falavam de você? Comentários de você?

Maria – Que eu não conseguia alcançar, que eu era muito lenta...

[Ramiro descontrai o grupo, xinga a moça que falava que a Maria era lenta (risos de todas)].

Maria – E ela é minha colega de trabalho.

Ângela – É uma infeliz!

Ramiro – É uma infeliz, muito bem, Ângela!

Maria – Meio que o trauma que eu já tenho disso aumentou entendeu? (...) Porque aqui ninguém me conhecia, aqui ninguém... Entendeu? Exatamente por isso, que eu viajo pra chegar até aqui, pra não correr esse risco. [Maria fala que aqui se sente à vontade para fazer ginástica – segurando o choro – Joana faz um carinho no antebraço de Maria].”

### Sobre a Oficina Filosófica e o Aconselhamento Nutricional

“Ramiro (...) Se pensássemos em termos de ferramentas. Antes de começar todo esse programa e agora, que ferramentas vocês têm? Melhores, piores? Que elementos vocês conseguem utilizar para lidar com o assunto do peso?

Katia – Ah, de que é... Eu aprendi muita coisa assim, de que você não precisa cortar as coisas que

you like, you just have to decrease... Well, try at least, because it's difficult, because something that you like, you want to enjoy a lot, but it's... To have self-control, to try, to try, but not to stop eating what people like.

Paula – It's impossible, well.

Katia – I already did a lot of this, today I don't do more.

Paula – [Speaks with a lot of firmness and tranquility about not eating sweets, just that she likes] (...) You change some habits. Sweet is something that I always liked and I won't stop eating, but I also won't keep eating in quantity, well. The question of Odilon (philosopher of the team) makes you think a lot. The seminar with him is not here, it ended... You just reflect. Well, in the last one I had, the last one I had that I didn't attend, she commented on that transition...

Débora – To want, to want...

Paula – And I found the maximum of this. Well you just think about the whole week.

Débora – Well, everything that you want you do and you do. For example, you're in the transition, you go there and you close, you want to kill him, you don't kill. The same thing with food: you don't need to eat everything, or something similar. The desire you have, but you don't need to eat that, you understand, it's a desire that passes, it's a desire that passes, everything passes, well... So you just have to know how to control.

Paula – So in reality you are doing your self-control, well... Your self-control. Because it doesn't matter if you just do the program and then stop everything, well. This is what you really have to incorporate.

Katia – Well, it doesn't matter if you just do for one year. Well it makes people think that it's not just for now...

Paula – No, it's not just for now...

Katia – It's something that you have to take for life.

Débora – It's for life."

## DISCUSSÃO

This article brings the preliminary results obtained in the first updated edition of a community course that has as its central objective to provide health and quality of life to obese women, without, however, focusing on weight loss.

The excerpts extracted from the focus groups highlighted in this article suggest that the participants improved their eating behavior and felt welcomed and comfortable to practice physical activities, as well as to discuss aspects related to the body and body weight. In addition, the participants reported that the course was an enriching and reassuring experience and that they intended to follow up on what they learned during the intervention.

It is important to highlight that the discussed remodeling of the course – currently disseminated to the community as *Health and Well-being in Obesity* –, was made possible thanks to the invaluable participation of researchers with backgrounds and interests in research diversified and complementary that adhered to the project. In addition, it is necessary to highlight that the community course counts, currently, with the contribution of students of graduation (monitors), masters, doctorate and post-doctorate, in addition to teachers from four different institutions (University of São Paulo, Federal

de São Paulo, Universidade de Campinas e Universidade de Buenos Aires), nas áreas de Educação Física, Nutrição, Filosofia e Antropologia. O apoio institucional também merece destaque; em 2012 e 2013, o curso foi contemplado pela Pró-Reitoria de Cultura e Extensão Universitária com sete bolsas para alunos de graduação, oriundas do programa *Aprender com Cultura e Extensão*.

Não obstante o fato de que os dados finais ainda estejam sob análise, os excertos obtidos dos grupos focais permitem sugerir que o curso tem produzido uma sensível mudança na forma de pensar o corpo, a alimentação e a prática de exercício. Muitas das participantes, claramente, relegam a perda de peso para segundo plano e comemoram o fato de sentirem-se saudáveis, mesmo que obesas. Decerto, a combinação dos dados qualitativos aos quantitativos fornecerão conclusões robustas acerca da eficácia do curso, possivelmente redundado em bons resultados no âmbito da pesquisa. Ademais, cumpre destacar que compartilhamento horizontal de saberes oportunizado pelo curso possui significado pedagógico ímpar aos alunos de graduação, que ganham elementos importantes para a prática profissional.

## CONCLUSÃO

Os achados qualitativos preliminares descritos neste artigo revelam que a nova metodologia desenvolvida para o programa – com destaque à dieta não prescritiva, a compreensão ampliada do processo saúde-doença e a promoção da autonomia e protagonismo dos participantes com articulação multiprofissional – possui potencial para se tornar uma alternativa plausível capaz de promover *saúde*, em lato sensu, à mulher com excesso de peso.

Além disso, o curso tem oferecido ao aluno de graduação possibilidade de engajar-se em práticas profissionais multidisciplinares de cuidado à saúde na obesidade, que questionam o tratamento medicalizado da mesma. Por se tratar de uma intervenção plural, o aluno beneficia-se de técnicas de intervenção que serão de grande valia para a formação profissional, oferecendo-lhes oportunidade de sedimentar, na prática e de forma supervisionada, o conhecimento teórico difundido em seus cursos de graduação. Destaca-se o envolvimento destes estudantes com o trabalho interdisciplinar e interprofissional em saúde, algo essencial tendo em vista a complexidade da obesidade como objeto epistêmico e como desafio clínico e de saúde pública. Salienta-se também a exposição destes alunos às chamadas tecnologias leves [5], que são mais aconselhativas e relacionais e se centram no interesse, na escuta, no vínculo e no acolhimento. Tais tecnologias se mostram fundamentais para o trabalho humanizado em Saúde. Esforços permanecem direcionados à investigação científica acerca da exequibilidade, eficácia e segurança do programa proposto no trato da mulher com excesso de peso corporal.

## AGRADECIMENTOS

Os autores são gratos a todos os alunos de graduação e pós-graduação, técnicos e funcionários que trabalharam ao longo dos anos no curso comunitário. Em especial, faz-se menção à Professora Fernanda Scagliusi – docente da Faculdade de Saúde Pública da Universidade de São Paulo –, responsável por coordenar as ações nutricionais. Além disso, destacam-se as participações do Professor Odilon Roble – docente da Universidade de Campinas –, responsável pelas oficinas filosóficas e do Professor Ramiro Fernandez Unsain – docente da Universidad Nacional de Buenos Aires –, responsável por conduzir os grupos focais. Além disso, os autores agradecem ao apoio da Comissão de Cultura e Extensão da EEFÉ-USP e à Pró-Reitoria de Cultura e Extensão Universitária da Universidade de São Paulo, pelo apoio corriqueiro.

## REFERÊNCIAS

- [1] ABETE, I.; et al. Obesity and metabolic syndrome: Potential benefit from specific nutritional components. **Nutrition, Metabolism & Cardiovascular Diseases**. v. 21, n. 2, pp. 1-15, 2011.
- [2] BACON, L.; et al. Size acceptance and intuitive eating improve health for obese, female chronic dieters. **Journal of the American Dietetic Association**. v. 105, n. 6, pp. 929-936, 2005.
- [3] BRASIL. MINISTÉRIO DA SAÚDE. Secretaria de Atenção à Saúde. **Clínica ampliada e compartilhada**. Brasília, DF: Ministério da Saúde, p. 64, 2009.
- [4] GAGNON-GIROUARD, M.P.; et al. Psychological impact of a “Health-at-Every-Size” intervention on weight-preoccupied overweight/obese women. **Journal of Obesity**. pp. 1-12, 2010.
- [5] MERHY, E.E.; FEUERWERKER, L.C.M. Novo olhar sobre as tecnologias de saúde: Uma necessidade contemporânea. In: MANDARINO, A.C.S.; GOMBERG, E. (Org.). **Leituras de novas tecnologias e saúde**. São Cristóvão e Salvador: Editora Universidade de Feira de Santana e Editora da UFBA, pp. 29-56, 2009.
- [6] O’HARA, L.; GREGG, J. The war on obesity: A social determinant of health. **Health Promotion Journal of Australia**. v. 17, n. 3, pp. 260-263, 2006.
- [7] ROBISON, J.; PUTNAM, K.; MCKIBBIN, L. Health at every size: A compassionate, effective approach for helping individuals with weight-related concerns – Part I. **American Association of Occupational Health Nurses**. v. 55, n. 4, pp. 143-150, 2007.
- [8] SPAHN, J.M.; et al. State of the evidence regarding behavior change theories and strategies in nutrition counseling to facilitate health and food behavior change. **Journal of the American Dietetic Association**. v. 110, n. 6, pp. 879-891, 2010.

**MARIANA DIMITROV ULIAN** *doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Nutrição em Saúde Pública da Faculdade de Saúde Pública da Universidade de São Paulo (FSP-USP) – e-mail: m.dimitrov@usp.br*

**FERNANDA BAEZA SCAGLIUSI** *professora do Departamento de Nutrição da Faculdade de Saúde Pública da Universidade de São Paulo (FSP-USP) – e-mail: fernanda.scagliusi@gmail.com*

**PRISCILA DE MORAIS SATO** *doutoranda do Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Ciências da Saúde da Universidade Federal de São Paulo, campus Baixada Santista – e-mail: pri.sato@gmail.com*

**BRUNO T. MODESTO** *mestrando da Escola de Educação Física e Esporte da Universidade de São Paulo (EEFE-USP) – e-mail: brunomodesto@usp.br*

**FABIANA B. BENATTI** *doutora pela Escola de Educação Física e Esporte da Universidade de São Paulo (EEFE-USP) e pós-doutoranda da Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo (FM-USP) – e-mail: fabenatti@gmail.com*

**BRUNO GUALANO** *professor do Departamento de Biodinâmica da Escola de Educação Física e Esporte da Universidade de São Paulo (EEFE-USP) – e-mail: gualano@usp.br*

**ODILON J. ROBLE** *professor do Departamento de Educação Física e Humanidades da Faculdade de Educação Física da Universidade Estadual de Campinas – e-mail: roble@fef.unicamp.br*

**RAMIRO FERNANDEZ UNSAIN** *professor da Facultad de Filosofía y Letras da Universidad Nacional de Buenos Aires – e-mail: ramirofunsain@yahoo.co.uk*



# Instruções para o Preparo e Encaminhamento dos Trabalhos

## Instructions for Preparing and Forwarding of Papers

A *Revista de Cultura e Extensão USP*, publicação semestral da Pró-Reitoria de Cultura e Extensão Universitária, tem o objetivo de abrir espaço para pesquisadores e coordenadores de projetos de extensão desenvolvidos junto à comunidade discorrerem sobre seu trabalho nessa área, em uma linguagem acessível ao público.

Os trabalhos devem ser apresentados em língua portuguesa, devendo ser originais e inéditos, o que significa que não devem ter sido anteriormente publicados nem enviados simultaneamente para outra revista.

Os trabalhos submetidos à publicação somente poderão ser enviados em arquivo eletrônico, com formato .doc, para o e-mail [revistacultext@usp.br](mailto:revistacultext@usp.br), e não em papel. Deverá ser enviado o documento original, devidamente assinado, e também uma cópia, por e-mail, do *Termo de Concordância e Cessão de Direitos de Reprodução*, disponível para download no site [prceu.usp.br/revista](http://prceu.usp.br/revista).

A Revista não se vê obrigada a publicar todos os trabalhos submetidos. Os artigos recebidos serão avaliados pelo Comitê Editorial e por parecerista e receberão resposta quanto a sua aceitação ou não.

Após a primeira avaliação, caso sejam requisitadas alterações e correções por parte dos autores, esses terão um prazo de 30 (trinta) dias para o reenvio do artigo. Caso não atendam ao prazo, o trabalho será desqualificado.

Fica previamente informado que os trabalhos submetidos que não receberem parecer em um prazo de cinco meses – seja por motivo de avaliação negativa ou pelo não cumprimento das instruções e normas de preparação para submissão de trabalhos por parte dos autores, conforme listadas a seguir – serão desqualificados e removidos de nossos arquivos.

## PREPARAÇÃO

Os trabalhos devem ter, no mínimo, 10 e, no máximo, 15 páginas, incluindo as referências bibliográficas. O trabalho deve ser enviado digitado em espaçamento 1,5, utilizando fonte Times New Roman 12 e formato A4, com 2,5 cm nas margens superior e inferior e 2,0 cm nas margens direita e esquerda, enumerando-se todas as páginas.

Os artigos deverão ser divididos, sempre que possível, em seções com cabeçalho, na seguinte ordem:

## TÍTULO DO TRABALHO

Deve ser breve e indicativo da finalidade do trabalho. O título deverá ser apresentado em português e em inglês.

## AUTOR (ES)

Por extenso, indicando a titulação e a (s) instituição (ões) à (s) qual (ais) pertence (m). O autor para correspondência deve ser indicado com asterisco, fornecendo endereço completo, incluindo o eletrônico.

## RESUMO EM PORTUGUÊS

Deve apresentar, de maneira resumida, o conteúdo, a metodologia, os resultados e as conclusões do trabalho, não excedendo a 200 palavras.

## PALAVRAS-CHAVE

Observar o mínimo de 3 (três) e o máximo de 5 (cinco). As palavras-chave em inglês (*keywords*) devem acompanhar as em português.

## RESUMO EM INGLÊS

Deve conter o título do trabalho e acompanhar o conteúdo do resumo em português.

## INTRODUÇÃO

Deve estabelecer com clareza o objetivo do trabalho e trazer informações sobre as origens do projeto e público-alvo. Extensas revisões de literatura devem ser substituídas

por referências aos trabalhos bibliográficos mais recentes, nas quais tais revisões tenham sido apresentadas.

## **MATERIAIS E MÉTODOS**

A descrição dos métodos usados deve ser breve, porém suficientemente clara para possibilitar a perfeita compreensão e repetição do trabalho. Estudos em humanos devem fazer referência à aprovação do Comitê de Ética correspondente.

## **RESULTADOS**

Deve trazer informações sobre os impactos do projeto na comunidade e ainda sobre os benefícios alcançados para o ensino e a pesquisa. Deverão ser acompanhados de tabelas e material ilustrativo adequado.

## **DISCUSSÃO**

Deve ser restrita ao significado dos dados e resultados alcançados.

## **CONCLUSÕES**

Quando pertinentes, devem ser fundamentadas no texto.

## **REFERÊNCIAS**

A exatidão das referências é de responsabilidade dos autores. Elas devem ser organizadas de acordo com as instruções da Associação Brasileira de Normas Técnicas (ABNT) NBR 6023 e ordenadas alfabeticamente no fim do artigo, incluindo os nomes de todos os autores.

## **AGRADECIMENTOS**

Agradecimentos e outras formas de reconhecimento devem ser mencionados após a lista de referências.

## **CITAÇÕES NO TEXTO**

As citações bibliográficas inseridas no texto devem ser indicadas por numerais

arábicos entre colchetes. Quando for necessário mencionar o (s) nome (s) do (s) autor (es) no texto, a seguinte deverá ser obedecida:

- » Até 3 (três) autores: citam-se os sobrenomes dos autores;
- » Mais que 3 (três) autores, cita-se o sobrenome do primeiro autor, seguido da expressão latina *et al.*;
- » Caso o nome do autor não seja conhecido, a entrada é feita pelo título.

## CITAÇÕES NA LISTA DE REFERÊNCIAS

A literatura citada no texto deverá ser listada em ordem alfabética e numerada de forma sequencial, usando numerais arábicos entre colchetes. A lista de referências deve seguir os padrões mínimos estabelecidos pela ABNT NBR 6023, de agosto de 2002, resumidos a seguir:

### Livro no todo

Autor (es), título em negrito, edição, local, editora e ano de publicação.

- » Exemplo: BACCAN, N.; ALEIXO, L. M.; STEIN, E.; GODINHO, O. E. S. **Introdução à semimicroanálise qualitativa**. 6. ed. Campinas: Editora da Unicamp, 1995.

### Livro em parte

Autor (es) e título da parte, acompanhados da expressão *in*, da referência completa do livro, do capítulo e da paginação.

- » Exemplo: SGARBIERI, V. C. Composição e valor nutritivo do feijão *Phaseolus vulgaris* L. *In*: BULISANI, E. A. (Ed.). **Feijão: fatores de produção e qualidade**. Campinas: Fundação Cargill, 1987. cap. 5, p. 257-326.

### Artigo em publicação periódica

Autor (es) e título da parte, título da publicação em negrito, local (quando possível), volume, fascículo, paginação, data de publicação.

- » Exemplo: KINTER, P. K.; van BUREN, J. P. Carbohydrate interference and its correction in pectin analysis using the m-hydroxydiphenyl method. **Journal Food Science**, v. 47, n. 3, p. 756-764, 1982.

### Artigo apresentado em evento

Autor (es), título da parte, seguido da expressão *in*., título do evento, numeração do

evento (se houver), local (cidade) e ano de realização, título da publicação em negrito, local, editora, data de publicação e paginação.

- » Exemplo: BRAGA, A. L.; ZENI, G.; MARTINS, T. L.; STEFANI, H. A. Síntese de calcogenoeninos. *In*: REUNIÃO ANUAL DA SOCIEDADE BRASILEIRA DE QUÍMICA, 18, Caxambu, 1995. **Resumos**. São Paulo: Sociedade Brasileira de Química, 1995. res. QO-056.

### Dissertação, tese e monografia

Autor, título em negrito, ano da defesa, número de páginas, descrição do trabalho acadêmico, grau e área de conhecimento, a vinculação acadêmica, local e ano de aprovação.

- » Exemplo: CAMPOS, A. C. **Efeito do uso combinado de ácido láctico com diferentes proporções de fermento láctico mesófilo no rendimento, proteólise, qualidade microbiológica e propriedades mecânicas do queijo minas frescal**. 2000. 80p. Dissertação (Mestre em Tecnologia de Alimentos) – Faculdade de Engenharia de Alimentos, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2000.

### Trabalho em meio eletrônico

As referências devem obedecer aos padrões indicados, acrescidas das informações relativas à descrição física do meio eletrônico (disquete, CD-ROM, on-line etc.), de sua localização (em caso de páginas eletrônicas) e data de acesso.

- » Exemplo: SÃO PAULO (Estado). Secretaria do Meio Ambiente. Tratados e organizações ambientais em matéria de meio ambiente. *In*: **Entendendo o meio ambiente**. São Paulo: SMA, 1999. p. 7-14. Disponível em: <<http://www.bdt.org.br/sma/entendendo/atual.htm>>. Acesso em: 8 mar. 1999.

### Legislação

Jurisdição e órgão judiciário competente, título, numeração, data e dados da publicação.

- » Exemplo: BRASIL. Portaria nº. 451, de 19 de setembro de 1997. Regulamento Técnico Princípios Gerais para o Estabelecimento de Critérios e Padrões Microbiológicos para Alimentos. **Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil**, Poder Executivo, Brasília, DF, 22 set. 1997, Seção 1, n. 182, p. 21005-21011.

## GRÁFICOS, IMAGENS E TABELAS

As tabelas deverão ser numeradas com algarismos arábicos, sempre providos de título

claro e conciso. As tabelas deverão ser criadas no próprio arquivo *.doc* ou ser enviadas separadamente, por e-mail, em arquivo *.xls*.

Os gráficos deverão ser numerados com algarismos arábicos, sempre providos de título claro e conciso.

Se no trabalho houver a inclusão de imagem (s), esta (s) deverá (ão) ser enviada (s) em arquivo separadamente, com formato *.jpg* e com resolução de, no mínimo, 400 dpis, ou um megabyte (1MB) de tamanho.

## OS ARTIGOS DEVEM SER ENVIADOS EM ARQUIVO ELETRÔNICO PARA O E-MAIL:

revistacultext@usp.br

## TERMO DE CONCORDÂNCIA E CESSÃO DE DIREITOS DE REPRODUÇÃO (disponível para download no site [prceu.usp.br/revista](http://prceu.usp.br/revista))

O (s) abaixo assinado (s) \_\_\_\_\_, autor (es) do artigo intitulado \_\_\_\_\_, declaram tê-lo lido e, aprovando-o na sua totalidade, concordam em submetê-lo à Revista Cultura e Extensão USP para avaliação e possível publicação como resultado original. Esta declaração implica que o artigo, independente do idioma, não foi submetido a outros periódicos ou revistas com a mesma finalidade.

Declaro (amos) que aceito (amos) ceder os direitos de reprodução gráfica para a Pró-Reitoria de Cultura e Extensão Universitária da Universidade de São Paulo (PRCEU-USP), no caso do artigo com o título descrito acima, ou com o título que posteriormente venha a ser adotado para atender às sugestões de editores e revisores, seja publicado pela *Revista de Cultura e Extensão USP* ou quaisquer periódicos e meios de comunicação e divulgação da PRCEU-USP. Em adição (necessário se existir mais que um autor), concordamos em nomear \_\_\_\_\_ como o autor a quem toda a correspondência e separatas deverão ser enviadas.

Cidade:

Endereço:

Data:

Nome (s) e assinatura (s):



Título *Revista de Cultura e Extensão USP*  
Ilustrações Thiago Akioka  
Revisão de texto Eduardo Valmobida e Kellen Nascimento (apoio)  
Projeto gráfico Ricardo Assis – Negrito Produção Editorial  
Supervisão de produção  
editorial Verônica Cristo  
Editoração eletrônica Thiago Akioka

Formato 205 x 265 mm  
Fontes Avenir e Arno Pro  
Papel do miolo Alta alvura 90 g/m<sup>2</sup>  
Papel da capa Cartão Triplex 250 g/m<sup>2</sup>  
Número de páginas 140  
CTP, impressão e acabamento Global Print Editora Gráfica



"PENSAR EM CIDADANIA É PENSAR EM COOPERAÇÃO SOCIAL" » AFINAL, O QUE É CIDADANIA? » ENERGIA E SUSTENTABILIDADE » AS PRÁTICAS DE LEITURA LITERÁRIA E A LITERATURA INFANTIL NO ACERVO DO ESTÁGIO DE FORMAÇÃO DO EDUCADOR EM SERVIÇO – EFES: RESULTADOS E ANÁLISES PRELIMINARES DE UM PROJETO DE PESQUISA E EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA » CENÁRIO DE PRÁTICAS PARA A FORMAÇÃO UNIVERSITÁRIA: O OLHAR DOS ESTUDANTES » DIA SEM CARNE: RELATO DE UM PROJETO DE EXTENSÃO » DIFUSÃO DE CIÊNCIAS: UM INSTRUMENTO PARA INCLUIR SOCIALMENTE E DESPERTAR VOCAÇÕES CIENTÍFICAS E TECNOLÓGICAS EM JOVENS DE TODO O PAÍS » DIVULGAÇÃO CIENTÍFICA EM ASTRONOMIA NO OBSERVATÓRIO ABRAHÃO DE MORAES » POLÍTICAS DE CONTROLE DA DESORDEM URBANA: A EXPERIÊNCIA DAS UNIDADES DE ORDEM PÚBLICA NA CIDADE DO RIO DE JANEIRO » SAÚDE E BEM-ESTAR NA OBESIDADE: PARADOXO OU POSSIBILIDADE?